



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

IAN LEZAN SALVADOR

**COMPOSTOS MORFOLÓGICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA (SÉCS. XVI E XVII):
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL**

**SALVADOR
2023**

IAN LEZAN SALVADOR

COMPOSTOS MORFOLÓGICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA (SÉCS. XVI E XVII):
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de pós-Graduação em Língua e Cultura - PPGLinC, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Antonia Vieira dos Santos.
Coorientador: Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto.

SALVADOR
2023

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Salvador, Ian Lezan.

Compostos morfológicos na língua portuguesa (sécs. XVI e XVII): uma abordagem construcional / Ian Lezan Salvador. – 2023..
175 f. : il.

Inclui apêndices.

Orientadora: Profa. Dra. Antonia Vieira dos Santos

Co-orientador: Prof. Dr. Nativel Almeida Simões Neto

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras,
Programa de pós-Graduação em Língua e Cultura, Salvador, 2023

1. Morfologia 2. Composição de palavras. 3. Compostos morfológicos. 4.
Língua portuguesa. I. Santos, Antonia Vieira, orient II. Simões Neto, Nativel
Almeida, co-orient. III. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. IV.
Título.

CDD - 428.24
CDU - 811.111 (07)



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA (PPGLINC)

ATA Nº 10

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA (PPGLINC), realizada em 29/09/2023 para procedimento de defesa da Dissertação de Mestrado EM LÍNGUA E CULTURA no. 10, área de concentração HISTÓRIA E FUNCIONAMENTO DAS LÍNGUAS NATURAIS / LINHA - LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, FILOGIA E HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA, do candidato IAN LEZAN SALVADOR, de matrícula 2021127257, intitulada COMPOSTOS MORFOLÓGICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA (SÉCS. XVI E XVII): UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL. Às 14:00 do citado dia, Via Webconferência, foi aberta a sessão pela presidente da banca examinadora Profª. Dra. ANTONIA VIEIRA DOS SANTOS que apresentou os outros membros da banca: Profª. Dra. JULIANA SOLEDADE BARBOSA COELHO e Prof. Dr. CARLOS ALEXANDRE VICTORIO GONÇALVES. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pela presidente que passou a palavra ao examinado para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer, destacando os seguintes aspectos: (a) a originalidade do tema; (b) o rigor metodológico na coleta e no tratamento dos dados e (c) o bom domínio do arcabouço teórico. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo candidato, tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pela presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dr. CARLOS ALEXANDRE VICTORIO GONÇALVES,
UFRJ

Examinador Externo à Instituição

Dra. JULIANA SOLEDADE BARBOSA COELHO, UFBA

Examinadora Interna

Dra. ANTONIA VIEIRA DOS SANTOS, UFBA

Presidente

IAN LEZAN SALVADOR

Mestrando



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

IAN LEZAN SALVADOR

**COMPOSTOS MORFOLÓGICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA (SÉCS. XVI E XVII): UMA
ABORDAGEM CONSTRUCIONAL**

Dissertação defendida em 29 de setembro de 2023 e APROVADA pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Antonia Vieira dos Santos
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura
Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Membro interno/Orientador

Profa. Dra. Juliana Soledade Barbosa Coelho
Doutora em Letras e Linguística
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Membro interno

Prof. Dr. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves
Doutor em Linguística
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Membro externo

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todos que me ajudaram neste percurso não é a tarefa mais fácil a se fazer, mas acredito que demonstrar gratidão a quem torna minha existência menos insignificante na transitoriedade da natureza humana é ação necessária. Por isso, agradeço:

À Prof^ª. Dra. Antonia Vieira dos Santos, por ter aceitado ser minha orientadora, pela responsabilidade e seriedade dedicada, pelo conhecimento, pelas leituras, pelas recomendações, pelas conversas, por tudo;

Ao Prof. Dr. Nival Simões Neto, por ter me dado a oportunidade de amadurecer teoricamente na morfologia, pelas (co)orientações e pela convivência;

Ao Prof. Dr. Carlos Alexandre Gonçalves e à Prof^ª. Dra. Juliana Soledade, pelas contribuições dadas no exame de qualificação;

Ao meu pai, que me mostrou que a vida mais dialética do que linear e sempre me apoiou emocional e financeiramente, mesmo nos meus planos mais insanos;

À minha mãe, pelo apoio, torcida e amor;

Aos amigos de UnB, em especial Cássia e Jussara, que, mesmo com minhas ausências, sempre se fizeram presentes e preocupadas;

Ao Diêgo, por compartilhar comigo reflexões, sentimentos e inseguranças relacionadas à pós-graduação;

Aos colegas do PPGLINC, em especial à Vanessa, pela ajuda e pela amizade;

Aos seres mais importantes da minha vida, gatos, Solzinho e Órion, os quais dão sentido à minha vida, me ajudam a lidar com as infidelidades do meio, me dedicam amor e, mais do que qualquer pessoa, me acompanharam nas madrugadas em claro dedicadas ao término deste trabalho.

SALVADOR, I. L. **Compostos morfológicos na língua portuguesa (sécs.XVI E XVII): uma abordagem construcional**. 2023. Orientadora: Prof.a Dr.a Antonia Vieira dos Santos. Coorientador: Prof. Dr. Nival Almeida Simões Neto. 175f.. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

RESUMO

Este estudo sobre os compostos morfológicos em língua portuguesa nos séculos XVI e XVII busca contribuir para a descrição desse fenômeno em perspectiva histórica. Dessa forma, visamos à ampliação das pesquisas sobre os processos de formação de palavras em fases recuadas da língua portuguesa sobre a composição. Além disso, tomamos, nesta pesquisa, pressupostos teórico-metodológicos da Morfologia Construcional, de forma a adotar as noções de construções e de esquemas, ideias não comportadas por correntes gerativistas. Em relação ao corpus, foi feito o levantamento de compostos morfológicos a partir de 20 textos selecionados do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe, fonte composta de textos em língua portuguesa da autoria de autores nascidos entre entre 1380 e 1978. Com isso, descrevemos e analisamos 26 elementos de composição, percorrendo questões relevantes para o estudo da composição morfológica, como as fronteiras entre a composição e a afixação e a produtividade do fenômeno estudado.

Palavras-chave: morfologia; composição de palavras; compostos morfológicos; história da língua portuguesa

SALVADOR, I. L. **Compostos morfológicos na língua portuguesa (sécs.XVI E XVII): uma abordagem construcional**. 2023. Orientadora: Prof.a Dr.a Antonia Vieira dos Santos. Coorientador: Prof. Dr. Nival Almeida Simões Neto. 175f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

ABSTRACT

This research whose focus is the morphological compounds in Portuguese in the 16th and 17th centuries aims to contribute to describing this phenomenon from a historical perspective. In this way, we aim to expand studies on the word formation process during the earliest periods of Portuguese language, especially on compounding. In addition, we adopted theoretical and methodological assumptions of Construction Morphology, so we apply the concepts of construction and scheme, ideas that generative theory did not support. For the corpus, we gathered morphological compounds on the basis of 22 texts selected from Corpus Histórico do Português Tycho Brahe, a resource which contains texts in Portuguese written by authors that were born between 1380 and 1978. As a result, we describe and analyze 26 elements, covering relevant questions for the study of morphological compounding, such as the boundaries between composition and affixation, and the productivity of the studied phenomenon.

Keywords: morphology; compound words; morphological compounds; history of portuguese language

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Séries associativas de <i>quadruplex</i>	21
Figura 2 - Esquemas e subesquemas de X-dor.....	34
Figura 3 – Esquema com o formativo – dor.....	35
Figura 4 – Esquema com o formativo - <i>ismo</i>	35
Figura 5 - Esquema das construções X-grafia.....	79
Figura 6 – Esquema construcional X-grafia.....	80
Figura 7 – Esquema das construções X-logia.....	82
Figura 8 – Esquema construcional X-logia.....	83
Figura 9 – Esquema construcional X-mancia.....	85
Figura 10 – Estilobata e esteribata.....	89
Figura 11 - Esquema construcional X-légio.....	96
Figura 12 - Esquema construcional X-scopo.....	102
Figura 13 - Esquema X-scopo.....	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Correspondências de Rask para as mudanças consonantais do alemão	17
Quadro 2 – Construções para Goldberg (2006)	31
Quadro 3 – Adaptação da tipologia de empréstimos de Thomason e Kaufman (1988)	40
Quadro 4 - Complemento de Villalva (2020) à tipologia de Thomason e Kaufman (1988)	41
Quadro 5 – Textos selecionados para a constituição do corpus	42
Quadro 6 - Compostos subordinados em latim.....	48
Quadro 7 – Padrões de compostos com a vogal -i-.....	50
Quadro 8 - Comparação entre compostos morfológicos e morfossintáticos	54
Quadro 9 – Realizações segmentais de preposições e prefixos	64
Quadro 10 - Constituintes de composição com posição variável	66
Quadro 11 – Afixos acoplados a elementos composicionais.....	67
Quadro 12 – Verbos usados por crianças em idade pré-escolar	73
Quadro 13 – Formativos associados ao sufixo -ia	76
Quadro 14 – Compostos com -graf-	77
Quadro 15- significado das formas com -grafia	79
Quadro 16 - compostos com -log-	80
Quadro 17 - Significado das formas com -logia	82
Quadro 18- Compostos com -mancia ou -mante	83
Quadro 19 - significado das formas com -mancia	84
Quadro 20– Agentes e ciências.....	85
Quadro 21 - Compostos com -bata.....	88
Quadro 22 - Significado das formas com -bata.....	88
Quadro 23 - Compostos com -cracia	92
Quadro 24 - Significado das formas com -cracia	93
Quadro 25 - compostos com -glífico.....	94
Quadro 26 - Compostos com – leg-	95
Quadro 26 - Compostos com -metria ou -metrico	97
Quadro 27 - Compostos com -nom-	98
Quadro 28 – significados dos compostos com -nomia	99
Quadro 29 – Compostos com -nomia	99
Quadro 30- Compostos com -sof-.....	102
Quadro 31 - Compostos com -fero	106
Quadro 32 - construções com -fic-	107
Quadro 33 - Construções com -ico	110

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LC - Linguística Cognitiva

MC - Morfologia Construcional

PROHPOR - Programa para a História da Língua Portuguesa

RFPs- regras de formação de palavras

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A MORFOLOGIA EM DIFERENTES ABORDAGENS TEÓRICO METODOLÓGICAS	17
3. METODOLOGIA	37
3.1 REFLEXÕES INICIAIS.....	37
3.2 DESCRIÇÃO E JUSTIFICAÇÃO DO CORPUS.....	39
4. A COMPOSIÇÃO EM LATIM	45
4.1 A COMPOSIÇÃO EM LATIM: DEFINIÇÃO E FINALIDADES	45
4.2 ORDEM E RELAÇÕES SINTÁTICAS NOS COMPOSTOS LATINOS	47
4.3 VOGAL DE LIGAÇÃO EM COMPOSTOS DO LATIM.....	49
4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A HERANÇA LATINA NA COMPOSIÇÃO	52
5. A COMPOSIÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS: OS COMPOSTOS MORFOLÓGICOS	53
5.1 DEFINIÇÕES	53
5.2 COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA OU COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA?	58
5.3 VOGAL DE LIGAÇÃO	61
5.4 FRONTEIRAS ENTRE DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO.....	62
5.5 PRODUTIVIDADE	71
6. COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA NOS SÉCULOS XVI E XVII: OS DADOS NO CORPUS	75
6.1 INTEGRAÇÃO DE FORMATIVOS E DO SUFIXO -IA	76
6.2 PADRÕES MAIS FREQUENTES	77
6.2.1 X-grafo e X-grafia	77
6.2.2 X-logo, X-logia e X-log(ico)	80
6.2.3 X-mancia e X-mante.....	83
6.2.4 Relação entre agente e ciência.....	85
6.3 PADRÕES MENOS FREQUENTES	87
6.3.1 X-bata	88
6.3.2 X-cultor.....	89
6.3.3 X-cida e X-cídio	90
6.3.4 X-cídio.....	91
6.3.5 X-cinio	91
6.3.6 X-cornio.....	92

6.3.7 X-cracia	92
6.3.8 X-glífico	93
6.3.9 X-lábio.....	95
6.3.10 X-legio.....	95
6.3.11 X-loquio.....	96
6.3.12 X-metria e X-métrico.....	97
6.3.13 X-nomia.....	98
6.3.14 X-nomia.....	99
6.3.15 X-poli.....	100
6.3.16 X-scopo.....	101
6.3.17 X-sofo e X-sofia	102
6.4 OUTROS PADRÕES.....	103
6.4.1 Gramaticalização	103
6.4.2 -(i)fero.....	105
6.4.3 (i)fic-.....	107
6.4.4 X-fixo.....	109
6.5 DO SUFIXO -ICO.....	109
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	114

1. INTRODUÇÃO

Trata-se esta dissertação de uma contribuição para a descrição morfológica da língua portuguesa dos séculos XVI e XVII, período em que houve reformulações do léxico do português, motivadas por ideias renascentistas de valorização do grego e do latim. Acreditamos, então, que essa concepção contribuiu para a entrada de diversos compostos morfológicos, como *quiromante* e *fratricida*, na língua portuguesa. Esses compostos, que têm como característica principal serem formados por pelo menos um radical preso, ainda são poucos estudados e, em perspectiva histórica, há ainda poucas publicações na área.

Diante disso, esta pesquisa busca diminuir uma lacuna nos estudos históricos sobre a composição e, em especial, sobre a composição morfológica. No âmbito do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), podem ser destacadas algumas pesquisas acerca da composição, como o trabalho de Santos (2009) sobre os compostos sintagmáticos nominais no português arcaico, as pesquisas de Borges e Santos (2020) sobre as palavras compostas de configuração Nome-Nome na Crónica de D. João (séc. XV) e a dissertação de Borges (2021) sobre os compostos [NN]N no português clássico, contudo, esses trabalhos não têm como objeto de pesquisa a composição morfológica.

Pretende-se, então, estudar os compostos morfológicos numa perspectiva histórica, a partir de dados dos séculos XVI e XVII, período que contempla o Renascimento, movimento que resgata valores da antiguidade clássica, e que, linguisticamente, corresponde à entrada de inúmeros latinismos no léxico da língua portuguesa. Nessa feição histórica da língua, temos como objetivo principal descrever e analisar os compostos morfológicos, de forma a perceber como são formados e qual a função desses compostos na língua portuguesa. Além disso, tomamos, nesta pesquisa, pressupostos teórico- metodológicos da Morfologia Construcional, de forma a adotar as noções de construções e de esquemas, ideias não comportadas por correntes gerativistas.

Esta dissertação é composta, estruturalmente, por sete capítulos, incluindo esta breve introdução, além das referências e dos apêndices. No capítulo intitulado *A morfologia em diferentes abordagens teórico-metodológicas*, faz-se um panorama da linguística, especialmente da morfologia, em diferentes abordagens teóricas a partir do fim do século XIX. Com isso, percorremos as principais contribuições de diferentes teorias para a morfologia, desde o estruturalismo, perpassando pelo gerativismo e, finalmente, a morfologia construcional (MC), que norteia este trabalho. Essa teoria, a qual emprega esquemas que se configuram como

uma estrutura de dados para representar os conceitos genéricos armazenados na memória (BOOIJ, 2010), é proveitosa aos estudos de processos morfológicos que exibem características tanto da composição quanto da derivação, situação da composição morfológica.

No capítulo 3, focado nos aspectos metodológicos que direcionam este trabalho, passamos, inicialmente, por uma reflexão acerca das limitações existentes na recolha de dados em pesquisas focadas em sincronias pretéritas da língua. Em seguida, explicitamos a metodologia desta pesquisa, assim, salientamos que os dados utilizados nesta pesquisa foram obtidos a partir de 20 textos disponibilizados pelo *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, fonte composta de textos em língua portuguesa da autoria de autores nascidos entre 1380 e 1978, o qual atende a duas demandas: a qualidade filológica e a adequação para as ferramentas, sendo os materiais selecionados *fac-simile*, transcrições de manuscrito ou transcrição da impressão original. Após a seleção de textos de diferentes gêneros, foram coletadas todas as formas de composição morfológica, processo que foi auxiliado pela utilização do pacote de software *WordSmith Tools*, o qual permitiu a listagem de todas as palavras dos textos.

Com esse processo, obtivemos 47 compostos, formados a partir de 26 elementos de composição, alguns formados a partir de um sufixo (-ia ou -ico) anexado à base. Então, descrevemos e analisamos 26 elementos de composição, os quais foram disponibilizados em apêndice, em que se apresentam também a etimologia, o significado e as averbações, nas quais há, entre parênteses retos, a sigla da fonte textual e a localização da ocorrência. Ademais, esses compostos receberam códigos, em que as letras A e B indicam o século (XVI ou XVII) e os números dizem respeito à ordem de organização do trabalho.

Após estes capítulos, passamos, no capítulo 4, às descrições da composição em latim, língua que “contribuiu, de forma ininterrupta, ao longo de toda a nossa história linguística, para melhorar as possibilidades expressivas do nosso idioma” (MAIA, 1999, p. 85). A composição latina, apesar de ser considerada um processo de baixa produtividade, trouxe algumas particularidades para os compostos da língua portuguesa. Por conseguinte, evidenciamos, nesse capítulo, que o padrão de composição clássico foi incorporado à língua portuguesa e a emergência de uma vogal de ligação entre os elementos do composto também parece ser característica da composição latina.

De natureza descritiva, o capítulo 5 — *A composição de palavras em português: os compostos morfológicos* — caracteriza o fenômeno estudado nesta dissertação: a composição morfológica. Além disso, levantamos algumas reflexões sobre as escolhas terminológicas adotadas neste trabalho e também perpassamos questões relacionadas à vogal de ligação. Neste

capítulo, ainda explicitamos alguns pontos que são aprofundados nesta pesquisa: a) as fronteiras entre a derivação e a composição, em que defendemos não existir um rígido limite entre os fenômenos; e b) a produtividade, aqui abordada levando em consideração a frequência *type* e a capacidade de um esquema instanciar novas formas.

O capítulo 6, intitulado *Composição morfológica nos séculos xvi e xvii: os dados no corpus*, é dedicado à análise dos dados recolhidos no *corpus* adotado para este trabalho. Essa análise levou em conta os polos formais e semânticos das construções. Além disso, indicamos a (im)produtividade dos padrões aqui estudados. Ademais, também trazemos algumas reflexões sobre a relação existente entre as formas que denominam os agentes e as que denominam a ciência, negando a ideia de uma derivação unidirecional. No mais, observamos questões relacionadas à frágil fronteira existente entre a derivação e a composição, corroborada pelo fenômeno da gramaticalização.

Por fim, nas considerações finais, retomamos os principais pontos tratados ao longo deste trabalho. Assim, concluímos que, no período enfocado, houve um aumento na entrada de compostos morfológicos na língua portuguesa, porém a maioria constitui-se empréstimos e preserva características formais da composição clássica, além de considerarmos que esse fenômeno, na sincronia estudada, tem pouca produtividade. No mais, evidenciamos que são necessários maiores estudos para a defesa da gramaticalização como afixos da maioria dos elementos aqui estudados.

2. A MORFOLOGIA EM DIFERENTES ABORDAGENS TEÓRICO METODOLÓGICAS

É fato que, nos estudos de morfologia, há diferentes teorias e que, desde as correntes comparativistas do século XIX até a linguística contemporânea, diversas foram as discussões epistemológicas nessa área. Nesta seção, então, lançamos uma reflexão sobre diferentes perspectivas teórico-metodológicas adotadas em pesquisas na área da morfologia.

Apesar de os movimentos linguísticos anteriores ao século XX ainda serem incipientes e, metodologicamente, terem como foco questões fonéticas, algumas reflexões sobre a morfologia, principalmente no que diz respeito a aspectos flexionais, já eram manifestadas. Nesse sentido, no século XIX, seguindo a agenda comparativista, cujo objetivo era o estabelecimento de uma protolíngua, destacam-se alguns autores: Rask, Bopp e Grimm.

Nesse período, as pesquisas do filólogo dinamarquês Rasmus Rask sobre línguas germânicas ficaram conhecidas pelo estabelecimento de correspondências fonéticas (Quadro 1). Todavia, para além da comparação de sons, o autor já entendia alguns conceitos de morfologia, conforme Viaro (2017, p. 67) aponta

As correspondências que Rask encontra entre o mesogótico, o islandês, o grego e o latim não se circunscrevem apenas à apresentação de tabelas de vogais e consoantes (antecedendo Grimm, como se verá), mas também apontam para semelhanças estruturais, como em Gyarmathi. Apresentam-se equivalências de casos, pronomes, numerais e conjugações verbais.

Quadro 1 - Correspondências de Rask para as mudanças consonantais do alemão

Correspondência	Exemplos
p para f:	platus 'largo' ~ flatur 'plano' patēr ~ fadir 'pai'
t para þ:	treis ~ þrír 'árvore' tego ~ þek 'cobertura, telhado' tu ~ þu 'tu'
k para h:	kreas 'carne' ~ hræ 'corpo morto' cornu ~ horn 'chifre' cutis ~ hud 'pele'

Fonte: Salmons (2021, p. 21)

Franz Bopp, linguista alemão, autor de *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita, em confronto com o das línguas grega, latina, persa e germânica* (1816)¹¹, leva o programa comparativista às últimas consequências, demonstrando, por meio do estudo da morfologia verbal de cada uma dessas línguas, as correspondências sistemáticas que havia entre elas, fundamento para se revelar seu efetivo parentesco (FARACO, 2005). Nessa obra, o autor traz ideias pertinentes à morfologia, apresentando as flexões orgânicas²², evidenciando a oposição entre forma e significado e fazendo uma revisão das classes de palavras (VIARO, 2017). Além disso, na reconstrução da protolíngua, Bopp segmenta as “marcas” das pessoas dos verbos, as quais podem ser consideradas como precursoras dos morfemas modernos (VIARO, 2017).

O pensamento do linguista alemão Jacob Grimm, cuja importância é atribuída à formulação da Lei de Grimm, também inclui noções de morfologia. Dessa forma, o autor identifica, na língua original, além de três consoantes e três vogais básicas, três declinações, três gêneros, três pessoas, três vozes e três tempos (VIARO, 2017).

Não obstante o desenvolvimento de algumas noções da morfologia³³ ainda no século XIX, foi só a partir do século XX que estudos morfológicos ganharam maior relevância. Com os movimentos estruturalistas, gerativistas e funcionalistas, acirram-se os debates sobre a linguística e sobre a própria (existência da) morfologia, o que, conseqüentemente, traz uma ampliação da quantidade de pesquisas nessa área e um amadurecimento teórico-epistemológico.

O Estruturalismo linguístico remonta a Ferdinand de Saussure, cujo pensamento, materializado na obra *Cours de linguistique générale*, publicada em 1916, chegou até nós graças à iniciativa de dois dos seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye. Embora essa obra seja póstuma — o que faz com que nem sempre seja fácil afirmar com certeza qual era o pensamento de Saussure a respeito de alguma faceta da língua humana ou de algum fenômeno linguístico (VIOTTI, 2013), — ela foi, inquestionavelmente, inovadora para os estudos linguísticos. Saussure (2006, p. 13) considera que “a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão”. Apesar da importância dada aos estudos da linguagem, para a linguística estruturalista saussuriana, é relevante o estudo não da linguagem em sua totalidade, mas da língua, a qual “não se confunde

¹ Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache.

² Metáfora advinda da História Natural (VIARO, 2017).

³ O termo morfologia aqui está sendo utilizado em aplicação à linguística do século XIX.

com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (SAUSSURE, 2006, p. 17). Com isso, a língua é

um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2006, p. 21).

Sendo assim, a linguagem, nesta perspectiva, tem duas faces: a língua e a fala. Então, para Saussure (2006, p. 27)

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica.

Por conseguinte, uma vez que a língua é “objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 22), ela é eleita como objeto de estudo estruturalista. Conforme a visão estruturalista, é possível estudar a língua separadamente, o que leva a uma subordinação da fala à língua. Ou seja, “todos os outros elementos da linguagem, que constituem a fala, vêm por si mesmos subordinar-se a esta primeira ciência e é graças a tal subordinação que todas as partes da Linguística encontram seu lugar natural” (SAUSSURE, 2006, p. 26).

Ainda tomando como base o *Cours de linguistique générale*, é relevante expor de que modo é possível apreender uma análise morfológica saussuriana. Para isso, percorremos um “duplo sistema”, interpretado como a dicotomia *sintagma* e *paradigma*.

A língua — objeto de estudo da linguística saussuriana — funciona a partir de um conjunto de relações. Assim, por um lado, há relações sintagmáticas, em que “no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 142) e, por outro lado, há relações paradigmáticas (ou associativas, termo utilizado por Saussure), em que “fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (SAUSSURE, 2006, p. 142). Consequentemente, compreende-se que “a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual” (SAUSSURE, 2006, p. 143).

Um sintagma, pela teoria saussuriana, para além de palavras, pode também ser constituído por uma palavra composta ou derivada, por um membro de frase ou por uma frase inteira. Além

disso, conforme Saussure (2006, p. 144)

Não basta considerar a relação que une entre si as diversas partes de um sintagma (por exemplo, *contra* e *todos* em *contra todos*, *contra* e *mestre* em *contramestre*); cumpre também levar em conta a que liga o todo com as diversas partes (por exemplo: *contra todos* opostos, de um lado, a *contra*, e de outro a *todos*, ou *contramestre* oposto, de um lado, a *contra* e de outro a *mestre*).

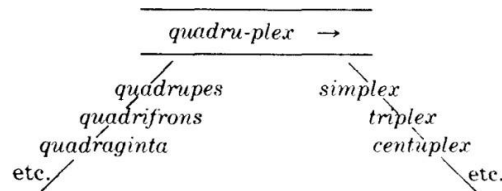
Saussure (2006, p. 145) defende que os sintagmas pertencem à língua, assim, “cumpre atribuir à língua e não à fala todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares.” Isso é demonstrado pela palavra *indeclinável*, cuja realização na fala é possível devido à lembrança de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua (imperdoável, intolerável, infatigável etc.) (SAUSSURE, 2006).

Quanto às relações paradigmáticas, não se trata de uma simples aproximação de termos que têm algo em comum, mas que concebe, para além disso, a natureza das relações que os unem. Ou seja, além de um elemento comum, essas relações podem ser dadas por analogia de significados ou ainda pela convergência das imagens acústicas e, ao contrário dos sintagmas, “não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada” (SAUSSURE, 2006, p. 146).

Sendo assim, a língua, para Saussure, funciona por meio dessas relações. Há, ainda, uma propriedade — *solidariedade sintagmática* — de quase todas as unidades da língua, as quais “dependem seja do que as rodeia na cadeia falada, seja das partes sucessivas de que elas próprias se compõem” (SAUSSURE, 2006, p. 148). Com isso, destaca-se o exemplo de análise da palavra *desejoso*:

Uma unidade como *desejoso* se decompõe em duas subunidades (*desej* - *oso*), mas não se trata de duas partes independentes simplesmente juntadas uma à outra (*desej* + *oso*). Trata-se de um produto, uma combinação de dois elementos solidários, que só têm valor pela sua ação recíproca numa unidade superior (*desej* x *oso*). (SAUSSURE, 2006, p. 148).

Sob essa ótica, no estruturalismo saussuriano, a formação de palavras está ligada a uma simultaneidade de duas formas de agrupamento. Isso é demonstrado por Saussure (2006, p. 150), na análise de *quadruplex*, o qual “é um sintagma, é porque se apoia em duas séries associativas.” Portanto, *quadruplex* só é analisável por ser possível opor *quadru* a *plex*. Se formas em *quadru-*, como *quadrupes* ou *quadraginta*, ou em *-plex*, por exemplo *simplex* e *triplex*, não existissem, esta palavra não seria analisável. Essa é análise na figura 1:

Figura 1 – Séries associativas de *quadru-plex*

Fonte: Saussure (2006, p. 150)

Apesar de alguns avanços teóricos e metodológicos para a morfologia empreendidos pela teoria estruturalista saussuriana, foi só com Bloomfield (1933), um dos principais expoentes do Estruturalismo americano, que a morfologia ganhou um aprofundamento teórico. O autor faz suas reflexões linguísticas a partir de um panorama behaviorista, em que, acerca da aquisição da fala, afirma que

Toda criança que nasce em um grupo adquire hábitos de fala e resposta nos primeiros anos de sua vida. Este é, sem dúvida, o maior feito intelectual que qualquer um de nós é obrigado a realizar (BLOOMFIELD, 1973, p. 29, tradução nossa⁴).

Embora correntes behavioristas tenham sido fortemente criticadas ao longo do século XX, o autor tem êxito ao trazer inovações à morfologia, a qual é distinta da sintaxe, pois “[...] engloba a construção de palavras e de partes de palavras, enquanto a sintaxe engloba a construção de frases” (BLOOMFIELD, 1973, p. 207, tradução nossa⁵). Dessa forma, o autor desenvolve a noção de morfema e estabelece classificações tipológicas enfocando a morfologia das línguas.

Portanto, o morfema bloomfieldiano é “uma forma linguística que não tem nenhuma semelhança fonético-semântica parcial com qualquer outra forma [...]” (BLOOMFIELD, 1973, p. 161, tradução nossa⁶). Ademais, Bloomfield (1973, p. 162, tradução nossa⁷) afirma que “o significado de um morfema é um semema. O linguista assume que cada semema é uma unidade

⁴ “Every child that is born into a group acquires these habits of speech and response in the first years of his life. This is doubtless the greatest intellectual feat any one of us is ever required to perform.” (BLOOMFIELD, 1973, p. 29).

⁵ “[...] we may say that morphology includes the constructions of words and parts of words, while syntax includes the constructions of phrases.” (BLOOMFIELD, 1973, p. 207).

⁶ “A linguistic form which bears no partial phonetic-semantic resemblance to any other form is a simple form or morpheme” (BLOOMFIELD, 1973, p. 161).

⁷ “The meaning of a morpheme is a sememe. The linguist assumes that each sememe is a constant and definite unit of meaning, different from all other meanings [...]” (BLOOMFIELD, 1973, p. 161).

de significado constante e definida, diferente de todos os outros significados [...]”. O autor demonstra essa ideia a partir da seguinte exemplificação:

[...] o morfema *pin* tem uma semelhança fonética com outros morfemas, como *pig, pen, tin, ten*, e, com base nessas semelhanças, pode ser analisado e descrito em termos de três fonemas, mas, como essas semelhanças não estão ligadas a semelhanças de sentido, não podemos atribuir nenhum sentido aos fonemas e não podemos, no âmbito da nossa ciência, analisar o sentido do morfema. (BLOOMFIELD, 1973, p. 161-162, tradução nossa⁸).

Na esteira das teorias formais, Chomsky, na década de 1950, lança as bases da gramática gerativa, em *Syntactic Structures*, e a linguagem passa a ser entendida como “[...] conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (CHOMSKY, 1957, p. 13, tradução nossa⁹). Com isso, Chomsky (1957, p. 13, tradução nossa¹⁰) aproxima a linguagem da matemática, de forma a entender que “[...] um conjunto de 'frases' de algum sistema formalizado de matemática pode ser considerado uma linguagem”.

Nessa linha de pensamento, em 1965, a teoria gerativa foi aprofundada com a publicação de *Aspects of the Theory of Syntax*. Nessa obra, o trabalho do linguista é “[...] determinar, a partir dos dados da performance, o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante-ouvinte e que ele coloca em uso na performance real.” (CHOMSKY, 1965, p. 4, tradução nossa¹¹). Portanto, a investigação linguística na gramática gerativa perpassa a competência, sendo a competência o conhecimento do falante-ouvinte de sua língua e o desempenho o uso real da linguagem em situações concretas (CHOMSKY, 1965).

Recusa-se, então, a ideia saussuriana de língua como inventário de itens, devendo a gramática “atribuir a cada conjunto de infinitas sentenças uma descrição estrutural indicando como esta frase é compreendida pelo falante-ouvinte ideal” (CHOSMKY, 1965, p. 5, tradução nossa¹²). Ou seja, “a gramática gerativa deve ser um sistema de regras que podem iterar para

⁸ “For instance, we have seen the morpheme *pin* bears a phonetic resemblance to other morphemes, such as *pig, pen, tin, ten*, and, on the basis of these resemblances, can be analyzed and described in terms of three phonemes, but, since these resemblances are not connected with resemblances of meaning, we cannot attribute any meaning to the phonemes and cannot, with the scope of science, analyze the meaning of the morpheme” (BLOOMFIELD, 1973, p. 161-162).

⁹ “[...] set (finite or infinite) of sentences, each finite in length and constructed out of a finite set of elements (CHOMSKY, 1957, p. 13).

¹⁰ Similarly, the set of 'sentences' of some formalized system of mathematics can be considered a language. (CHOMSKY, 1957, p. 13).

¹¹ “The problem for the linguist, as well as for the child learning the language, is to determine from the data of performance the underlying system of rules that has been mastered by the speaker-hearer and that he puts to use in actual performance.” (CHOMSKY, 1965, p. 4).

¹² “A fully adequate grammar must assign to each of an infinite range of sentences a structural description

gerar um número definitivamente grande de estruturas” (CHOMSKY, 1965, p. 15, tradução nossa¹³).

Conseqüentemente, fica explícito o foco dado à sintaxe, de forma que a gramática gerativa tem três componentes: sintático, fonológico e semântico, mas “[...] o componente sintático especifica um conjunto infinito de objetos formais abstratos, cada um dos quais incorporando todas as informações relevantes para uma única interpretação de uma determinada frase” (CHOMSKY, 1965, p. 16, tradução nossa¹⁴). É nessa lógica que “o componente sintático de uma gramática deve especificar, para cada sentença, uma estrutura profunda que determina sua interpretação semântica e uma estrutura superficial que determina sua interpretação fonética” (CHOMSKY, 1965, p. 16, tradução nossa¹⁵). Nesse modelo, portanto, a morfologia perde relevância no âmbito da linguística teórica.

À vista disso, Basílio (1998) afirma que, nas primeiras fases do desenvolvimento da teoria gerativa, considerou-se que não era conveniente estabelecer um componente morfológico autônomo na gramática de uma língua. Nesse contexto, é possível afirmar que, no início do pensamento gerativista, “os aspectos da derivação morfológica eram tratados como subjacentes à derivação sintática, com regras transformacionais atuando na estrutura profunda” (SIMÕES NETO, 2016, p. 38). Nesse entendimento, palavras derivadas seriam explicadas por derivações sintáticas.

A partir de 1970, com a publicação do artigo *Remarks on Nominalization*, é inaugurada a Hipótese Lexicalista, na qual se assume a existência de regras morfológicas distintas das regras sintáticas; assim, reconhece-se que os processos transformacionais não podem explicar todos os fenômenos morfológicos. O referido artigo trata das expressões nominais no inglês, especificamente das nominalizações gerundivas, *John's refusing the offer*, e das nominalizações derivadas, *John's refusal of the offer*, distintas, principalmente, quanto à produtividade, quanto à generalidade da relação das nominalizações derivadas com suas proposições correspondentes e quanto à estrutura interna (CHOMSKY, 1970).

Assim, Chomsky (1970, p. 16, tradução nossa¹⁶) conclui que

indicating how this sentence is understood by the ideal speaker-hearer.” (CHOMSKY, 1965, p. 5.)

¹³ “[...] a generative grammar must be a system of rules that can iterate to generate an indefinitely large number of structures” (CHOMSKY, 1965, p. 15).

¹⁴ “The syntactic component specifies an infinite set of abstract formal objects, each of which incorporates all information relevant to a single interpretation of a particular sentence.” (CHOMSKY, 1965, p. 16).

¹⁵ “Consequently, the syntactic component of a grammar must specify, for each sentence, a deep structure that determines its semantic interpretation and a surface structure that determines its phonetic interpretation.” (CHOMSKY, 1965, p. 16).

¹⁶ “Gerundive nominals can be formed fairly freely from propositions of subject-predicate form, and the relation

As nominalizações gerundivas podem ser formadas livremente a partir de proposições da forma sujeito-predicado, e a relação de significado entre o nominal e a proposição é bastante regular. Além disso, a nominalização não tem a estrutura interna de um sintagma nominal.

Essa conclusão, contudo, não se aplica às nominalizações derivadas, uma vez que nesses casos “a produtividade é muito mais restrita, as relações semânticas entre a proposição associada e a nominalização derivada são bastante variadas e idiossincráticas e a nominalização tem a estrutura interna de um sintagma nominal [...]” (CHOMSKY, 1970, p. 16, tradução nossa¹⁷). Isso gera reflexões sobre a gramática transformacional, nesse sentido, Chomsky (1970, p. 19, tradução nossa¹⁸) assume que

Existem algumas subregularidades que têm sido observadas com frequência, mas o alcance da variação e seu caráter bastante acidental são típicos da estrutura lexical. Para acomodar esses fatos dentro da abordagem transformacional (assumindo que são as relações gramaticais na estrutura profunda que determinam o significado) é necessário recorrer ao artifício de atribuir uma gama de significados à forma base, estipulando que com certos traços semânticos a forma deve nominalizar e com outros não. Além disso, o recurso a esse dispositivo altamente insatisfatório, que reduz a hipótese de que as transformações não têm conteúdo semântico para quase vacuidade, teria que ser bastante extenso.

Em vista disso, emerge a defesa de uma hipótese lexicalista, cuja atuação pode ser observada nos exemplos extraídos de Chomsky (1970):

- (1) John's certainty to win the prize¹⁹
 John's certainty that bill will win the prize²⁰

Para o autor, “a hipótese lexicalista fornece uma explicação para a distinção entre os dois

of meaning between the nominal and the proposition is quite regular. Furthermore, the nominal does not have the internal structure of a noun phrase.” (CHOMSKY, 1970, p. 16)

¹⁷ “[...] Productivity is much more restricted, the semantic relations between the associated proposition and the derived nominal are quite varied and idiosyncratic, and the nominal has the internal structure of a noun phrase.” (CHOMSKY, 1970, p. 16).

¹⁸ “There are a few subregularities that have frequently been noted, but the range of variation and its rather accidental character are typical of lexical structure. To accommodate these facts within the transformational approach (assuming, as above, that it is the grammatical relations in the deep structure that determine meaning) it is necessary to resort to the artifice of assigning a range of meanings to the base form, stipulating that with certain semantic features the form must nominalize and with others it cannot. Furthermore, the appeal to this highly unsatisfactory device, which reduces the hypothesis that transformations do not have semantic content to near vacuity, would have to be quite extensive.” (CHOMSKY, 1970, p. 16)

¹⁹ A certeza de John em ganhar o prêmio.

²⁰ A certeza de John de que Bill ganhará o prêmio.

sentidos de *certain*” (CHOMSKY, 1970, p. 23, tradução nossa²¹). Assim, “a hipótese lexicalista permite a associação da nominalização derivada *John's certainty that Bill will win the prize*, gerado pela inserção lexical de *certain* na posição nominal antes de um complemento sentencial” (CHOMSKY, 1970, p. 23, tradução nossa²²). Portanto, com a hipótese lexicalista, as relações entre as palavras podem ser representadas na esfera do próprio léxico. (BASÍLIO, 2010).

Nessa sequência, em Halle (1973), há um aprofundamento da hipótese lexicalista. Para o autor, uma gramática — representação formal do que um falante deve saber sobre sua língua — deve incluir uma lista de morfemas, bem como regras de formação de palavras (ou morfologia).

Na perspectiva de Halle (1973, p. 4, tradução nossa²³), “[...] na lista de morfemas, os diferentes itens não podem ser representados apenas como sequências de segmentos fonéticos, mas devem ser fornecidos também com algumas informações gramaticais”. Assim, em inglês, o morfema *write*, por exemplo, deve conter a informação de que é uma raiz verbal, que é um membro da parte “não latina” da lista (é em virtude desse fato que é permitido pelas regras de formação de palavras combinar com certos afixos e não com outros) etc. (HALLE, 1973).

Acerca das regras de formação de palavras, Halle (1973) especifica que elas estabelecem sequências em que os morfemas devem ser organizados para formar palavras reais. Desse modo, nos exemplos extraídos de Halle (1973), por meio dessas regras, as sequências em 2 seriam permitidas, porém as sequências em 3 seriam descartadas por um falante de inglês.

- (2) trans-form-at-ion-al
- (3) ion-trans-al-at-form
al-form-at-ion-trans

O autor discorre sobre o tratamento das idiossincrasias e afirma que “[...] nem todas as propriedades das palavras podem ser prontamente explicadas com tais regras simples” (HALLE, 1973, p. 4, tradução nossa²⁴). Nessa conjuntura, propõe-se que as idiossincrasias “[...] sejam listadas em um filtro especial pelo qual as palavras devem passar depois de terem sido

²¹ “The lexicalist hypothesis provides an explanation for this distinction between the two senses of *certain*.” (CHOMSKY, 1970, p. 23).

²² “The lexicalist hypothesis permits the associated derived nominal *John's certainty that Bill will win the prize*, generated by lexical insertion of *certain* in the noun position before a sentential complement.” (CHOMSKY, 1970, p. 23).

²³ It is all but self-evident that in the list of morphemes the different items cannot be represented just as sequences of (phonetic) segments, but that they must be provided also with some grammatical information. (Halle, 1973, p. 4).

²⁴ “[...] not all properties of words can readily be accounted for with such simple rules” (HALLE, 1973, p. 4).

geradas pela regra de formação de palavras” (HALLE, 1973, p. 5, tradução nossa²⁵). Portanto, os filtros forneceriam informações especiais à representação da palavra, em *recital* e *transmittal*, por exemplo, o filtro é que forneceria as indicações apropriadas sobre a semântica (HALLE, 1973).

É ainda interessante o posicionamento de Halle (1973) sobre a separação entre a morfologia derivacional e a morfologia flexional, o qual defende que não é necessária essa rígida separação. Nesse ponto de vista, segundo Halle (1973, p. 6, tradução nossa²⁶):

Não conheço nenhuma razão pela qual a lista de morfemas não deva incluir também os afixos flexionais ou desinências, ou porque as regras de formação de palavras não devam também incluir regras para posicionar os afixos flexionais apropriadamente ou para lidar com outros fenômenos flexionais como reduplicação, ablaut no radical etc.

No percurso dos modelos de morfologia baseada em regras, Jackendoff (1975) retomaa problemática das nominalizações, exemplificadas pela relação entre *decide* e *decision*, e defende que “[...] uma vez que a Hipótese Lexicalista nega uma relação transformacional entre *decide* e *decision*, sua relação deve ser expressa por uma regra dentro do componente lexical²⁷” (JACKENDOFF, 1975, p. 641, tradução nossa²⁸). Com isso, este questionamento é lançado: “[...] de que forma a existência de uma regra de redundância lexical reduz o conteúdo informacional independente do léxico?” (JACKENDOFF, 1975, p. 641, tradução nossa²⁹). Essa problemática pode ser pensada ou a partir da Teoria da Entrada Lexical Empobrecida ou da Teoria da Entrada Lexical Plena.

Na Teoria da Entrada Lexical Empobrecida

A regra de redundância preenche a informação que falta da entrada de *decide* em algum ponto na derivação da frase contendo *decision*, possivelmente na fase de inserção lexical. Assim como na abordagem transformacional, o conteúdo de informação independente de *decide-decision* é reduzido, porque a entrada para *decision* não precisa ser preenchida. (JACKENDOFF, 1975, p. 642, tradução nossa³⁰)

²⁵ “I propose that idiosyncrasies of the type just illustrated be listed in a special filter through which the words have to pass after they have been generated by the word formation rule.” (HALLE, 1973, p. 5)

²⁶ “I know of no reason why the list of morphemes should not include also the inflectional affixes or desinences, or why the rules of word formation should not also include rules for positioning the inflectional affixes appropriately or for handling such other inflectional phenomena as reduplication, stem Ablaut, etc.” (HALLE, 1973, p. 6).

²⁷ Regra de redundância lexical.

²⁸ “Since the Lexicalist Hypothesis denies a transformational relationship between *decide* and *decision*, their relationship must be expressed by a rule within the lexical component.” (JACKENDOFF, 1975, p. 641).

²⁹ “By what means does the existence of a lexical redundancy rule reduce the independent information content of the lexicon?” (JACKENDOFF, 1975, p. 64).

³⁰ “The redundancy rule fills in the missing information from the entry of *decide* at some point in the derivation of a sentence containing *decision*, perhaps at the stage of lexical insertion. As in the transformational approach, the independent information content of *decide-decision* is reduced, because the entry for *decision* does not have to be filled in.” (JACKENDOFF, 1975, p. 642).

Em oposição a essa ideia, na Teoria da Entrada Lexical Plena, *decide* e *decision* têm entradas lexicais totalmente especificadas e a regra de redundância não desempenha nenhum papel na derivação de sentenças. A regra de redundância, então, designa como redundante aquela informação em uma entrada lexical que é previsível pela existência de um item lexical relacionado, informações redundantes não serão contadas como independentes (JACKENDOFF, 1975). Sendo assim, para Jackendoff (1975, p. 649, tradução nossa³¹), o léxico na *Teoria da Entrada Lexical Plena* seria “[...] um repositório de todas as informações sobre todas as palavras existentes; a medida de informação expressa todas as relações”. Por fim, uma vez que a *Teoria da Entrada Lexical Plena* evita as armadilhas da Teoria da Entrada Lexical Empobrecida, ela é a preferida de Jackendoff (1975).

Pensando nas abordagens baseadas em regras de formação de palavras, convém destacar o trabalho de Aronoff (1976), cuja proposta se diferencia da de Halle (1973), principalmente quanto ao signo mínimo. Aronoff (1976), além de repensar a definição de morfema, que deve ser ajustada para incluir morfemas que não têm significado constante, defende que os elementos mínimos significativos da linguagem não são os morfemas, mas sim as palavras. Dessarte, há, na abordagem gerativa, tanto modelos baseados em morfemas, como baseados em palavras.

Aronoff (1976) assume que o princípio básico das teorias morfológicas baseadas em palavras é “[...] uma nova palavra é formada pela aplicação de uma regra regular a uma única palavra já existente. Tanto a nova palavra quanto a existente são membros das principais categorias lexicais” (ARONOFF, 1976, p. 21, tradução nossa³²). Nessa lógica, o autor defende as *regras de formação de palavras* (RFPs), apresentando sua natureza, sua forma, as condições sob as quais operam e sua relação com o restante da gramática.

As RFPs são demonstradas, então, mediante o exemplo de Aronoff (1976, p. 22, tradução nossa³³):

É fato que quase todas as novas palavras são produzidas pelas RFPs. Darei apenas um exemplo: do adjetivo *communal* formo o verbo *communalize*, pela RFP de #ize. Eu sei o que essa palavra significa, pois sei o que significa sua base, e a regra é regular. X #ize pode ser parafraseado aproximadamente como 'fazer X'. [...] De *communalize*, por sua vez, formo a ação abstrata

³¹ “[] lexicon is simply a repository of all information about all the existing words; the information measure expresses all the relationships.” (JACKENDOFF, 1975, p. 649).

³² “A new word is formed by applying a regular rule to a single already existing word. Both the new word and the existing one are members of major lexical categories.” (ARONOFF, 1976, p. 21).

³³ “It is a fact that almost all new words are produced by WFRS. I will give only one example: from the adjective communal I form the verb communalize, by the WFR of #ize attachment. I know what this word means, since I know what its base means, and the rule is regular. X #ize can be paraphrased roughly as 'make X'. It is quite a different case from transmute. From communalize, in turn, I form the abstract action nominal communalization, by the WFR of +Ation attachment.” (ARONOFF, 1976, p. 22).

communalization, pela RFP + Ation.

Acerca da relação das RFPs com outros domínios da gramática, Aronoff (1976, p. 22, tradução nossa³⁴) afirma que essas são

[...] completamente separadas das regras sintáticas e fonológicas da gramática. Quando uma RFP especifica uma operação fonológica, esta operação não é meramente indicada por um traço pela RFP e então executada como uma regra da fonologia. Em vez disso, a operação fonológica faz parte da própria RFP.

Consequentemente, cada palavra pode ser inserida no dicionário como um item separado totalmente especificado (ARONOFF, 1976, p. 22, tradução nossa³⁵).

Diante desse panorama, é possível concluir que “a perspectiva gerativa deu um grande impulso nos estudos lexicais, na medida em que focaliza o léxico como conhecimento, em oposição à visão tradicional do léxico como vocabulário” (BASÍLIO, 2010, p. 2). Todavia, alguns pontos problemáticos dessa abordagem são apontados, como a questão do significado³⁶, o qual “sempre foi um problema na abordagem gerativa lexicalista da formação de palavras, na medida em que a teoria gerativa é uma teoria da sintaxe” (BASÍLIO, 2010, p. 2), bem como a relação entre palavras e regras e entre morfologia e léxico, que “provém do descompasso entre a postulação teórica e seus correlatos metodológicos e a natureza do léxico como sistema dinâmico que fornece unidades básicas significativas para a formação de enunciados” (BASÍLIO, 2010, p. 4).

Para além dessas questões, um problema ressaltado por Booij (2010) diz respeito ao tratamento dado ao léxico. Na visão do autor, “tradicionalmente, o léxico é concebido como uma lista fixa de expressões linguísticas, tanto de palavras quanto de expressões idiomáticas” (BOOIJ, 2010, p. 13, tradução nossa³⁷). Na Morfologia Construcional (MC), Booij (2010) acredita que a morfologia não é um módulo da gramática que trata apenas de um aspecto da estrutura linguística, mas trata-se de uma gramática de palavras, que é diferente da gramática da frase apenas quanto ao foco, que, na morfologia, recai sobre o domínio da palavra.

O aporte teórico da MC é profícuo, por se tratar de uma “alternativa eficaz para análise de processos morfológicos instáveis, que não podem ser encaixados perfeitamente nos padrões

³⁴ “[...] completely separate from the syntactic and phonological rules of the grammar. Thus when a WFR specifies a phonological operation, this operation is not merely indicated by the WFR in the form of some rule feature and then performed as a rule of the phonology. Rather, the phonological operation is part of the WFR itself.” (ARONOFF, 1976, p. 22).

³⁵ “[...] each word may be entered in the dictionary as a fully specified separate item.” (ARONOFF, 1976, p. 22)

³⁶ Apesar disso, Basílio (2010, p. 3) afirma que Jackendoff (1975), em seu modelo de representação das relações lexicais, define a controvérsia associacionismo/dissociacionismo nas construções morfológicas, concernente à possibilidade ou não de termos regras de redundância morfológica desprovidas de significado.

³⁷ “Traditionally, the lexicon is conceived of as the list of conventional and fixed linguistic expressions. Both words and larger idiomatic phrasal units.” (BOOIJ, 2010, p. 13).

canônicos da composição e da derivação” (CÂNDIDO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2016, p. 202). Esse modelo também é pertinente para estudos de formações que exibem características tanto da derivação quanto da composição (PEREIRA, 2022). Nessa lógica, assumimos algumas das concepções da MC.

No mais, destacamos que este é um trabalho metodologicamente alinhado aos mais recentes estudos em morfologia histórica desenvolvidos no âmbito do PROHPOR, os quais vieram renovar e revitalizar as pesquisas nessa área.

Em oposição à abordagem gerativista, emerge, no último quartel do século XX, a chamada Linguística Cognitiva (LC), que prevê “a concepção da linguagem como uma capacidade integrada às demais capacidades cognitivas, como memória, atenção, categorização e raciocínio, rechaçando a visão da gramática como um epifenômeno de uma capacidade modular, intrínseca e universal” (SOLEDADE; GONÇALVES; SIMÕES NETO, 2022, p. 13). Esse paradigma teórico também traz como pressuposto que as gramáticas são baseadas no uso e que não são profícuas as dicotomias entre a sintaxe e a morfologia, pois tanto itens lexicais, quanto padrões de formação de palavras, quanto formas mais complexas representam construções.

Tendo como base as ideias da LC, desponta o modelo teórico conhecido como Gramática de Construções, o qual manifesta uma tentativa de explicar a gramática com base em esquemas, isto é, padrões que captam características compartilhadas por diferentes instanciações (FERRARI, 2018). Nesse paradigma, destacamos as contribuições do trabalho de Kay e Fillmore (1999), *Grammatical Constructions and Linguistic Generalizations. The What's X Doing Y? Construction*, e, principalmente da obra *Construction*, de Goldberg (1995).

O modelo de Kay e Fillmore (1999) “retoma a tese saussuriana de que o signo linguístico reflete uma relação estreita entre significante e significado, estendendo-a para construções complexas” (FERRARI, 2018, p. 129). Esse modelo é contrário à abordagem baseada em “palavras e regras”, a qual não traz explicações para o conjunto da linguagem que envolve irregularidades; assim, nesse modelo, é necessário explicar as construções irregulares e, por meio desses mesmos princípios, é possível explicar fenômenos regulares (FERRARI, 2018).

Um segundo modelo de Gramática de Construções é o de Goldberg (1995), na obra *Constructions*, que tem como base os trabalhos de Lakoff (1987) sobre construções dêiticas com *there* — cujo mérito está em propor a existência de uma instância prototípica com subconstruções relacionadas a esse núcleo (FERRARI, 2018).

A obra de Goldberg (2006) estabelece pontos de convergência entre a vertente clássica da gramática gerativa e a abordagem construcional. Conforme a autora, há três pontos convergentes entre essas teorias: 1) a concordância sobre a necessidade de se considerar a

linguagem como um sistema cognitivo (mental); 2) o reconhecimento de que deve haver uma maneira de combinar estruturas para criar enunciados; e 3) o reconhecimento da necessidade de uma teoria não-trivial de *language learning*.

Não obstante algumas concordâncias, a abordagem construcional se diferencia fortemente da gerativista, assim,

A abordagem gerativa [...] sustenta que a natureza da linguagem pode ser mais bem revelada pelo estudo de estruturas formais, independentemente de suas funções semânticas ou discursivas. Camadas cada vez maiores de abstração caracterizaram as representações formais. Afirma-se que o significado deriva do dicionário mental de palavras, com as diferenças funcionais entre os padrões formais sendo amplamente ignoradas. (GOLDBERG, 2006, p. 4, tradução nossa³⁸).

Além disso, destacamos outros dois pontos em que há uma crítica ao modelo gerativista. Primeiramente, na gramática gerativa, “[...] os padrões semi-regulares e padrões translinguísticos incomuns são geralmente vistos como ‘periféricos’, com uma faixa estreita de dados vistos como relevantes para o ‘núcleo’ da linguagem” (GOLDBERG, 2006, p. 4, tradução nossa³⁹). Em segundo lugar, para os gerativistas, “a complexidade da linguagem central não pode ser aprendida indutivamente por processos cognitivos gerais e, portanto, os aprendizes devem estar conectados com o conhecimento específico da linguagem (‘gramática universal’)” (GOLDBERG, 2006, p. 5, tradução nossa⁴⁰).

Diante disso, o modelo de gramática de construções opera de forma a considerar que

[...] TODOS OS NÍVEIS DE ANÁLISE GRAMATICAL ENVOLVEM CONSTRUÇÕES: PARES APRENDIDOS DE FORMA E FUNÇÃO SEMÂNTICA OU DO DISCURSO, incluindo morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões frasais parcialmente preenchidos lexicalmente e totalmente gerais. (GOLDBERG, 2006, p. 5, tradução nossa⁴¹).

³⁸ “[...] has held that the nature of language can best be revealed by studying formal structures independently of their semantic or discourse functions. Ever-increasing layers of abstractness have characterized the formal representations. Meaning is claimed to derive from the mental dictionary of words, with functional differences between formal patterns being largely ignored.” (GOLDBERG, 2006, p. 4).

³⁹ “Semi-regular patterns and cross-linguistically unusual patterns are generally viewed as “peripheral,” with a narrowing band of data seen as relevant to the “core” of language.” (GOLDBERG, 2006, p. 4).

⁴⁰ “Mainstream generative theory argues further that the complexity of core language cannot be learned inductively by general cognitive processes and therefore learners must be hard-wired with knowledge that is specific to language (‘universal grammar’). (GOLDBERG, 2006, p. 5).

⁴¹ “ALL LEVELS OF GRAMMATICAL ANALYSIS INVOLVE CONSTRUCTIONS: LEARNED PAIRINGS OF FORM WITH SEMANTIC OR DISCOURSE FUNCTION, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns.” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

Para Goldberg (2006), alguns exemplos de construções estão representados no quadro 2:

Quadro 2 – Construções para Goldberg (2006)

Morfema	Pre-, -ing
Palavra	Avocado, anaconda
Palavra complexa	Daredevil, shoo-in
Palavra complexa (parcialmente preenchida)	[N-s] (para plurais regulares)
Expressão idiomática (preenchida)	Going great guns, give the devil his due
Expressão idiomática (parcialmente preenchida)	Jog < someone's > memory, send < someone > to the cleaners
Condicional Covariável	The Xer the Yer (the more you think about it, the less you understand)
Ditransitiva	Subj V Obj1 Obj2 (he gave her a fish taco, he baked her a muffin)
Passiva	Subj aux VPpp (PP _{by}) (the armadillo was hit by a car)

Fonte: adaptado de Goldberg (2006, p. 5)

A Morfologia Construcional (MC), cuja concepção é atribuída, principalmente, a Geert Booij, a partir da publicação das obras *Compounding and derivation: evidence for Construction Morphology* (2005), *Construction Morphology and the Lexicon* (2007) e *Construction Morphology* (2010), teve um gradual desenvolvimento baseado em uma série de ideias sobre a morfologia. Nesta seção, não só resumimos algumas de suas ideias, mas também as exemplificamos com as pesquisas feitas em morfologia construcional no Brasil.

A Morfologia Construcional dialoga com as perspectivas gerativistas do século XX, como o ponto de vista de Jackendoff (1975). Isso se deve ao fato de a MC ter a *Teoria da Entrada Plena* como ingrediente básico do modelo do léxico hierárquico (SOLEDADE, 2018). A vantagem dessa teoria é que “não há pressão psicológica para apagar uma informação previsível uma vez adquirida, considerada a vastidão da memória humana” (SOLEDADE, 2018, p. 233).

Ademais, a discussão das abordagens baseadas em morfemas em contraste com a morfologia baseada em regras é retomada por Booij (2010). Nesse sentido, ao se considerar que

uma palavra complexa é uma concatenação de morfemas — ideia defendida pelo estruturalismo bloomfieldiano — uma palavra como *walker* “pode ser vista como uma concatenação do morfema verbal *walk* e o sufixo nominalizador *-er* que carrega o significado ‘agente’” (BOOIJ, 2010, p. 2, tradução nossa⁴²). Esse posicionamento difere das abordagens baseadas em regras, como a de Aronoff (2007), na qual “podemos adotar uma perspectiva baseada em palavras na qual as palavras são os pontos de partida da análise morfológica” (BOOIJ, 2010, p. 2, tradução nossa⁴³). Isso é visto a partir dos exemplos de Booij (2010):

- (4) buy buyer
- (5) eat eater

As palavras da direita são formalmente diferentes das palavras da esquerda, diferença essa que sistematicamente se relaciona com a diferença nos significados, isto é, “as palavras à direita têm uma sequência adicional *-er* em relação às da esquerda e denotam os agentes das ações expressas pelos verbos à esquerda” (BOOIJ, 2010, p. 2, tradução nossa⁴⁴).

A MC, então, opera uma morfologia baseada em palavras, “em face de entender que morfemas não constituem um pareamento entre forma e significado independente da palavra” (SOLEDADE, GONÇALVES, SIMÕES NETO, 2022, p. 15). Sendo assim, Booij (2010) diferencia-se de Goldberg (2006) quanto ao estabelecimento dos morfemas como construção. Então, enquanto a autora defende que o morfema, por ser um par de forma e significado, é uma construção, Booij (2010) afirma que esse elemento não deve figurar em tal relação porque não consiste em um pareamento de forma e significado independente (GONÇALVES; ALMEIDA, 2014). Essa perspectiva é justificada, pois “formativos fazem parte de esquemas morfológicos e sua contribuição significativa é acessível apenas por meio do significado da construção morfológica como um todo” (GONÇALVES; ALMEIDA, 2014, p. 173).

Apesar de tanto a Morfologia Construcional quanto a Morfologia baseada em regras de Aronoff poderem ser identificadas como teorias de morfologia baseada em palavras, os esquemas construcionais se distinguem das RFPs aronoffianas. Acerca disso, Booij (2010) afirma que, enquanto as regras são sempre orientadas para a fonte (a partir de um *input*, executa-se alguma operação morfológica), os esquemas, por sua vez, também podem ser orientados para

⁴² “[...] the English word *walker* can be seen as a concatenation of the verbal morpheme *walk* and the nominalizing suffix *-er* that carries the meaning ‘agent’” (BOOIJ, 2010, p. 2).

⁴³ “Alternatively, we might take a word-based perspective in which words are the starting points of morphological analysis” (BOOIJ, 2010, p. 2).

⁴⁴ “the words on the right have an additional sequence *-er* compared to those on the left” (BOOIJ, 2010, p. 2).

o *output*, conforme o esquema em 6, que trata dos plurais de nomes que denotam posse inalienável na língua Ngiti, do Zaire. Nesse exemplo, Booij (2010, p. 5, tradução nossa⁴⁵) defende que “[...] as formas plurais só podem ser caracterizadas uniformemente em termos de um esquema orientados para o *output*, que especifica o padrão de tom médio-alto de todas as formas plurais.”

(6)[Mid High] N_i ‘plural N_i ’ (onde N_i é inalienável)

Em vista disso, a MC emprega esquemas, os quais configuram-se como uma noção geral da ciência cognitiva, definidos como uma estrutura de dados para representar os conceitos genéricos armazenados na memória (BOOIJ, 2010). Na morfologia, os esquemas têm como funções expressar propriedades previsíveis de palavras complexas existentes e indicar como novas palavras podem ser cunhadas, dando estrutura ao léxico, porquanto “as palavras complexas não formam uma lista não estruturada, mas são agrupadas em subconjuntos”(BOOIJ, 2010, p. 4, tradução nossa⁴⁶). Desse modo, Soledade, Gonçalves e Simões Neto (2022, p. 16) esclarecem que “os esquemas construcionais são, pois, uma forma de representação dos padrões de formação de palavras, sendo abstrações que se originam de generalizações feitas sobre um conjunto de palavras relacionadas paradigmaticamente”.

Alguns esquemas que representam operações de formações de palavras em português são apresentados por Gonçalves e Almeida (2014), em que X e Y simbolizam as sequências fonológicas e os subscritos categorias lexicais.

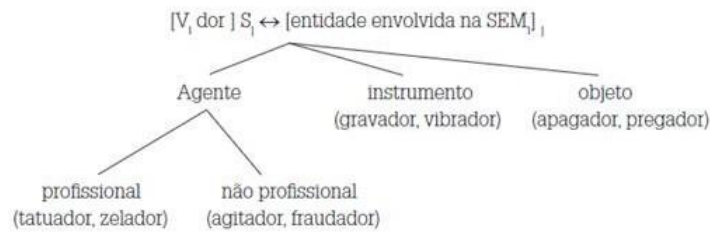
(7) a. composição $[[X]_x[Y]_y]_s$
 b. sufixação $[[X]_x Y]_y$
 c. prefixação $[X[Y]_y]_y$

A MC, em semelhança com a Gramática de Construções de Goldberg (1995), prevê a existência de relações de herança — as características formais e semânticas da base são herdadas pelas construções — como a polissemia, a extensão metafórica, a subparte e a instanciação. Isso é demonstrado por Gonçalves e Almeida (2014), no esquema exemplificada na figura 2:

⁴⁵ “[...] the plural forms can only be characterized uniformly in terms of an output-oriented schema that specifies the Mid-High tone pattern of all these plural forms” (BOOIJ, 2010, p. 5).

⁴⁶ “Complex words do not form an unstructured list but are grouped into subsets.” (BOOIJ, 2010, p. 4).

Figura 2 - Esquemas e subesquemas de X-dor



Fonte: Gonçalves e Almeida (2014, p. 179)

Sobre esse exemplo, em que há uma herança por polissemia, Gonçalves e Almeida (2014) explicam que a polissemia não é propriedade da palavra individual, mas do esquema construcional para substantivos deverbais em *-dor*, o que leva à criação de um subesquema para nomes instrumentais deverbais. Em consequência disso, o autor conclui que subesquemas podem ser interpretados como extensões metafóricas ou metonímicas e, por isso, nomes deverbais em *-dor* apresentam interpretações que devem ser representadas em uma rede.

Além disso, os esquemas na MC, que podem ter subesquemas, têm ainda três propriedades, sintetizadas em Simões Neto (2016): 1) herança do corpo fônico; 2) explicitação da categoria lexical do *output*; e 3) contraparte semântica.

A herança total do corpo fônico diz respeito ao fato de que as palavras instanciadas por um determinado esquema herdam propriedades fônicas desse esquema. Para Soledade (2018), essa propriedade deve ser vista como absoluta, pois atua como definidora dos esquemas morfológicos. Consequentemente, “não faz sentido relacionar, em português, adjetivos formados com o sufixo *-nte* – como vivente ‘aquele que vive’ – ao esquema de formação de adjetivos em *-dor* – como pensador ‘aquele que pensa’” (SOLEDADE, 2018, p. 241), pois trata-se de formas fonológicas distintas. Entretanto, a existência de alomorfas deve ser considerada para o estabelecimento das relações lexicais, assim como demonstrado no exemplo 8, retirado de Simões Neto e Soledade (2015, p. 152):

- (8) a. coleção — coleccionar
 b. infecção — infeccionar
 c. seleção — seleccionar

Nesses exemplos, as bases retomam a forma etimológica para a formação de verbos, de forma que *leccionar* deriva de *colecção*, cujo étimo é o latim *collectio*, *ōnis*. A base *leccion*,

então, remete à forma latina. Todavia, para os autores, as pequenas alterações não impedem o estabelecimento de relações lexicais (SIMÕES NETO; SOLEDADE, 2015).

A explicitação da categoria lexical do *output* é a propriedade que permite, em alguns casos, considerar a categoria da palavra base pertinente ao esquema, ao passo que, em outros, o esquema dominante pode prescindir dessa informação. Por conseguinte, há esquemas em que se observa uma regularidade na categoria lexical da base, como em X-dor (figura 3):

Figura 3 – Esquema com o formativo – dor

$$\langle [X_{vi} -dor]_{sj} \leftrightarrow [Agente\ envolvido\ em\ SEM_{vi}]_j \rangle$$

Fonte: Soledade (2018, p. 240)

Nesse exemplo, segundo Soledade (2018, p. 240), “a categoria morfossintática da base léxica é sempre um verbo e qualquer ocorrência que esteja fora desse padrão não será produtiva, ou seja, não será capaz de servir de base para formações similares”. Diferentemente, em esquemas com a construção *X-ismo* (figura 4), em que podem ser combinadas palavras de classes diversas, portanto, “não parece produtivo, no esquema dominante de *-ismo*, incluir a categoria da base como propriedade essencial” (SOLEDADE, 2018, p. 241).

Figura 4 – Esquema com o formativo - *ismo*

$$\langle [Xi -ismo]_{sj} \leftrightarrow [relacionado\ a\ SEMi]_j \rangle$$

Fonte: Soledade (2018, p. 241)

No mais, a propriedade “contraparte semântica” refere-se ao fato de que o significado explicitado no esquema é genérico. Desse modo, mesmo que a Morfologia Construcional seja

um modelo que dê relevância à semântica, “há casos em que as propriedades semânticas das palavras complexas individuais não estão previstas pelo esquema morfológico dominante” (SOLEDADE, 2013, p. 89). Isso ocorre, pois “muitas vezes atuam sobre itens lexicais complexos mecanismos universais de polissemia, decorrentes de extensões metonímicas e metafóricas” (SOLEDADE, 2013, p. 89).

Como modelo teórico, a Morfologia Construcional é trabalhada, no Brasil, principalmente, pelo Núcleo de Estudos Morfológicos do Português (NEMP), com sede na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que embora não seja exclusivamente dedicado a essa teoria⁴⁷⁴⁷, é pioneiro nas pesquisas sobre processos morfológicos em perspectiva construcional no Brasil, especialmente, devido aos estudos do professor Dr. Carlos Alexandre Gonçalves. No âmbito do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), atualmente, coordenado pela professora Dra. Juliana Soledade, também se desenvolvem, a partir de 2013, pesquisas cuja base é a MC.

No contexto brasileiro, há trabalhos sobre processos não concatenativos, em que se destacam as pesquisas sobre a *reduplicação*, em Gonçalves e Vialli (2017), e sobre os *splinters*, em Pires (2018). Quanto aos processos concatenativos, no quadro de pesquisas sobre a língua portuguesa contemporânea, evidenciamos as pesquisas de Gonçalves e Carvalho (2016) e Gonçalves e Tavares da Silva (2020), que tratam de flexão e derivação. Em perspectiva histórica, há os estudos de Simões Neto (2016, 2020) e de Soledade (2013, 2020, 2021) sobre a sufixação e de Lopes (2018), sobre a prefixação.

Especificamente sobre a composição — objeto de estudo desta dissertação — há os artigos de Santos e Simões Neto (2020), com foco no esquema construcional $[[X]-[mor]]_N$ e de Simões Neto e Santos (2020), sobre a categoria semântica de agente humano nos compostos $[VN]_N$. Para além disso, são destacadas as pesquisas em composição neoclássica, empreendidas por Gonçalves e Pires (2016), acerca das construções X-dromo e Gonçalves e Almeida (2018), sobre as construções X-metro.

⁴⁷ Há pesquisas baseadas na Morfologia Prosódica e na Teoria da Otimalidade.

3. METODOLOGIA

3.1 REFLEXÕES INICIAIS

Uma das maiores discussões em trabalhos que se lançam ao estudo de sincronias passadas da língua diz respeito à recolha dos dados que sustentam as análises. É fato que, com o desenvolvimento da linguística sincrônica, ao longo do século XX, foi possível a realização de trabalhos a partir de dados da língua em uso, em que se destaca a sociolinguística, na qual os pesquisadores conseguem “escolher e projetar sua configuração experimental” e podem, assim, “determinar ou alterar seus dados [...]” (BERGS, 2005, p. 13, tradução nossa⁴⁸). Quanto aos trabalhos de natureza histórica ou diacrônica, o acesso à língua em uso é uma dificuldade posta, uma vez que não se pode voltar aos informantes para a obtenção de novos dados, de forma a impossibilitar uma infinita expansão do banco de dados (BERGS, 2005).

Labov (1994), ao refletir sobre os problemas que emergem na interpretação de dados históricos, afirma que “a linguística histórica se baseia firmemente no caráter objetivo e abrangente de seus dados” (LABOV, 1994, p. 11, tradução nossa⁴⁹), sendo esses dados “ricos em alguns aspectos e empobrecidos em outros. Documentos históricos sobrevivem por acaso, não por intenção, e a seleção que está disponível é o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos.” (LABOV, 1994, p. 11, tradução nossa⁵⁰). É diante desse cenário que o autor cunha a asserção “a linguística histórica pode ser pensada como a arte de fazer o melhor uso de dados ruins” (LABOV, 1994, p. 11, tradução nossa⁵¹). Os dados históricos são, nesse sentido, “ruins”, pois

As formas linguísticas nesses documentos são muitas vezes distintas do vernáculo dos escritores e refletem esforços para capturar um dialeto que nunca foi a língua nativa de nenhum falante. Como resultado, muitos documentos estão repletos de efeitos de hipercorreção, mistura de dialetos e erro do escriba. (LABOV, 1999, p. 11, tradução nossa⁵²).

⁴⁸ “[...] present-day sociolinguists may commonly choose and design their experimental set-up and may therefore determine or alter their data.” (BERGS, 2005, p. 13).

⁴⁹ “Historical linguistics rests firmly on the objective and wide-ranging character of its data.” (LABOV, 1994, p.11).

⁵⁰ But the data that are rich in so many ways are impoverished in others. Historical documents survive by chance, not by design, and the selection that is available is the product of an unpredictable series of historical accidents. (LABOV, 1994, p. 11).

⁵¹ Historical linguistics can then be thought of as the art of making the best use of bad data (LABOV, 1994, p. 11).

⁵² “The linguistic forms in such documents are often distinct from the vernacular of the writers, and instead reflect efforts to capture a normative dialect that never was any speaker’s native language. As a result, many documents are riddled with the effects of hypercorrection, dialect mixture, and scribal error” (LABOV, 1994, p. 11).

Na escolha do corpus deste trabalho, portanto, essas dificuldades foram levadas em consideração, de forma a buscar uma reflexão sobre como escolher um corpus representativo e que forneça dados da língua em uso. Concordamos, pois, que única possibilidade de reconstruir a história de uma língua é por meio de dados de corpus (KABATEK, 2013).

Para a elaboração de um corpus representativo, então, admitimos a posição de Kabatek (2013, p. 15, tradução nossa⁵³) de que “[...] os corpora contêm textos, mas língua não é o mesmo que texto, assim,

A língua histórica não é uma entidade homogênea, a ideia de que ela é um sistema capaz de produzir infinitos enunciados por meio de uma série de regras limitadas é uma ideia simplificadora e um tanto ingênua. [...] a língua histórica não é um sistema, mas um conjunto de sistemas – tanto objetivamente quanto na própria competência dos falantes. As variedades diatópica, diastrásica e diafásica são dimensões da fala ao lado da dimensão diacrônica. (KABATEK, 2013, p. 16, tradução nossa⁵⁴)

Além disso, quando nos propomos a recolher dados de textos escritos, observamos questões ligadas ao gênero textual. Nas palavras de Kabatek (2013, p. 18, tradução nossa⁵⁵):

O que produzimos quando falamos não é, pois, nem a realização de um único sistema nem apenas gramática e léxico de um estado de língua; é também tradição; e a tradição também pode quebrar – até certo ponto – as regras do sistema, ou, melhor dizendo, permitir elementos correspondentes a regras de sistemas diferentes.⁵⁶

Devemos, portanto, ter uma visão crítica ao adotarmos a ideia de que os gêneros dão conta das variações textuais. Dessa forma, “[...] fala-se de ‘linguagem oral’ como gênero, do ‘gênero jornalístico’, da ‘prosa jurídica’, e pensa-se que é assim que se presta o merecido tributo à variação textual” (KABATEK, 2013, p. 19, tradução nossa⁵⁷). Com isso, é necessário o entendimento de que o objeto do texto permite múltiplas formas de classificação, globais ou internas, e todas elas correspondem a tradições discursivas. (KABATEK, 2013).

Ademais, na seleção de textos para a constituição de um *corpus* com vistas a estudos

⁵³ “los corpus contienen textos, pero la lengua no es lo mismo que el texto.” (KABATEK, 2013, p. 15).

⁵⁴ “La lengua histórica no es una entidad homogénea, la idea de que se trata de un sistema capaz de producir un sinfín de enunciados mediante una serie de reglas limitadas es una idea simplificadora y hasta cierto punto ingenua [...] la lengua histórica no es un sistema sino un conjunto de sistemas – tanto objetivamente como en la propia competencia de los hablantes. Las variedades diatópicas, diastráticas y diafásicas son dimensiones del hablar junto a la dimensión diacrónica.” (KABATEK, 2013, p. 16).

⁵⁵ “Lo que producimos cuando hablamos no es, pues, ni realización de un único sistema ni solo gramática y léxico de un estado de lengua; es, además, tradición; y la tradición puede también quebrar – hasta cierto punto – las reglas del sistema, o, mejor dicho, permitir que aparezcan elementos correspondientes a reglas de sistemas distintos.” (KABATEK, 2013, p. 18).

⁵⁶ Kabatek (2013) utiliza o termo “tradição” e não “gênero”, pois “gênero” é uma noção ambígua e que evoca conotação literária.

⁵⁷ “Se habla de la ‘lengua oral’ como género, del ‘género periodístico’, de la ‘prosa jurídica’, y se piensa que así se ha pagado el tributo merecido a la variación textual” (KABATEK, 2013, p. 19).

linguísticos, é fundamental dar preferência àqueles editados com rigor filológico. Embora a linguística e a filologia tenham se diferenciado, de modo que a primeira entende que a memória é metáfora da informação alojada no cérebro do indivíduo e a segunda entende a memória como uma metáfora de história e cultura (MARQUILHAS, 2008), na atualidade, a filologia possui uma agenda contemporânea, continuando a ser necessária ao fazer linguístico.

Essas ideias estão presentes em Mattos e Silva (2008, p. 11), para quem “a linguística histórica depende, diretamente, da filologia, uma vez que tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os corpora indispensáveis às análises linguísticas de longa duração”. Destarte, não é possível falar em uma oposição entre linguística e filologia, mas sim em uma complementaridade.

Quanto à metodologia da linguística histórica, portanto, há a pertinência dos trabalhos filológicos, porquanto “não se pode utilizar qualquer edição do texto do passado para análise histórico-diacrônica: a edição deve ter sido feita com rigor filológico e com o objetivo claro de servir ao linguista” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 15). Assim, mesmo em estudos linguísticos que têm como corpus textos medievais, em que a oralidade e a escrita não são desconexas, devido à não normatização da língua, é viável utilizar-se estudos filológicos.

Em vista do exposto, neste trabalho, compreendemos que “tradições discursivas abrangem muito mais do que a ‘variável gênero’ [...]” (KABATEK, 2013, p. 25, tradução nossa⁵⁸) e que não é possível falar em *corpus* quantitativamente representativo, mas apenas buscar uma representatividade qualitativa. Assim sendo, na busca de um corpus qualitativo, ou seja, um corpus com uma gama de possibilidades, consideramos edições feitas para análise linguística.

3.2 DESCRIÇÃO E JUSTIFICAÇÃO DO CORPUS

Foram selecionados, para o desenvolvimento desta pesquisa, textos dos séculos XVI e XVII, tendo em vista o fato de o fenômeno aqui estudado — composição morfológica — ter maior produtividade em um período pós-renascentista. Esses compostos, conforme já exemplificado, na maioria das vezes, são cunhados a partir de empréstimos de línguas clássicas. Assim, em períodos de relatinização da língua portuguesa, como no Renascimento, houve um aumento na frequência desses compostos.

Sobre essa periodização, Maia (1999, p. 87) explica que

a língua do Ocidente peninsular, ao passar à escrita, confrontou-se com as suas

⁵⁸ “tradiciones discursivas abarcan mucho más que la “variable género [...]” (KABATEK, 2013, p. 25).

carências para designações em âmbitos semânticos até então reservados à fixação escrita em latim e viu-se forçada a recorrer a esta língua e a procurar nela soluções para a inovação lexical que o uso da escrita exigia ou para a obtenção de efeitos estéticos e estilísticos em cada caso pretendidos.

Na sequência, continua a autora, “no século XV, o interesse pelo mundo greco-latino atestado por uma importante actividade de tradução desenvolvida em Portugal, nomeadamente de obras latinas, impulsionou a entrada de cultismos” (MAIA, 1999 p. 89). A partir disso, a inserção de empréstimos latinos se acentuou, sendo o Renascimento um período de elevada pressão erudita.

Sobre a entrada de latinismos por via culta, Villalva (2020) retoma a tipologia dos empréstimos em língua portuguesa, tomando como base a observação de Thomason e Kaufman (1988), conforme o quadro 3.

Quadro 3 – Adaptação da tipologia de empréstimos de Thomason e Kaufman (1988)

Tipologia dos empréstimos		
Contato casual: apenas empréstimos lexicais	Léxico: palavras lexicais (vocabulário não básico emprestado por razões culturais e funcionais) Structure: –	Empréstimos germânicos? Empréstimos do árabe antigo? Empréstimos do árabe tardio Empréstimos de línguas europeias Empréstimos de línguas não europeias
Contato um pouco mais intenso: leve empréstimos estruturais	Léxico: palavras gramaticais (conjunções e partículas adverbiais) Estrutura: leves traços fonológicos, sintáticos e semântico-lexicais (que causam pouca ou nenhuma ruptura tipológica)	
Contato mais intenso: empréstimos um pouco mais estruturais	Léxico: palavras gramaticais (preposições e posições; afixos derivacionais adicionados ao vocabulário nativo; pronomes pessoais e demonstrativos, numerais, etc) Estrutura: fonemização de alternâncias alofônicas; aspectos da mudança de SOV para SVO, por exemplo,	

	posposições emprestadas em uma linguagem preposicional (ou vice-versa)	
Forte pressão cultural: empréstimos estruturais moderados	Léxico: – Estrutura: características estruturais que causam relativamente pouca mudança tipológica (por exemplo, mudanças na ordem das palavras, afixos flexionais e categorias emprestadas etc.).	Empréstimos germânicos? Empréstimos do árabe antigo?
Pressões culturais muito fortes: intensos empréstimos estruturais	Léxico: – Structure: major structural features that cause significant typological disruption (e.g. changes in word structure rules, etc.) Estrutura: características estruturais que causam ruptura tipológica significativa (por exemplo, mudanças nas regras de estrutura de palavras, etc.)	

Fonte: Villalva (2020, p. 55, tradução nossa)

Essa tipologia de empréstimos, proposta por Thomason e Kaufman (1988), pouco diz respeito à relação que a língua portuguesa mantém com o latim, pois, segundo Villalva (2020, p. 55, tradução nossa⁵⁹), “[...] os latinismos têm propriedades (fonéticas, prosódicas e semânticas) muito específicas”. Nesse sentido, a autora defende que essa relação de empréstimos seria dada por meio de contato literário (Quadro 4).

Quadro 4 - Complemento de Villalva (2020) à tipologia de Thomason e Kaufman (1988)

Contato literário	Léxico: palavras lexicais emprestadas por razões culturais e funcionais	Latinismos
-------------------	---	------------

Fonte: Villalva (2020, p. 55, tradução nossa)

Por conseguinte, para a autora, os latinismos são empréstimos via contato literário. Notadamente, “[...] escritores renascentistas, como Garcia de Resende (1470-1536) ou Luís de

⁵⁹ “[...] latinisms have very specific (phonetic, prosodic and semantic) properties.” Villalva (2020, p. 55).

Camões (1524-1579/1580), foram pioneiros na reformulação do léxico português e na introdução deste tipo particular de empréstimos lexicais [...]” (VILLALVA, 2020, p. 56, tradução nossa⁶⁰).

Apesar disso, o fenômeno em análise neste trabalho ultrapassa essa análise. A composição morfológica não se trata de simples latinismos, conforme explica Vilallva (2020, p. 57, tradução nossa⁶¹): “embora os primeiros latinismos fossem palavras completas, os dispositivos morfológicos disponíveis em português permitiram sua segmentação – do ponto de vista estrutural, essas palavras não eram tão diferentes das palavras vernáculas”.

Justifica-se, assim, o porquê da escolha de textos publicados após o período renascentista, entre séculos XIV e XVI, para a recolha dos dados empíricos que embasam esta pesquisa. Destacamos também que os textos foram selecionados a partir do *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, o qual busca atender a duas demandas: a qualidade filológica e a adequação para as ferramentas, sendo os materiais selecionados *fac-simile*, transcrições de manuscrito ou transcrição da impressão original, conforme apresentado no Quadro 5.

Quadro 5 – Textos selecionados para a constituição do corpus

TEXTO	SÉCULO	GÊNERO
Cartas, D. João III (CDJIII)	XVI	carta
Teatro, António Ribeiro Chiado (TARC)	XVI	Texto de dramaturgia
Teatro, António Ferreira (TAF)	XVI	Texto de dramaturgia
Gazeta, Manuel Galhegos (GMG)	XVI	Gazeta/jornal
A vida de Frei Bertolameu dos Mártires (VFBM)	XVI	Narrativo
Côrte na Aldeia e Noites de Inverno (CANI)	XVI	Narrativo
Perigrinação (Pe)	XVI	Narrativo
Da Monarquia Lusitana (ML)	XVI	Narrativo
História da Província de Santa Cruz (HPSC)	XVI	Narrativo
antiga (PA)	XVI	Dissertativo
Cartas Familiares, F.M. de Melo (CFMFM)	XVII	carta
Cartas Espirituais (CE)	XVII	carta
Cartas, Antonio Vieira (CAV)	XVII	carta
Cartas, J.C. Brochado (CJCB)	XVII	carta

⁶⁰ “Renaissance writers, such as Garcia de Resende (1470–1536) or Luís de Camões (1524–1579/1580), pioneered the reshaping of the Portuguese lexicon and the introduction of this particular kind of lexical borrowings.” (VILLALVA, 2020, p. 56).

⁶¹ “Though early Latinisms were full words, the morphological devices available in Portuguese allowed their segmentation – from a structural point of view, these words were not that different from vernacular words.” (VILLALVA, 2020, p. 57).

Mercurio Portuguez (MP)	XVII	Gazeta/jornal
A Arte de furtar (AF)	XVII	Narrativo
Tácito Português (TP)	XVII	Narrativo
Historia do futuro (HF)	XVII	Dissertativo
Sermão da Primeira Dominga do Advento (SPDA)	XVII	Dissertativo
Sermão da Terceira Dominga do Advento (STDA)	XVII	Dissertativo

Fonte: Elaboração própria

A partir dessa seleção, foram coletadas todas as formas de composição morfológica, processo que foi auxiliado pela utilização do pacote de software *WordSmith Tools*, o qual permitiu a listagem de todas as palavras dos textos. Feito isso, obtivemos 47 compostos, formados a partir de 26 elementos de composição, alguns formados a partir de um sufixo (-ia ou -ico) anexado à base.

Para além desses, consideramos relevante refletir acerca de uma possível gramaticalização dos elementos -*ific*- e -*ifero*, os quais têm sua gênese na composição a partir de verbos latinos, todavia, parecem já funcionar como sufixos. Desse modo, foi feita a recolha de quatro construções com -*ifero*, três com -*ficio*, duas com -*fice* e uma com -*fico*.

Ressaltamos também que, no âmbito deste trabalho, não foram consideradas para nossas análises: a) formas prefixadas, como *analogia* e *simetria*; e b) formas que ocorrem apenas em títulos de obras clássicas, como *Philologia*, livro de Volaterrano e c) antropônimos, como *Teófilo*.

No mais, destacamos que as formações recolhidas neste trabalho são disponibilizadas em apêndice. Essas foram organizadas a partir do elemento à direita, apresentam-se também a etimologia, o significado e as averbações, nas quais há, entre parênteses retos, a sigla da fonte textual e a localização da ocorrência. Ademais, esses compostos receberam códigos, em que as letras A e B indicam o século (XVI ou XVII) e os números dizem respeito à ordem de organização do trabalho. Dessa forma, *fratricida*, por exemplo, recebe o código A003, ou seja, é uma ocorrência do século XVI e é o terceiro composto da organização.

Antes de passarmos às análises, também foram realizadas pesquisas em dicionários etimológicos, especialmente o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antonio Geraldo da Cunha, a fim de verificar o étimo e a data de inserção de cada composto morfológico no língua portuguesa. Esse procedimento permitiu identificar os radicais que formam o

composto, bem como verificar se um composto é um empréstimo de línguas clássica ou uma criação da língua portuguesa. No mais, a consulta ao dicionário etimológico permitiu a identificação de elementos de composição homônimos, como *metr(o)*- (< gr. *mētra*, as 'matriz, útero',) e *-metro* (< gr. *métron*, ou 'medida').

Feitos esses passos metodológicos, pudemos, então, passar a análise desses compostos, que será realizada no capítulo 6.

4. A COMPOSIÇÃO EM LATIM

Neste trabalho, buscou-se investigar os compostos morfológicos na língua portuguesa, especialmente nos séculos XVI e XVII, período em que houve reformulações do léxico do português, desencadeadas por ideias renascentistas de valorização de línguas clássicas. Essa visão favoreceu a entrada de compostos do tipo aqui descrito na língua, de modo que podem ser considerados a consequência de uma situação de contato linguístico⁶² que rendeu empréstimos tanto lexicais como estruturais (VILLALVA, 2020).

Ademais, tendo em vista que “a língua latina contribuiu, de forma ininterrupta, ao longode toda a nossa história linguística, para melhorar as possibilidades expressivas do nosso idioma” (MAIA, 1999, p. 85), buscamos observar que características a composição de palavras em português herdou da composição latina.

4.1 A COMPOSIÇÃO EM LATIM: DEFINIÇÃO E FINALIDADES

Define-se a composição latina como “[...] processo pelo qual dois elementos, cada um dotado de um significado próprio, são reunidos de modo a formar apenas uma palavra” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 420, tradução nossa⁶³), ou ainda, como “[...] uma formação privilegiada que se apresenta como um conjunto de duas palavras significativas” (MAROUZEAU, 1946, p. 134, tradução nossa⁶⁴). Acerca disso, é importante apontar que em textos que tratam de línguas clássicas, a composição é tratada, tradicionalmente, como uma formação distinta da justaposição, conforme explicam Meillet e Vendryes (1953). Portanto, não se confunde composição com justaposição, tratando-se esta última de palavras agrupadas pelo uso e que acabam por unir seus significados ao ponto de serem sentidas como uma unidade.

Além disso, uma característica da formação de compostos na língua latina é a inexistência de produtividade, no sentido de que “um número limitado de compostos ainda existia, mas raramente são selecionados como padrão para novos compostos” (CHASE, 1900, p. 61, tradução nossa⁶⁵). Assim sendo, esse processo é, por vezes, caracterizado como incomum aos

⁶² Não se trata de um contato linguístico em sentido estrito, mas sim de um contato linguístico literário (cultural).

⁶³ “On appelle composition le procédé par lequel deux éléments pourvus chacun d'un sens propre sont réunis de façon à ne plus former qu'un seul mot.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 420).

⁶⁴ “[...] grammatical, le mot composé se présente comme un assemblage de deux mots si significatifs, donc comme une formation privilégiée.” (MAROUZEAU, 1946, p. 134).

⁶⁵ “A limited number of the old compounds still existed, but these were rarely taken as patterns for new compounds.” (CHASE, 1900, p. 61).

falantes latinos. Nessa acepção, Marouzeau (1946, p. 135, tradução nossa⁶⁶) trata a composição como um processo “excepcional e estranho ao gênio da língua”. Essa excepcionalidade já era sentida, inclusive, pelos próprios autores latinos, tal qual o demonstrado por Cooper (1975 [1895]):

quos “androgynos” uulgus, ut pleraque, faciliore ad duplicanda uerba Graeco sermone, appellat (Liu. 27, 11, 5).⁶⁷

Sed res tota magis Graecos decet, nobis minus succedit, nec id fieri natura puto, sed alienis fauemus; ideoque cum Kupravýeva mirati simus, incuruiceruicum uix a risu defendimus (Quint. 1, 5, 70).⁶⁸

Tratando-se os compostos, então, de formações improdutivas e alheias à língua latina, questionamos a que vêm essas palavras. A respeito da finalidade das palavras compostas, Meillet e Vendryes (1953, p. 421, tradução nossa⁶⁹) afirmam que “para imitar os moldes gregos, os velhos poetas dramáticos, principalmente os trágicos, tentaram desenvolver em latim o uso da composição”. Além disso, Marouzeau (1946, p. 135, tradução nossa⁷⁰) sustenta que o uso de compostos “é conveniente nas formas da língua desejosas de expressividade, que são essencialmente dois tipos considerados opostos na escala de estilo: a língua do povo e a língua dos poetas”. Uma terceira finalidade que pode ser atribuída aos compostos é a de terminologia técnica, isto é, a composição é “[...] adequada para as linguagens especiais e técnicas da filosofia, da ciência, da administração, da religião, nas quais a composição confere não só precisão, mas também seriedade” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 421, tradução nossa⁷¹).

Portanto, os compostos, mesmo que pouco produtivos, estão presentes na linguagem poética, na terminologia científica e até mesmo na linguagem popular. Nesse sentido, Marouzeau (1946), a partir das obras de Plauto e Terêncio, demonstra que os compostos podem ser nomes científicos: *angiportus*, ‘beco’, *funambulus*, ‘acrobata’, *pedisequa*, ‘escrava que

⁶⁶ “C’est d’être exceptionnel et étranger au génie de la langue” (MAROUZEAU, 1946, p. 135).

⁶⁷ Aos quais o povo chama de “androgynos”, é mais fácil a duplicação de palavras (formação de compostos) no discurso grego.

⁶⁸ Mas a coisa toda adorna melhor aos gregos, funciona menos para nós, não acredito que por feito natural, mas (porque) somos a favor do outro, por isso para κριτάχενα arremetemos o nariz, (mas) dificilmente defendemos incuruiceruicum do riso.

⁶⁹ “C’est en vain que, par imitation de leurs modèles grecs, les vieux poètes dramatiques, surtout tragiques, ont essayé de développer en latin l’usage de la composition.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 421).

⁷⁰ “ le composé convient aux formes de langage soucieuses d’expressivité, telles que sont essentiellement deux types souvent considérés comme opposés et même comme occupant les deux places extrêmes dans l’échelle des styles, la langue du peuple et celle des poètes. ” (MAROUZEAU, 1946, p. 135).

⁷¹ “[...] il convient aux langues spéciales et techniques de la philosophie, de la science, de l’administration, de la religion, auxquelles il confère à la fois précision et gravité.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 421).

acompanha a pé'; nomes populares: *carnufex*, 'carrasco', *furcifer* 'o que merece a força' e, ocasionalmente, termos poéticos: *salsipotens* 'rei dos mares', *caelipotens* 'senhor do céu'.

4.2 ORDEM E RELAÇÕES SINTÁTICAS NOS COMPOSTOS LATINOS

É fato que o processo de composição de palavras se configura “uma exceção às leis que regem as relações das palavras” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 421, tradução nossa⁷²); nesse sentido, faz-se necessário, para a investigação desse fenômeno, perpassar por questões de ordem sintática. Com isso, nesta seção, tecemos considerações sobre a ordem dos compostos latinos e as suas relações sintáticas intracomposicionais.

Em primeiro lugar, quanto à ordem dos membros dos compostos, isto é, a ordem que confere ao composto o sentido, são percebidos dois tipos de relação. A primeira relação corresponde à estrutura determinante + determinado, como *aequanimus* (*aequus* + *animus*), ‘calmo’, enquanto a segunda é expressa pela relação determinado + determinante, como *animaequus* (*anima* + *equus*), ‘paciente’. Os compostos com a primeira estrutura são chamados de regressivos e os compostos com a segunda de progressivos (BADER, 1962).

A relação entre os membros de um composto parece ainda ter conexão com a classe lexical desses membros. Isso é observado por Meillet e Vendryes (1953, p. 432, tradução nossa⁷³), que, ao correlacionarem características morfossintáticas com a semântica do composto, afirmam que “a ordem do significado do composto é invertida a depender se o primeiro termo é um radical nominal ou um radical verbal”, ou seja, “no caso em que o primeiro termo é um radical verbal, a ordem é progressiva, ou seja, o segundo termo depende do primeiro[...]” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 432, tradução nossa⁷⁴). Os compostos com a ordem progressiva, todavia, são pouco frequentes em latim, tendo fornecido poucos exemplos, como *uersi-pellis*, ‘que muda de forma’, e *uerti-cordia*, ‘que muda os corações’. (MEILLET; VENDRYES, 1953).

Por outro lado, a ordem regressiva é a mais frequente na formação de compostos latinos (MEILLET; VENDRYES, 1953). São compostos nos quais “[...] o segundo elemento deve ser interpretado primeiro[...]” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 432, tradução nossa⁷⁵). Nos compostos regressivos, é ainda relevante verificar que o primeiro termo pode desempenhar

⁷² “La composition est toujours une dérogation aux lois qui règlent les rapports des mots [...]” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 421).

⁷³ “L'ordre du sens des composés est inverse suivant que le premier terme est un thème nominal ou un thème verbal” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 432).

⁷⁴ “Dans le cas où le premier terme est un thème verbal, l'ordre est progressif, c'est-à-dire que le deuxième terme dépend du premier [...]” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 432).

⁷⁵ “[...] c'est-à-dire que l'élément qui est le second doit être traduit le premier.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 432).

diversos casos: nominativo, acusativo, genitivo ou dativo (MEILLET; VENDRYES, 1953).

Inspirada pelos gramáticos do sânscrito, Bader (2005) estabelece, tendo como base critérios de ordem morfossintática, que os compostos podem ser classificados como coordenados, cujos membros estão sintaticamente no mesmo plano, e em subordinados, nos quais um dos membros determina o outro. Nos subordinados, é possível ainda uma subclassificação; assim, esses compostos podem ser de dois tipos. O primeiro tipo é o *tatpuruṣa*, que comporta compostos: a) *tatpuruṣa* verbal, cujos membros, que têm relação de dependência, são unidos por um vínculo verbal, como *agrícola*; e b) *tatpuruṣa* nominal, cujos membros têm relação de determinação, como *perenniseruus* ‘escravo para sempre’. O segundo tipo é o *bahuvrīhi*, em que “[...] o primeiro membro é um epíteto do segundo e funcionam globalmente como adjetivos (multicolor)” (BADER, 1962, p. 1, tradução nossa⁷⁶).

Ainda em relação aos compostos subordinados, Bader (2005) chama atenção para a possibilidade de independência do segundo membro, além de apontar de que forma o primeiro membro é determinante, tendo em vista as classes gramaticais do segundo membro. Assim, conforme o Quadro 6:

Quadro 6 - Compostos subordinados em latim

Compostos possessivos (<i>bahuvrīhi</i>)	Compostos com relação de dependência (<i>tatpuruṣa</i>)
(<i>multicolor</i> , <i>suauiſonus</i> ‘doce som’)	(<i>sacerdos</i> , <i>agrícola</i>)
O segundo membro existe independentemente na língua, mas como substantivo	O segundo membro não existe de forma independente na língua: é derivado de uma raiz ou de um verbo
O primeiro membro é determinante do substantivo do segundo membro, com função de adjetivo (<i>multicolor</i>) ou de genitivo (<i>capricornus</i>)	O primeiro membro é determinante de um sintagma verbal

Fonte: Bader (2005, p. 12, traduzido e adaptado)

⁷⁶ “[...] dans lesquels le premier membre est épithète du second, et qui fonctionnent globalement comme des adjectifs (multicolor)” (BADER, 1962, p. 1).

4.3 VOGAL DE LIGAÇÃO EM COMPOSTOS DO LATIM

Nas obras que buscam descrever a composição latina, há diversas alusões à existência de uma vogal de ligação nos compostos. Isso ocorre em Chase (1900, p. 62, tradução nossa⁷⁷), para o qual “a grande maioria dos compostos latinos dispensa maiores explicações. Eles são regularmente formados pela vogal de ligação -i- (-ĩ-)”. Essa é a posição também de Meillet e Vendryes (1953, p. 427, tradução nossa⁷⁸), os quais afirmam que

tanto o grego quanto o latim manifestam uma tendência de marcar a composição por uma vogal de ligação entre os dois termos, sendo viável o uso dessa vogal quando o primeiro termo terminava em uma consoante, pois ela detém uma dupla vantagem: tornar a composição mais clara e a pronúncia mais simples.

Apesar dessas observações, definir o status dessa vogal exige reflexões mais profundas, sendo esse um “[...] ponto sensível para a morfologia dos compostos e lugar de particularidades morfológicas [...]” (FRUYT, 2005, p. 44, tradução nossa⁷⁹). Nesse sentido, abordamos a formação do primeiro membro do composto na tentativa de perceber de que modo as leis de combinação fonética ou formações por analogia operam para mudar a forma do primeiro membro (CHASE, 1900).

Sobre isso, Meillet e Vendryes (1953) defendem que o primeiro termo sofre mudanças devido, principalmente, à analogia, que faz emergir uma vogal de ligação. Com isso, “observamos especialmente depois de temas consonantais: *pāc-i-ficus*, *rēg-i-fugium*, *iūr-i-dicus*, *pecūd-i-fer*, *lēg-i-rupa*, *dent-i-legus* etc.” (MEILLET ; VENDRYES, 1953, p. 428, tradução nossa⁸⁰). No mais, os autores apontam que “a vogal de ligação aparece muitas vezes nos casos em que seria de esperar a síncope ou a absorção de uma vogal breve na segunda sílaba: *auri-fex*, *agri-cola*, *blandi-loquens*, etc.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 428, tradução nossa⁸¹) e salientam casos em que “ela foi reestabelecida depois de ter sofrido elisão: *fun-ambulus* (Térence), *mult-angulus* (Lucrèce), *quadr-angulus* (Varron). Posteriormente são atestadas sob a forma *fani-ambulus* (Suétone), *multi-angulus* (Mart. Capella), *quadri-angulus*

⁷⁷ “The great majority of Latin compounds need no further explanation. They are regularly formed by the connecting vowel -i- (-ĩ-).” (CHASE, 1900, p. 62)

⁷⁸ Le grec et le latin manifestent tous deux une même tendance à marquer la composition par une voyelle de liaison entre les deux termes.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 427).

⁷⁹ “[...] point sensible pour la morphologie du composé et lieu de particularités morphologiques spécifiques aux composés” (FRUYT, 2005, p. 44).

⁸⁰ “On l’observe notamment après des thèmes consonantiques : *pac-i-ficus*, *reg-i-fugium*, *iur-i-dicus* (à côté de *iu-dex*), *pecud i-fer*, *leg-i-rupa* (Pl. Rud. 652; *legerupa* Pseud. 364 A, v. S 172), *dent-i-legus* (Capt. 798), etc.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 428).

⁸¹ “La voyelle de liaison apparaît souvent dans des cas où l’on attendrait la syncope ou l’absorption d’une voyelle brève en seconde syllabe: *auri-fex*, *agri-cola*, *blandi-loquens*, etc.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 428).

(Ausope), etc.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 428, tradução nossa⁸²⁸²). Com base nisso, os autores concluem que o uso dessa vogal se expandiu aos casos em que nada a impunha (MEILLET; VENDRYES, 1953).

Corroborando essa ideia, Chase (1900) defende que houve uma extensão analógica das formas com o primeiro membro terminado em *-i-*, destacando que autores como Ênio, Lívio Andrônico e Plauto cunharam novos compostos latinos, construindo-os sem levar em conta sua vogal raiz, por meio da vogal de ligação. Os poetas clássicos, como Catulo e Virgílio, e os que seguiram no período pós-clássico também seguiram esse padrão de composição com vogal de ligação (CHASE, 1900). Nesse sentido, Chase (1900) chama atenção para alguns padrões que são encontrados apenas com a vogal *-i-*, conforme o Quadro 7:

Quadro 7 – Padrões de compostos com a vogal *-i-*

GRUPO	EXEMPLO
<i>ō – f.</i>	<i>Signi-fer, saxi-fragus, sereni-ficus, aequi-formis, amoeni-fer, blandi-fluus, multi-folius.</i>
<i>ō – b.</i>	<i>Multi-bibus, pexi-barbus, vini-bua.</i>
<i>ō – m.</i>	<i>Aequi-manus, multi-meter, multi-modus, uni-mamma.</i>
<i>ō – p.</i>	<i>Aheni-pes, aequi-par, agri-peta, alti-pendulus, atri-plex, armi-potens.</i>
<i>ō – v.</i>	<i>Alti-volans, aequi-vocus, lustrivagus, multi-vira, multi-volus.</i>
<i>ō – l.</i>	<i>Aequi-lavium, alti-loquium, astri-lucus, auri-legulus, blandi-loquus, pleni-lunium, recti-lineus</i>
<i>ā – f.</i>	<i>Aqui-fuga, aquili-fer, creti-fodina, flammi-fluus, silvi-fragus.</i>
<i>ā – m.</i>	<i>Aqui-manile, stelli-micans, aqui-minarium</i>

⁸² 82 “Elle a même été rétablie après avoir subi l’élision: fun-ambulus (Térence), mult-angulus (Lucrèce), quadr-angulus (Varron), sont attestés plus tard sous la forme fani-ambulus (Suétone), multi-angulus (Mart. Capella), quadri-angulus (Ausone), etc.” (MEILLET; VENDRYES, 1953, p. 428).

<i>ā - p.</i>	<i>Ali-pilus, ali-pes, flammi-potens, lani- pendia, scrofi-pascus</i>
<i>ā - v.</i>	<i>Aqui-vergium, areni-vagus, flammi- vomus, nugi-vendus</i>
<i>ā - l.</i>	<i>Aqui-legus, tubi-lustrium</i>
<i>ā - b.</i>	<i>Fundi-balus</i>
<i>ĩ - f.</i>	<i>Febri-fugia, aedi-fex, hosti-fer, morti-fer, navi-fragus, omni-formis.</i>
<i>ĩ - b.</i>	<i>Fusti-balus</i>
<i>ĩ - m.</i>	<i>Angui-manus, dulci-modus, omni-modus, pari-membre.</i>
<i>ĩ - p.</i>	<i>Agili-pennis, angui-pes, igni-potens, omni- pavus, tri-pes</i>
<i>ĩ - v.</i>	<i>Carni-vorus, celeri-volus, igni-vagus, omni-vomus, omni-vorus.</i>
<i>ĩ - l.</i>	<i>Brevi-loquens, grandi-loquus, suavi- ludius, turpi-lucrus, ventri-loquus</i>
<i>ũ - f.</i>	<i>Aesti-fer, corni-frons, fucti-vagus, sensi- ficus</i>
<i>ũ - p.</i>	<i>Arci-potens, corni-pes, domi-porta, mani- pulus.</i>
<i>ũ - v.</i>	<i>Flucti-vagus</i>
<i>ũ - l.</i>	<i>Risi-loquium, sensi-locus.</i>

Fonte: Chase (1900)

Quanto à tendência de mudança na parte final do primeiro membro, Oniga (1992) organiza esse processo em três regras, que podem ser assim sintetizadas: a) a vogal temática do primeiro membro é eliminada se o tema do segundo membro começar com uma vogal, como em *funambulus* [funi+ambulo] _N; b) a vogal temática do primeiro membro se torna breve se o tema do segundo membro começar com uma consoante, como em *corniger* [cornu + gero]_N; c) ocorre uma epêntese, com a inserção de um -i- breve entre os dois radicais composicionais se o primeiro terminar com uma consoante e o segundo começar com uma consoante, como *patricida* [patr + cida].

Na seção 5.3, a vogal de ligação será novamente abordada, considerando as descrições

atuais sobre a composição morfológica.

4.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A HERANÇA LATINA NA COMPOSIÇÃO

Conforme apresentado nas seções anteriores, a composição em língua latina é considerada como um processo de baixa produtividade, bem como estranha à essa língua, isto é, trata-se de um mecanismo de formação de palavras da língua grega emprestado e moldado para as palavras latinas. Apesar disso, a composição em língua latina trouxe algumas particularidades para os compostos da língua portuguesa.

Desse modo, assumimos que houve não só o empréstimo dos radicais latinos (para além dos gregos) na formação de palavras compostas em português, mas o padrão de composição clássico também foi incorporado à língua. Com isso, em um composto como *germicida*, por exemplo, além dos radicais serem latinos, a ordem dos constituintes também é alinhada ao padrão mais frequente no latim (ordem regressiva), ou seja, o primeiro elemento do composto é o determinante e o segundo é o determinado. Essa relação traz, portanto, um padrão distinto para a composição em língua portuguesa, a qual, majoritariamente, apresenta compostos cujo elemento determinado precede o determinante, como *papa-anjo*, ‘pessoa que se relaciona com uma pessoa bem mais nova’.

Além disso, outra característica da composição em língua portuguesa — em especial dos compostos morfológicos — que parece ter tido influência direta do latim diz respeito à emergência de uma vogal de ligação entre os elementos do composto. Assim, apesar de as vogais em causa terem origem nos constituintes temáticos das respectivas bases (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016), no processo de composição, ainda na língua latina, já se utilizava a vogal *i-* entre os membros dos compostos, mesmo nos casos em que essa vogal não está presente nas bases, como *aurifex*, configurando, portanto, uma vogal de ligação.

Por conseguinte, esses aspectos podem ser observados nas próximas seções, em que focamos em descrições atuais da composição morfológica na língua portuguesa.

5. A COMPOSIÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS: OS COMPOSTOS MORFOLÓGICOS

Uma das dificuldades no estudo de palavras compostas está na definição da composição, a qual recebe diferentes conceitos. Tradicionalmente, a composição é entendida como um processo que “designa a formação de uma unidade semântica a partir de elementos léxicos suscetíveis de ter por si mesmos uma autonomia na língua” (DUBOIS, 2006, p. 127). Em relação à composição na língua portuguesa, alguns autores também adotam uma visão similar à trazida por Dubois, como Câmara Jr. (1986), o qual afirma que a composição se trata da formação de uma palavra pela reunião de outras, cujas significações se complementam para formar uma significação nova.

A visão de composição adotada neste trabalho, todavia, considera que a composição é a formação de palavras não apenas pela união de outras palavras ou de unidades autônomas, mas também de radicais e temas. Assim, entendemos que a composição é um processo de formação de palavras coordenativo, subordinativo ou modificativo, entre pelo menos duas unidades lexicais - radicais, temas ou palavras (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016). Em língua portuguesa, os compostos podem ser classificados em i) sintagmáticos, ii) morfossintáticos e iii) morfológica, a serem abordados a seguir.

Nesta seção, as definições de composição e, especificamente, de composição morfológica serão apresentadas e, com isso, estabelece-se o que compreendemos por composição morfológica, e, em seguida, apresentamos questões relevantes para a descrição e análise desse processo.

5.1 DEFINIÇÕES

Na esfera da língua portuguesa, para Villalva (2003, p. 971), constata-se dois tipos de compostos: os compostos morfossintáticos, que “têm estrutura híbrida, exibindo alguma das propriedades das estruturas sintáticas e algumas das propriedades das estruturas morfológicas” e os compostos morfológicos, foco deste estudo, os quais consistem em um “processo de concatenação de dois ou mais radicais, que exige a presença de uma vogal de ligação como delimitador da fronteira entre esses radicais” (VILLALVA, 2003, p. 971).

Em trabalho posterior, Villalva (2022) traz, ainda, uma diferenciação entre os compostos formados por palavras. Assim, os compostos morfossintáticos seriam resultado de “processos de formação de compostos que juntam palavras que não poderiam ocorrer na posição em que

ocorrem na frase (i.e., como nomes ou adjetivos) e se sucedem umas às outras numa frase sem um elemento de ligação gramatical, uma conjunção ou uma preposição” (VILLALVA, 2022, p. 3154). Essa característica os diferencia dos compostos sintáticos, os quais têm estrutura interna idêntica à sua estrutura sintagmática, como *mau-caráter* (VILLALVA, 2022).

Quanto aos compostos morfológicos, Villalva (2003) assume que há uma concatenação de radicais conforme os princípios da formação morfológica de palavras. Em vista disso, “os compostos morfológicos têm um comportamento idêntico ao das restantes palavras” (VILLALVA, 2003, p. 928), essa característica é apresentada quanto à flexão de gênero e de número. Logo, para a autora, além da existência de vogal de ligação, a diferença entre compostos morfológicos e compostos morfossintáticos pode ser percebida na estrutura morfológica, conforme o Quadro 8.

Quadro 8 - Comparação entre compostos morfológicos e morfossintáticos

Compostos morfológicos	Compostos morfo-sintáticos
luso-brasileiro	surdo-mudo
luso-brasileira cf. *lusa-brasileira	surda-muda cf. *surdo-muda
luso-brasileiros cf. *lusos-brasileiros	surdos-mudos cf. *surdo-mudos

Fonte: Villalva (2003, p. 972)

Levando em conta os dados do Quadro 8, é evidente que as marcas flexionais dos compostos *luso-brasileira* e *luso-brasileiros* apresentam-se na base à direita, e não há desinências nem de número nem de gênero ao fim da primeira. Essa característica dos compostos morfológicos aproxima-os mais de palavras simples do que de compostos morfossintáticos, os quais permitem a marcação de número e gênero na primeira palavra, tal qual *surda-muda*⁸³.

⁸³ É exemplo também *morto-vivo*, que permite a flexão *morta-viva*.

A autora discorre ainda sobre as relações intracomposicionais⁸⁴. Nesse ponto, os radicais desses compostos podem estabelecer entre si uma relação de *modificação*, em que há o núcleo à direita, ou uma relação de *coordenação*, compondo formas adjetivais. (VILLALVA, 2003). Consequentemente, “a posição que o radical ocupa na estrutura do composto é, pois, determinante para a interpretação da palavra” (VILLALVA, 2003, p. 974).

Ademais, no que se refere à interpretação dos compostos morfológicos que integram mais de dois radicais, Villalva (2003) reconhece que os compostos morfológicos com estrutura de modificação não têm estrutura ternária, por isso, primeiro modificador influi sobre um composto que já integra um modificador. Enquanto isso, os compostos morfológicos com estrutura de coordenação têm estrutura n-ária — o radical composto domina todos os radicais coordenados.

Ribeiro e Rio-Torto (2016) também defendem a ocorrência de três⁸⁵ tipos de compostos na língua portuguesa. Assim, há, para além dos compostos morfológicos – foco do nosso estudo –, os compostos morfossintáticos e os compostos sintagmáticos.

Os compostos morfossintáticos e sintagmáticos são constituídos por unidades autônomas e distinguem-se entre si quanto à observância (ou não) do padrão das estruturas sintáticas do português. Nesse sentido, os compostos morfossintáticos são identificados por apresentarem “algum grau de atipicidade relativamente aos padrões sintagmáticos do português ativos nas estruturas sintagmáticas correspondentes” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 484), como *couve-flor* e *outono-inverno*. Paralelamente, os compostos morfológicos “incluem pelo menos um radical não autónomo, frequentemente de origem grega ou latina, e caracterizam-se pela presença de uma vogal de ligação entre os respetivos elementos compositivos” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 476).

Em suma, são critérios para a caracterização dos compostos em língua portuguesa: 1) o status dos constituintes, ou seja, deve-se considerar se o composto é formado por palavras ou por radicais; e 2) a organização dos constituintes de acordo com o padrão sintático da língua portuguesa.

À vista disso, Ribeiro e Rio-Torto (2016) apresentam as relações intracomposicionais dos

⁸⁴ Villalva (2003) discorre sobre as relações intracomposicionais apenas pela óptica das relações sintáticas, então não há uma subcategorização dos compostos morfológicos em relações temáticas.

⁸⁵ Ribeiro e Rio-Torto (2016) apresentam também os compostos aglutinados, porém afirmam que “a noção de aglutinação não se revela suficientemente coesa e operacional para permitir a distinção de um subtipo de compostos” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 398) e que “as formações tradicionalmente entendidas como compostos aglutinados integram-se no âmbito dos compostos morfológicos” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 398). Portanto, neste trabalho, serão considerados apenas três subtipos de compostos.

compostos mediante duas dimensões: a dimensão temática e a dimensão sintática. As relações temáticas dizem respeito à capacidade de seleção e de realização argumental, nesse ponto, os compostos morfológicos destacam-se pela existência de “uma relação temática predicador-tema/objeto em compostos cujo elemento da direita é uma unidade greco-latina com capacidade argumental” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 498). Consequentemente, ao contrário do que ocorre com os compostos morfossintáticos [VN]_N, nos compostos morfológicos, “o elemento com capacidade argumental ocorre à direita, encontrando-se à esquerda o elemento, de origem nominal, que assegura a realização do respetivo argumento interno e que funciona habitualmente como tema/objeto” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 499).

Simultaneamente, no que diz respeito à dimensão sintática das relações intracomposicionais dos compostos, Ribeiro e Rio-Torto (2016) apresentam três grupos: coordenação, subordinação e modificação. Logo, são coordenados os compostos que “caraterizam-se pela presença obrigatória de dois elementos com a mesma categoria gramatical, entre os quais se estabelece uma relação de adição” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 490). No âmbito na composição morfológica⁸⁶, isso ocorre em compostos cujas estruturas incluem radicais adjetivais, como *luso-brasileiro* e *austro-húngaro*. Os compostos podem, ainda, ser classificados como subordinados, quando há uma “relação de dependência ou de hierarquia (sintática e semântica) entre dois termos” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 491) ou modificativos, em que os elementos da direita se assumem essencialmente como modificadores do nome da esquerda, permitindo precisar ou clarificar o significado deste último através da atribuição de propriedades de natureza qualitativa ou classificatória (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016).

Apoiadas nisso, Ribeiro e Rio-Torto (2016) veem a relação entre os elementos de compostos de base greco-latina⁸⁷, a exemplo de *antropófago*, *fratricida* e *insetívoro*, como uma relação de subordinação, pois “neste caso, o elemento da direita, com origem verbal, é complementado pelo elemento da esquerda, que se assume como seu objeto direto” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 491). Enquanto isso, são entendidos como modificativos os compostos “construídos com elementos greco-latinos, como *democracia*, *aristocracia*, *plutocracia*,

⁸⁶ Há também compostos morfossintáticos coordenados, de estrutura NN, como cantor-compositor, ou de estrutura VV, como corre-corre. A coordenação também ocorre em compostos sintagmáticos, como entra e sai e sobe e desce.

⁸⁷ Embora com uma configuração que assenta numa ordem inversa à das estruturas [VN]_N, todos estes compostos construídos com radicais greco-latinos de origem verbal evidenciam a mesma relação intracomposto: neles se inclui um elemento de cariz verbal com capacidade de seleção argumental e um elemento nominal que funciona como realização do argumento interno exigido pela forma verbal em uso. (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016).

teocracia, tecnocracia, em que é o elemento da esquerda que assegura a diferenciação de diversos tipos do que é designado pelo elemento nominal da direita” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 495).

A dimensão sintática das relações intracomposicionais pode ser relacionada também ao núcleo. Desse modo, “os compostos coordenados exibem, por norma, dois elementos nucleares, nos compostos de subordinação e nos de modificação identifica-se uma única unidade nuclear” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 518). O núcleo — que determina as propriedades semânticas, categoriais e morfológicas do composto — tem sua importância relacionada à interpretação e à flexão dos compostos (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016).

Para além disso, as autoras também propõem uma análise dos compostos baseada em estruturas endocêntricas ou exocêntricas, as quais também são perpassadas pelas dimensões categorial, morfológica e semântica do núcleo. Em suma, a exocentricidade ou endocentricidade de um composto são entendidas, conforme Ribeiro e Rio-Torto (2016), como um *continuum*, em que um composto pode ser mais endocêntrico ou mais exocêntrico a depender da dimensão em foco.

A partir da determinação da natureza morfolexical dos constituintes, das relações intracomposicionais e da posição e das propriedades do núcleo, é possível analisar a flexão de número do composto. Conseqüentemente, Ribeiro e Rio-Torto (2016) propõem a existência de quatro padrões flexionais nos compostos da língua portuguesa: 1) marcação flexional em ambos os elementos compositivos, 2) marcação flexional apenas no elemento da esquerda, o núcleo 3) marcação flexional no elemento da direita e com escopo sobre toda a construção e 4) marca flexional no determinante que precede o composto. Na composição morfológica, entretanto, essa multiplicidade de padrões não é verificada, uma vez que, na maioria dos dados, as desinências são associadas ao elemento da direita, como ocorre em *astrologos e geografos*, dados do *corpus* de nossa pesquisa.

Ademais, a posição de Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 508) é a de que “as questões de índole semântica são particularmente relevantes para o estudo dos compostos, dado que em cada uma destas unidades se integram, de modos muito diversos, os traços dos respectivos elementos compositivos”. Nessa lógica, “a composição assume-se como um processo genlexical ao serviço da produção de denominações de pendor maioritariamente [+concreto]” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 520). Ribeiro e Rio-Torto (2016) salientam ainda que os compostos tanto podem denominar realidades do quotidiano quanto integrar terminologias associadas à ciência e à tecnologia.

Finalmente, quanto ao significado composicional, Ribeiro e Rio-Torto (2016) defendem

que a leitura do composto pode ser a soma dos significados dos elementos ou pode se afastar dessa soma. Dessa forma, Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 514) concebem “a composicionalidade e idiomaticidade ou opacidade semânticas como polos inversos, sendo possível a existência de patamares intermédios de composicionalidade/idiomaticidade entre estes dois extremos”. O grau de composicionalidade e opacidade pode, ainda, variar conforme a competência lexical do falante; assim, termos técnicos como *biorritmo*, *cintigrafia*, *taquicardia*, que podem ser semanticamente opacas para uns e completamente transparentes para outros (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016).

5.2 COMPOSIÇÃO NEOCLÁSSICA OU COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA?

Em uma investigação sobre composição, não é raro deparar-se com o termo *composto neoclássico*. Nesta seção, serão apresentadas algumas questões já discutidas na literatura morfológica — pertinentes à definição, ao contexto de uso e à morfossintaxe desses compostos. Em seguida, será apontado o que entendemos como *composição neoclássica* e o porquê de este trabalho, apesar de diversas menções, não se constituir um trabalho de análise de composição neoclássica.

Nos trabalhos de Villalva (2003) e Ribeiro e Rio-Torto (2016), encontra-se o termo *neoclássico* para qualificar alguns elementos compositivos⁸⁸. Todavia, em ambos os trabalhos não está claro o que é entendido como *neoclássico*. Desse modo, no composto *agricultura*, por exemplo, não só os elementos compositivos são latinos, mas também o próprio vocábulo foi cunhado na língua clássica. Paralelamente, *tecnocracia* só foi introduzido no século XX. Portanto, há dois vocábulos cunhados em épocas distintas, mas sob a mesma terminologia.

Trabalhos que tratam, de forma mais específica, da composição neoclássica trazem algumas considerações acerca dessa questão. Neste trabalho, serão apresentados os posicionamentos de Plag (2003), Iacobini (2004), Lüdeling (2009), Kastovsky (2009), Gonçalves (2011) e Panocová e Hacken (2020).

Em Plag (2003, p. 155, tradução nossa⁸⁹), os compostos neoclássicos são “definidos como formas em que lexemas de origem grega ou latina são combinados para formar novas combinações que não são atestadas nas línguas originais (por isso do termo NEOclassical)”. Em

⁸⁸ Villalva (2003) apresenta como exemplo os radicais dos compostos *tecnocracia* e *pirotecnia*. Enquanto Ribeiro e Rio-Torto (2016) apresentam como exemplos *agricultura*, *biologia* e *geografia*.

⁸⁹ “we defined neoclassical formations as forms in which lexemes of Latin or Greek origin are combined to form new combinations that are not attested in the original languages (hence the term NEOclassical)” (PLAG, 2003, p. 155).

outras palavras, o autor considera neoclássicas apenas as formas cunhadas nas línguas modernas a partir de lexemas clássicos. Essas formas são exemplificadas por *bioquímica, fotografia, geologia, biorritimo, bioguerra, fotoanálise, neurologia, biografia, fotovoltáico e filologia* (PLAG, 2003).

A posição de Lüdeling (2009, p. 1) a esse respeito é que “a formação de palavras neoclássica é a formação de palavras com elementos de origem grega ou latina”. Todavia, o termo *neoclássico*, para Lüdeling (2009), não abrange todos os elementos de origem clássica de uma língua — até porque o grego e o latim foram línguas francas e, portanto, há muitos elementos de origem greco-latina nas línguas europeias — mas apenas as formações de palavras que não são totalmente assimiladas.

Lüdeling (2009) contextualiza, ainda, a entrada dos elementos neoclássicos nas línguas modernas. Para a autora, esse mecanismo “tornou-se produtivo no século 17 e 18 em muitas línguas europeias, principalmente porque houve um afastamento do latim como língua franca para as línguas vernáculas” (LÜDELING, 2009, p. 2, tradução nossa⁹⁰). Além disso, a autora também complementa esse contexto com o fato de o desenvolvimento da ciência propiciar o uso de uma terminologia que combina elementos neoclássicos (LÜDELING, 2009).

Outro posicionamento relevante é o de Gonçalves (2011), o qual esclarece que “na literatura morfológica, o termo neoclássico é utilizado em referência à composição com bases gregas e latinas” (GONÇALVES, 2011, p. 8). Nessa orientação, o autor chama atenção também para o fato de esses compostos terem correspondentes em várias línguas, muitas das quais sem parentesco direto (GONÇALVES, 2011). Essa característica corresponde ao chamado internacionalismo – propriedade já observada por Lüdeling (2009, p. 2) –, segundo a qual “existem muitos elementos, palavras e mecanismos semelhantes em diferentes idiomas”.

Essa propriedade é melhor trabalhada por Iacobini (2004, p. 69, tradução nossa⁹¹), para quem os compostos neoclássicos “são também chamados de internacionalismos porque aparecem com o mesmo significado e com uma forma quase idêntica em diferentes idiomas”. O autor, para ilustrar essa peculiaridade, apresenta exemplos comparativos entre algumas línguas: “(it. *biometria*, fr. *biométrie*, ingl. *biometrics*, ted. *Biometrie*, sp. *biometría*; it. *fitofago*, fr. *phytophage*, ingl. *phytophagous*, ted. *phytophag*, sp. *fitófago*) [...]”. Consequentemente, para o autor, esses compostos diferenciam-se do léxico comum, pois os internacionalismos não produzem uma multiplicidade de sentidos, tampouco nota-se diferenças fônicas entre diferentes

⁹⁰ “It became productive in the 17th and 18th century in many European languages, mainly because there was a movement away from Latin as a lingua franca to the vernacular languages.” (LÜDELING, 2009, p. 2).

⁹¹ “[...] anche detti internazionalismi perché compaiono con il medesimo significato e con forma quasi identica in diverse lingue [...]” (IACOBINI, 2004, p.69).

línguas (IACOBINI, 2004). A partir disso, infere-se que a composição neoclássica é produtiva para a terminologia científica.

Nessa esfera, Iacobini (2004, p. 69, tradução nossa) afirma que

durante o século XX, acompanhando o notável desenvolvimento da pesquisa científica e da especialização tecnológica, a língua italiana foi enriquecida com dezenas de milhares de termos de uso especializado (*avicolo, caudiforme, cianografo, fonologia, idrogamia, ignifugo, splenotomia, tecnocrate*) produzido pela combinação de elementos formativos de origem grega e latina (*avi-, caudi-, ciano-, -colo, fono-, -forme, -logia etc.*).

Portanto, a formação de compostos neoclássicos tem como objetivo a designação de um significado de forma precisa, por meio da combinação de elementos definidos independentemente (IACOBINI, 2004).

A notável relação entre a composição neoclássica e os empréstimos é evidenciada também por Kastovsky (2009, p. 1, tradução nossa⁹²), ao afirmar que “cerca de setenta por cento do vocabulário do inglês é empréstimos, a maioria do francês, latim, grego e o que tem sido chamado de neo-latim, a língua franca da Idade Média e do Renascimento, que era uma mistura de vocabulário de latim e grego.” O foco de Kastovsky (2009), todavia, não é abordar contextos de formação de composição neoclássica, mas sim estabelecer uma reflexão acerca do status e da terminologia dos elementos que formam esses compostos, uma vez que, quando se compara esses compostos às palavras derivadas, percebe-se que o status morfológico da composição neoclássica não é óbvio. (KASTOVSKY, 2009).

Por fim, destacamos que, nesta dissertação, não se utiliza o termo *composto neoclássico* por se tratar de uma terminologia mais adequada, no nosso entendimento, a compostos formados contemporaneamente nas línguas, ou seja, compostos que, embora sejam constituídos por bases gregas e/ou latinas, não foram registrados nessas línguas clássicas, em conformidade com Plag (2003). Neste trabalho, devido ao foco em sincronias recuadas da língua, séculos XVI e XVII, a maior parte dos dados é constituída por empréstimos de línguas clássicas. No mais, optamos por utilizar o termo composto morfológico por ser mais amplo, pois engloba não apenas compostos formados a partir de radicais eruditos, mas também os compostos formados por *radical vernáculo + palavra vernacula*, como *franco-alemão*.

⁹² “About seventy percent of the English vocabulary is loans, the majority coming from French, Latin, Greek and what has been called Neo-Latin, the lingua franca of the Middle Ages and the Renaissance, which was a mixture of Latin and Greek vocabulary.” (KASTOVSKY, 2009, p. 1).

5.3 VOGAL DE LIGAÇÃO

A vogal de ligação é um dos aspectos mais característicos da estrutura dos compostos morfológicos, funcionando como um delimitador dos radicais (VILLALVA, 2003). Na mesma acepção, Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 478) corroboram esta análise ao afirmarem que a presença de uma vogal de ligação é uma marca definitiva dos compostos morfológicos, encontrando-se nos que se constroem em torno de dois radicais greco-latinos ([arteri+o+sten+ose], [fratr+i+cida], [hemat+o+log+ia]), e nos que incluem radicais vernáculos, como [hidr+o+massagem], [iber+o+americano], [samb+o+dromo], [volt+i+metro].

Não obstante, as autoras também afirmam que a vogal em apreço não é um tópico inquestionável: “o estatuto da vogal que conecta as unidades destes compostos não é consensual” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 478). Em vista disso, essa questão parece ter diferentes perspectivas a depender da orientação da pesquisa. Desse modo, em uma orientação sincrônica, espera-se que estas vogais sejam interpretadas como vogais de ligação. Por outro lado, “sob o ponto de vista histórico, as vogais em causa têm origem em constituintes temáticos das respectivas bases, razão pela qual muitos autores optam por representá-las acopladas a estas” (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 479).

Outro ponto a se considerar na análise da vogal de ligação na composição morfológica diz respeito à origem clássica do constituinte da margem direita, se latina ou grega. Parece haver uma tendência de emprego do *-i-* quando o constituinte da direita é latino e do *-o-* quando o constituinte da direita é grego.

Nessa perspectiva, Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 479) afirmam que “nos compostos que incluem dois radicais greco-latinos a vogal de ligação é tendencialmente *i* quando o segundo elemento tem origem latina (insetívoro, calorífero, matricida), e *o* quando o segundo elemento é de origem grega (hipódromo, rinopatia, cardiologia)” e que estas regularidades não são absolutas, como se verifica em gasoduto, oleoduto, pois embora *-duto* (<ducto) tenha origem latina, a vogal de ligação é <o>. De igual modo, *-fugo* tem origem latina e, a par com febrífugo e fumífugo, com vogal de ligação, coexiste hidrófugo. O mesmo tipo de oscilação se verifica em compostos com *-gen-* e com *-cíd(io)*: em oleígeno, regicídio a vogal de ligação é *i*, em conformidade com a origem [+ latina] do elemento da direita; mas em alucinógeno, criminógeno, genocídio a vogal é *o*, e o constituinte da direita tem também origem latina (RIBEIRO; RIO-TORTO, 2016, p. 480).

Diante dessa problemática, neste trabalho, ponderamos algumas questões sobre essa vogal. Apesar de concordamos com Ribeiro e Rio-Torto (2016) — as quais indicam que a vogal

entre os membros de um composto tem origens no constituintes temáticos das bases — apontamos que, ainda no latim, essa já passava por um processo de mudança.

Nessa língua, como visto na seção 4.3, em um primeiro momento, a vogal *-i-* estava presente em compostos nos quais era constituinte do primeiro membro. Em um segundo momento, provavelmente devido a um aumento na frequência de compostos com uma vogal *-i-* entre os membros, houve a criação de novos compostos em analogia a este padrão, isto é, mesmo nos compostos em que a vogal *-i-* não constitui o primeiro membro, como em *aurifex*, essa foi inserida. Na língua latina, essa vogal também emerge por motivações fonológicas, como em *patricida*, em que o *-i-* separa as consoantes dos radicais.

Neste trabalho, há, nos dados com os quais trabalhamos, uma relativa regularidade quanto a essa questão, ou seja, nos compostos em que o segundo membro é latino, há a vogal *-i-*, ao passo que, nos compostos cujo elemento da direita é grego, há a vogal *-o-*. Todavia, ocorre uma exceção em *genealogia*, em que mesmo *-logia* sendo grego, não há a emergência de uma vogal de ligação

Não obstante esse contraexemplo, uma vez que os compostos aqui analisados são latinos, ou gregos passados ao português pelo latim, é possível considerar que as vogais entre os membros dos compostos são de ligação. Isso, porque a percepção dessas vogais como características dos compostos já ocorria nas línguas clássicas.

5.4 FRONTEIRAS ENTRE DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO

A demarcação de fronteiras entre compostos e derivados é um problema que permeia as pesquisas em morfologia. Sobre essa questão, vários autores já se manifestaram, como Anderson (1992), Booij (2005), Kastovsky (2009), Gonçalves (2011), Rio-Torto (2019), entre outros. Neste trabalho, essa discussão é relevante, pois os compostos morfológicos aqui estudados têm características que os aproximam de afixos, notadamente, o fato de serem constituídos por radicais presos.

Na teoria gerativista, em especial no trabalho de Anderson (1992), faz-se uma diferenciação entre composição e derivação. Na proposta do autor, as palavras são amorfas, isto é, não têm estrutura interna, característica da formação de sentenças. Para o autor, “a única estrutura que parece motivada internamente para palavras não-compostas é a fonológica,

representando a métrica e outras relações baseadas em som entre suas subpartes em vez de uma forma sintática interna” (ANDERSON, 1992, p. 292, tradução nossa⁹³).

Segundo a proposta de Anderson (1992), as palavras derivadas não possuem uma estrutura interna, o que as diferencia de compostos, unidades lexicais que têm uma estrutura interna de constituintes. Nessa proposta, então, para acomodar a estrutura dos compostos, propõe-se que as regras de estrutura de palavras desenvolvem categorias lexicais. Os casos chamados pelo autor de pseudo-compostos, como *sino-japônês* e *eritromicina*, também seriam incluídos no âmbito dos compostos, logo, têm estrutura interna.

Booij (2005) se opõe a demarcação das fronteiras entre composição e derivação da forma proposta por Anderson (1992). Para Booij (2005, p. 3, tradução nossa⁹⁴), “[...] não há limite rígido entre a composição e a derivação”. Isso é demonstrado por meio dos exemplos 9 e 10, adaptados de Booij (2005), em que há uma dúvida quanto à classificação dos primeiros elementos das palavras complexas, os quais, tratando-se de preposições, poderiam ser considerados prefixos, pois compostos prototípicos são formados por palavras lexicais e não por preposições. Todavia, também é possível interpretar as palavras como compostos, uma vez que as “[...] palavras gramaticais são lexemas” (BOOIJ, 2005, p. 3, tradução nossa⁹⁵).

(9)

avant ‘before’ ‘antes’
 après ‘after’ ‘depois’
 contre ‘against’ ‘contra’
 en ‘in’ ‘em’
 entre ‘between’ ‘entre’
 sur ‘on’ ‘super’

(10)

avant-guerre ‘prewar period’ ‘pré-guerra’
 après-ski ‘after ski’ ‘pós-esqui’
 contre-cœur ‘against heart’ ‘contra coração’
 en-lever ‘to raise’ ‘aumentar’
 entre-preneur ‘entrepreneur’ ‘empresário’
 sur-exposition ‘overexposure’ ‘superposição’

⁹³ “The only structure which seems motivated internal to non-compound words is a phonological one, representing the metrical and other sound-based relations among its subparts rather than an internal syntactic form.” (ANDERSON, 1992, p. 292).

⁹⁴ “[...] there is no sharp boundary between compounding and derivation.” (BOOIJ, 2005, p. 3).

⁹⁵ “[...] grammatical words are also lexemes” (BOOIJ, 2005, p. 3).

Na sequência, Booij (2005) defende que lexemas podem ter contraparte afixal. Essa hipótese é motivada por três propriedades: 1) a fonológica, 2) a semântica e 3) a morfológica. O primeiro indício, de ordem fonológica, é explicado por Gonçalves (2016) com exemplos da língua portuguesa (Quadro 9). Para o autor, “preposições e prefixos, apesar de formal e semanticamente relacionados, podem apresentar diferentes realizações segmentais” (GONÇALVES, 2016, p. 14).

A segunda propriedade diz respeito ao fato de, às vezes, haver “uma diferença semântica recorrente entre a palavra e o afixo correspondente: o afixo tem um significado diferente, ou uma gama mais restrita de significados do que o lexema correspondente” (BOOIJ, 2005, p. 3, tradução nossa⁹⁶). Em língua portuguesa, isso pode ser visto em *entre*, que, “como preposição, jamais atualiza o significado de ‘parcialmente’, como em *entreaberta*” (GONÇALVES, 2016, p. 15).

Quadro 9 – Realizações segmentais de preposições e prefixos

após/ pós-	ano <i>após</i> ano; <i>após</i> greve de quatro meses; <i>após</i> ser trocada a chave/ <i>pós</i> -graduação, <i>pós</i> -operatório; <i>pós</i> -moderno; <i>pós</i> -venda; <i>pós</i> -lexical
sob/ sub-	está <i>sob</i> suspeitas; o pano está <i>sob</i> o talher; <i>sob</i> aplausos da multidão / <i>sub</i> chefe; <i>sub</i> gerente; <i>sub</i> cutâneo; <i>sub</i> solo; <i>sub</i> síndico; <i>sub</i> aquático
com/ co-	escreveu o texto <i>com</i> alguém; participa <i>com</i> outros; orienta <i>com</i> /ele é <i>co</i> autor do texto; <i>co</i> participa do projeto; <i>co</i> orienta
antes/ ante	<i>antes</i> de tudo; chegou <i>antes</i> do almoço; <i>antes</i> de estudar; horas <i>antes</i> / <i>ante</i> ontem; <i>ante</i> projeto; <i>ante</i> sala; <i>ante</i> véspera; <i>ante</i> braço; <i>ante</i> nupcial

Fonte: Gonçalves (2016, p. 15)

O terceiro ponto levantado por Booij (2005) é relacionado à determinação da classe lexical. Nas línguas germânicas, opera, nos termos de Booij (2005), a chamada *Right-hand Head Rule*, segundo a qual o núcleo — constituinte que determina a classe gramatical — tende a se estabelecer à direita. Nessas línguas, portanto, os prefixos tendem a não afetar a categoria

⁹⁶ “Sometimes, there is a recurring semantic difference between the word and the corresponding affix: the affix has a different meaning, or a more restricted range of meanings than the corresponding lexeme.” (BOOIJ, 2005, p. 3).

sintática da palavra complexa.

Tal propriedade também pode ser visualizada em português, pois, na maioria dos casos, prefixos não alteram classes lexicais, o que não ocorre com elementos que constituem compostos, os quais podem, além de ocorrer ao final da palavra, determinar a classe lexical do composto. Nessa perspectiva, em *lotomania* e *palhaçofobia*, exemplos de Gonçalves (2016), o núcleo ocorre à direita.

No panorama da língua portuguesa, Ribeiro e Rio-Torto (2016, p. 471) lançam-se a essa discussão, comentando que “a distinção entre elementos constitutivos de compostos e elementos prefixais permanece uma questão de difícil solução quando em causa estão compostos morfológicos e, particularmente, compostos neoclássicos, como *agricultura*, *biologia*, *geografia*”. As autoras também chamam a atenção para os quase-compostos, os quais são elementos formativos exclusivamente usados em posição prefixal, como *anti-*, *epi-*, *hemi*, *hipo-* ou *macro*, que revelam um comportamento que os aproxima tanto dos prefixos quanto dos elementos que integram os compostos morfológicos.

Em trabalho posterior, *Prefixação na Língua Portuguesa Contemporânea*, Rio-Torto (2019) retoma esta questão, mostrando que além da *falta de autonomia* prefixos e elementos composicionais possuem mais quatro características comuns. A primeira diz respeito à *combinabilidade com palavra*, ou seja, tanto prefixos, quanto elementos composicionais se combinam com palavras, por exemplo, *contra-ataque* e *belas-artes* (RIO-TORTO, 2019). A segunda trata da *manutenção da estrutura prosódica*, com destaque para os prefixos que constituem domínio acentual, como *anti-*, *contra-*, *entre-*, *hiper-*, *inter-*, *sobre-*, *ultra*. A terceira refere-se à *integridade lexical*, isto é, não é possível a inserção de material lexical no interior seja de palavras prefixadas, seja de palavras compostas. Por fim, a quarta característica aborda a *capacidade predicativa*, intrínseca aos prefixos, e, embora os elementos composicionais tenham, majoritariamente, função denominativa, é possível falar que *cali*, *neo*, *orto* e *pseudo* são predicativos (RIO-TORTO, 2019).

Apesar disso, Rio-Torto (2019) propõe algumas propriedades que permitem observar a distinção entre a prefixação e a composição. Entre elas⁹⁷, destacam-se: (i) mono vs pluricategorialidade combinatória, (ii) especificação categorial, (iii) classe lexical de output, (iv) nuclearidade, (v) capacidade denominativa e predicativa, (vi) posição fixa ou variável, (vii) lexicalidade, (viii) especificação de gênero, (ix) flexão de número, (x) integridade lexical e gramatical, (xi) alteração da classe lexical da base e (xii) fronteiras vocálicas e consonântica.

⁹⁷ A nuclearidade e a posição fixa ou variável já estão presentes em Ribeiro e Rio-Torto (2016), mas são aprofundadas em Rio-Torto (2019).

Com isso, a partir da análise das classes gramaticais dos constituintes composicionais, Rio-Torto (2019, p. 81) defende que, em comparação aos prefixos, esses constituintes “[...] são mais restritos quanto à classe categorial/lexical da base com que se combinam” e “[...] são marcados do ponto de vista lexical” (RIO-TORTO, 2019, p. 82). Concomitantemente, ao analisar as classes lexicais dos compostos — classe lexical de *output* — Rio-Torto (2019, p.82) afirma que “as unidades lexicais formadas por composição são predominantemente nomes [...]” e “há adjetivos e adjetivos/nomes, mormente em estruturas de padrão greco-latino”.

Além disso, em relação ao núcleo, diferenciam-se compostos de palavras prefixadas. Nas palavras prefixadas, o núcleo se encontra à direita, visto que esse tipo de afixo não funciona como núcleo, situação oposta à da composição vernácula do português, em que o núcleo categorial ocorre à esquerda⁹⁸ (RIO-TORTO, 2019). Tal propriedade é relacionada com a alteração da classe lexical da base, pois elementos composicionais podem alterar a classe lexical, enquanto prefixos, por não funcionarem como núcleos, não têm essa característica.

Quanto à capacidade denominativa, Rio-Torto (2019, p. 87) sustenta que

os prefixos são essencialmente modificadores das unidades as quais se acoplam, pois não têm capacidade denominativa, diferentemente do que ocorre com os constituintes dos compostos, que, devido à capacidade denominativa, remetem para uma entidade do mundo extralinguístico facilmente identificável.⁹⁹

Acerca da posição do constituinte, Rio-Torto (2019) demonstra que os prefixos estão sempre em posição fixa, já alguns constituintes de compostos ocupam a posição à esquerda ou à direita, como pode ser observado no quadro 10:

Quadro 10 - Constituintes de composição com posição variável

Constituintes	Posição inicial nos compostos	Posição final nos compostos
-cron-	cron-: cronologia	-cron-: diacronia, síncrono
-fil-	filantropia	-fil-: cinéfilo
-fon-	fon-: fonologia	-fon-: estereofonia
-graf-	graf-: grafologia	-graf-: polígrafo, geógrafo
-gram-	gram-: gramofone	-gram-: pictograma
-metr-	metr-: metrópole	-metr-: parquímetro

Fonte: Rio-Torto (2019, p. 84).

⁹⁸ Esta propriedade, todavia, não é eficiente para este trabalho, pois “nos compostos eruditos, o núcleo pode ocorrer à direita (ignífugo, raticida, sambódromo).”

⁹⁹ Apesar disso, há alguns “fósseis” não identificáveis.

Na propriedade *lexicalidade*, Rio-Torto (2019, p. 85) estabelece que “só os constituintes de compostos podem funcionar como bases lexicais, permitindo, portanto, que se lhes acoplem sufixos ou prefixos”. Essa característica é visualizada em exemplos do Quadro 11, em que se visualizam afixos acoplados a elementos composicionais.

Quadro 11 – Afixos acoplados a elementos composicionais

Prefixos acoplados a constituintes de compostos	sufixos acoplados a constituintes de compostos
Dis + forme	bió + tic(o/a)
Epi + glote	Crôn + ic(o/a)
In + forme	Mórf + ic(o/a)

Fonte: Elaboração própria, com base nos exemplos de Rio-Torto (2019, p. 84)

Para além dos afixos, apenas os constituintes dos compostos podem receber desinências de gênero e de número. Assim, nos exemplos de Rio-Torto (2019), *hiper-alto* e *super-aluno*, os prefixos não recebem quaisquer marcas de flexão, já *em meia-idade* e *cavalos-marinhos* os constituintes dos compostos apresentam desinências de gênero e de número respectivamente.

Outra propriedade que diferencia compostos de prefixos é a integridade lexical. Isso, porque “as palavras prefixadas não permitem marcação de gênero e número no seu interior” (RIO-TORTO, 2019, p. 85), o que ocorre em alguns compostos como *primeira-ministra* e *pães de leite*.

Por fim, Rio-Torto (2019, p. 87), acerca das fronteiras vocálicas e consonânticas, afirma que

Em português, a maior parte dos constituintes que ocorrem em compostos morfológicos, ou seja, compostos que correspondem a uma só palavra prosódica tem a configuração de formas presas com fronteira direita consonântica (agr-, eletr-, ferr-, hidr-, petr-, rat-, term-) e só raramente com fronteira vocálica (ole-).

Essa propriedade apresenta, todavia, alguns impasses, pois implica que as vogais de compostos morfológicos são, necessariamente, de ligação. Rio-Torto (2019, p. 87) reconhece que “a não alteração da configuração não é, por si só, um critério para demarcar prefixos de constituintes de compostos, pois bio-, geo-, ole- não alteram a sua configuração e operam na composição”.

No âmbito da composição neoclássica, é importante mencionar o trabalho de Kastovsky (2009), no qual são tecidas críticas à tentativa de Prčić (2008) de traçar uma divisão entre formas

combinatórias e afixos. Essa análise é ainda complementada pelas reflexões de Gonçalves (2011), que traz essa discussão para o contexto da língua portuguesa.

Os critérios que Prčić (2008) aponta para a distinção de formas combinatórias e afixos são resumidos em Kastovsky (2009) como:

1. expansão de inventários, 2. forma distinta, 3. restrições de co-ocorrência, 4. função sintática, 5. relação cabeça-modificador, 6. natureza do significado, 7. padrão morfossemântico, 8. produtividade. (GONÇALVES, 2011, p. 27).

O primeiro critério, *expansão de inventários*, diz respeito à possibilidade de inserção de novos elementos; desse modo, enquanto afixos pertencem a um conjunto relativamente fechado de unidades gramaticais, formas combinatórias pertencem a um conjunto (relativamente) aberto de unidades léxico-gramaticais. A crítica de Kastovsky (2009) refere-se ao fato de Prčić (2008) utilizar o termo “relativamente”, o que torna a argumentação dúbia. Além disso, por meio de evidências históricas, é possível afirmar que

a categoria prefixo permite novos membros por empréstimo e por mudanças de status de itens lexicais independentes para prefixos, por exemplo, empréstimos a-, de-, dis-, en-, in- e muitos outros e mudanças de itens nativos como fore-, mid-, out-, under- ou -monger, -wards, -wise, etc. (KASTOVSKY, 2009, p. 5, tradução nossa¹⁰⁰).

A *forma distinta* é apresentada por Prčić (2008, p. 320) como uma propriedade em que “afixos apresentam formas fonéticas diferentes, enquanto formas combinatórias, dependendo da análise, terminam (‘astro’, ‘bio’) ou iniciam num mesmo segmento (‘ólogo’, ‘ódromo’, ‘ólatra’)” (GONÇALVES, 2011, p. 28). Esse critério, segundo Kastovsky (2009, p. 5, tradução nossa¹⁰¹), é problemático, pois “muitos prefixos, como a-, ante-, anti-, auto-, be-, bi-, co-, de-, demi-, di-, epi-, fore-, hypo-, mono-, multi-, pre-, pro- e outros também terminam em uma vogal, e o status da vogal final nas formas combinatórias é questionável”. Gonçalves (2011, p. 28) complementa essa crítica, afirmando que “vários sufixos do português se iniciam por [i] e seu estatuto de afixo nunca foi questionado”, são exemplos *-ia* (‘reitoria’), *-ismo* (‘terrorismo’) e *-ista* (‘motorista’).

¹⁰⁰ “[...] it is disproved by historical evidence, since the prefix category allows new members by borrowing and by the shift from independent lexical items to prefix-status, e.g., borrowed a-, de-, dis-, en-, in- and many others, and shifted native items like fore-, mid-, out-, under-, or -monger, -wards, -wise, etc.” (KASTOVSKY, 2009, p. 5).

¹⁰¹ many prefixes, such as a-, ante-, anti-, auto-, be-, bi-, co-, de-, demi-, di-, epi-, fore-, hypo-, mono-, multi-, pre-, pro- and others also end in a vowel, and the status of the final vowel in the ICFs is questionable. (KASTOVSKY, 2009, p. 5).

Por sua vez, o critério relacionado às *restrições de co-ocorrência* “trata de que tipo de elemento pode ser combinado com qual outro tipo de elemento” (KASTOVSKY, 2009, p. 6, tradução nossa¹⁰²). Mediante esse parâmetro, afirma-se que prefixos ocorrem apenas com formas livres e não com sufixos ou formas combinatórias, sendo agramaticais formações como *co-fobia e *mis-fago. Por outro lado, formas combinatórias podem ocorrer com formas livres, como, por exemplo, em *agricultura*, ou com outras formas combinatórias, como em *morfologia*, mas não com sufixos.

Os critérios função sintática e relação cabeça-modificador¹⁰³ são aproximados e se referem ao tipo de relação endocêntrica entre núcleo e subordinado. Logo, prefixos, por terem menos peso estrutural e semântico do que a base, estabelecem relações endocêntricas subordinativas. As formas combinatórias, por outro lado, configuram uma relação endocêntrica de coordenação por terem o mesmo peso estrutural e semântico da base. Esses critérios são problemáticos, pois há uma contradição terminológica, uma vez que construções coordenadas não têm núcleo, logo, não poderiam ser endocêntricas.

A natureza do significado tem como foco o significado funcional e a densidade semântica. Nesse sentido, prefixos (e preposições) têm significado funcional de densidade semântica variada, enquanto as formas combinatórias, em contrapartida, têm significado funcional de alta densidade semântica. Kastovsky (2009, p. 6, tradução nossa¹⁰⁴) questiona esse parâmetro, uma vez que “Prčić não fornece definição ou critérios para medir a ‘densidade semântica’”.

Ademais, Prčić caracteriza os prefixos como morfemas de padrão morfossemântico recorrente, ao passo que as formas combinatórias são variadas. Contudo, isso não se verifica, conforme aponta Kastovsky (2009), por exemplo, em compostos com *bio-*, que, assim como sufixos, formam uma série de palavras com um mesmo padrão morfossemântico.

Por fim, o critério produtividade “refere-se à disponibilidade sistemática e padronizada para combinar com bases, que é supostamente alta com afixos, enquanto combinações envolvendo formas combinatórias são muito menos produtivas” (KASTOVSKY, 2009, p. 7, tradução nossa¹⁰⁵). Novamente, Kastovsky faz ressalvas a esse parâmetro, pois *bio-* ou *-logia* são tão formadoras de padrões quanto os afixos.

¹⁰² “[...] deals with the type of element which can be combined with what other type of element (KASTOVSKY, 2009, p. 6).

¹⁰³ Núcleo-modificador.

¹⁰⁴ Prčić provides no definition or criteria to measure “semantic density”. (KASTOVSKY, 2009, p. 6).

¹⁰⁵ “[...] refers to the systematic and pattern-conforming readiness to combine with bases, which is allegedly high with affixes, whereas combinations involving CFs are far less productive. But again, this is a matter of degree, since some CFs, e.g., *bio-* or *-logy* (if this is treated as a FCF), are just as pattern-forming as affixes” (KASTOVSKY, 2009, p. 7).

Baseado nessa reflexão de Kastovsky (2009), Gonçalves (2011) busca critérios para estabelecer o status morfológico dos elementos *-metro*, *-dromo*, *-latra*, *-logo* e *-grafo*. Com isso, destacamos que, para o autor, esses elementos podem ter status de afixo, pois apresentam as seguintes propriedades, sintetizadas em 11:

(11)

- a) Restrições de co-ocorrência: os elementos *-metro*, *-dromo*, *-latra*, *-logo* e *-grafo* são categorizados como sufixos, pois se adjungem, do mesmo modo que sufixos ditos legítimos, tanto a formas com livre-curso ('*impostômetro*', '*sapatólatra*'; '*faringite*', '*preguicite*') quanto a radicais presos ('*cronômetro*', '*termômetro*'; '*bursite*', '*otite*').
- b) Função sintática e relação cabeça-modificador: os elementos *-logo*, *-grafo*, *-metro*, *-latra* e *-dromo* são cabeças das construções que participam, pois determinam tanto o gênero quanto a categoria lexical do produto, sendo, por isso, interpretados como sufixos.
- c) Densidade semântica: *-metro*, *-dromo*, *-latra*, *-logo* e *-grafo* expressam significados como agente, locativo e instrumento, o que é muito próximo de alguns sufixos do português, a exemplo de *-eiro*, *-ário*, *-ista* e *-dor*.
- d) Produtividade: *-metro*, *-dromo*, *-latra*, *-logo* e *-grafo* formam palavras em série no português brasileiro, logo, podem ser entendidos como afixos .

Isto posto, nesta dissertação, compreendemos que não há rígidas fronteiras entre os processos de composição e afixação. Esse entendimento é especialmente significativo ao fenômeno aqui estudado, uma vez que alguns dos elementos que constituem os compostos aqui estudados apresentam características de ambos os processos. No mais, essa debilidade dos limites entre a composição e a sufixação é corroborada pela gramaticalização, em que há, gradualmente, a transição de elementos de composição para afixos. Esse processo será aprofundado na seção 6.5.

5.5 PRODUTIVIDADE

Em perspectiva gerativista, Aronoff (1976) debate a produtividade, relacionando-a como fato de que algumas coisas na morfologia são mais possíveis que outras (ARONOFF, 1976). O autor faz importantes considerações acerca dessa propriedade, superando a ideia de que a produtividade pode ser calculada por uma lista de palavras, em que quanto mais longa uma lista é, mais produtiva seria uma determinada RFP.

Assim, considerar que uma regra de formação de palavra é produtiva, devido a uma longa lista de palavras é problemático, por não levar em conta “o fato de que existem restrições morfológicas sobre os tipos de palavras que se pode usar como base de certas RFPs” (ARONOFF, 1976, p. 36, tradução nossa¹⁰⁶). Um exemplo disso é a formação de deverbais, em inglês, com *#ment* e *+ion*, em que *+ion* possui uma restrição¹⁰⁷. Mesmo que essa dificuldade seja resolvida, considerando a proporção entre o número de bases possíveis para uma determinada RFP e o número de palavras que realmente ocorre, ainda haveria problemas.

Nesse sentido, na visão de Aronoff (1976), não se pode falar da produtividade de uma RFP de forma absoluta, deve-se considerar os afixos anexados a uma palavra de uma determinada classe morfológica. Isso é mostrado pelo autor pela comparação dos afixos *#ness* e *+ity*, que podem ser anexados a duas classes de bases adjetivas, terminadas em *ive* (*perceptive*) ou terminadas em *ile* (*servile*). Nesse exemplo, a lista indicaria que *#ness* é mais produtivo que *+ity* na primeira classe de bases, por outro lado, na segunda base, o número de palavras da forma *Xility* excede o das palavras da forma *Xileness*. Nas palavras de Aronoff (1976, p. 36, tradução nossa¹⁰⁸) “não há uma maneira absoluta de dizer que uma RFP é mais produtiva do que outra. Em vez disso, deve-se levar em conta a morfologia da base”.

Além disso, outro problema com esse cálculo da produtividade diz respeito ao fato de que nem toda palavra nova que criamos é listada. Nessa lógica, segundo Aronoff (1976, p. 36, tradução nossa¹⁰⁹).

A menos que todas as novas palavras sejam listadas, não temos um procedimento eficaz nem para calcular a proporção de possíveis palavras existentes, mesmo quando nos restringimos a uma classe

¹⁰⁶ “[...] the fact that there are morphological restrictions on the sorts of words one may use as the base of certain WFRS” (ARONOFF, 1976, p. 36).

¹⁰⁷ Apenas bases latinas aceitam o sufixo *+ion*.

¹⁰⁸ “Thus, there is no absolute way to say that one WFR is more productive than another. Rather, one must take into account the morphology of the base.” (ARONOFF, 1976, p. 36).

¹⁰⁹ “Unless all new words are listed, we have no effective procedure for computing the ratio of existing to possible words, even when we restrict ourselves to a particular morphological class of bases, and hence no effective way of computing an index of productivity.” (ARONOFF, 1976, p. 36).

morfológica particular de bases, nem uma maneira eficaz de calcular o índice de produtividade.

Ademais, o autor traz para essa discussão o aspecto da intuição do falante sobre a produtividade. Para isso, Aronoff (1976) considera, novamente, os sufixos *#ness* e *+ity* anexados à base *Xive*, formando *perceptiveness* e *perceptivity*. Em relação a essas palavras, a intuição do falante do inglês seria “quase invariavelmente dizer que, embora ambas as palavras sejam possíveis, uma delas, *perceptiveness*, soa ‘melhor’” (ARONOFF, 1976, p. 37, tradução nossa¹¹⁰). Baseado nisso, Aronoff (1976, p. 37, tradução nossa¹¹¹) afirma que “essa intuição parece expressar a noção de ‘probabilidade de ser uma palavra do vocabulário ativo do falante’, noção equivalente a produtividade”.

O autor levanta também a relação entre a produtividade e a coerência semântica das regras de formação de palavras, sendo uma RFP coerente quando as palavras formadas por essa regra aderem intimamente ao significado que lhes é atribuído pela função semântica da regra (ARONOFF, 1976). Por conseguinte, Aronoff (1976), acompanhando o posicionamento de Zimmer (1964), conclui que quando um afixo é produtivo, sua semântica é coerente.

A proposta de Viaro (2010) retoma o conceito de produtividade discutido nas teorias sincrônicas gerativistas, refletindo, então, sobre o entendimento dessa noção de produtividade em perspectiva diacrônica. Nesse âmbito, o autor chama a atenção para o fenômeno da convivência de dados formados em sincronias pretéritas. Na língua portuguesa, por exemplo, no século XXI, encontram-se itens como *guerreiro*, do século XIII, e *hospedeiro*, do século XVII. Com isso, Viaro (2010, p. 175) afirma que

dado que de cada sincronia destacada num estudo diacrônico se depreende um sistema com características parcialmente distintas (agrupadas arbitrariamente sob o rótulo de língua portuguesa), os itens, pertencentes a esses sistemas, refletem antigas produtividades.

Nesse ponto, há uma problemática relacionada à produtividade, pois o número de itens criados em cada sincronia, somado aos sobreviventes da sincronia anterior, não é o mesmo que a capacidade gerativa de cada sincronia (VIARO, 2010). Baseando-se nessa dificuldade terminológica, o autor propõe o termo *prolificidade*, que diz respeito à quantidade de elementos já gerados, distinguindo-se, desse modo, da produtividade, que está relacionada com a capacidade gerativa da língua. Esses dois conceitos devem, ainda, ser relacionados, assim, “pode-se afirmar que sufixos como -engo, -isco ou -eba são improdutivos (ou pouco produtivos)

¹¹⁰ “Present these two words to native speakers of English and they will almost invariably say that though both words are possible, one of them, *perceptiveness*, sounds ‘better.’” (ARONOFF, 1976, p. 37).

¹¹¹ “This intuition seems to express the notion “likelihood of being a word of the speaker’s active vocabulary”, a notion equivalent to productivity.” (ARONOFF, 1976, p. 37)

e ao mesmo tempo são pouco prolíficos” (VIARO, 2010, p. 176).

Outro ponto de vista relevante sobre a produtividade é o funcionalista. Nessa perspectiva, Bybee (1985, p. 132, tradução nossa¹¹²) aponta que “onde quer que haja processos alternados para expressar uma mesma categoria na língua, há diferenças no grau de produtividade desses processos”. Nessa proposta, operam as noções de frequências, especificadas como *token* e *type*, sendo a *token* relativa à “ocorrência de uma unidade, geralmente uma palavra ou morfema, em texto corrido” (BYBEE, 2003, p. 604, tradução nossa¹¹³), enquanto a *type* “refere-se à frequência do dicionário de um padrão específico, como um padrão de acentuação, um afixo etc” (BYBEE, 2003, p. 604, tradução nossa¹¹⁴).

No entendimento da autora, “a produtividade das regras morfológicas deve estar ligada à alta frequência *type*” (BYBEE, 1985, p. 132, tradução nossa¹¹⁵). Isso é demonstrado por Bybee (1985) a partir dos dados de Guillaume (1927), que mostram verbos usados por crianças em idade pré-escolar (quadro 12), nesse exemplo, o número de usos mostra uma alta frequência de verbos de terceira conjugação, porém, com a análise do número de verbos, percebe-se que se trata de apenas 29 verbos.

Portanto, no quadro 12, os verbos de terceira conjugação têm uma alta frequência *token* e uma baixa frequência *type*. Situação oposta ocorre com os verbos de primeira conjugação, que têm “alta frequência *type*, embora a maioria dos verbos individuais nessa classe tenha uma frequência de *token* baixa” (BYBEE, 1985, p. 133, tradução nossa¹¹⁶).

Quadro 12 – Verbos usados por crianças em idade pré-escolar

Conjugação	Número de usos		Número de verbos	
Primeira (<i>chanter</i>)	1,060	36,2%	124	76,0 %
Segunda (<i>finir</i>)	173	6,0%	10	6,1 %
Terceira (<i>vendre</i>)	1,706	37,8 %	29	17,9%

Fonte: Bybee (1985, p. 133, traduzido e adaptado), com base em Guillaume (1927)

¹¹² “Wherever there are alternate processes for expressing the same categories in a language, there are differences in the degree of productivity of the processes” (BYBEE, 1985, p. 132)

¹¹³ “[...] is the frequency of occurrence of a unit, usually a word or morpheme, in running text.” (BYBEE, 2003, p. 604).

¹¹⁴ “Refers to the dictionary frequency of a particular pattern, such as a stress pattern, an affix, etc” (BYBEE, 2003, p. 604).

¹¹⁵ “Productivity of morphological rules must be connected to high type frequency.” (BYBEE, 1985, p. 132).

¹¹⁶ First Conjugation has a high type frequency, although most of the individual verbs in that class have a low token frequency. (BYBEE, 1985, p. 133).

Ao se relacionar as noções de frequência com a produtividade, afirma-se que os itens “[...] de alta frequência tendem a ser armazenados como unidades autônomas inteiras, enquanto itens de baixa frequência são armazenados com fortes conexões com outros itens” (BYBEE, 1985, p. 133, tradução nossa¹¹⁷). Em vista disso, os verbos de primeira conjugação são considerados mais produtivos, pois os falantes formam novos itens a partir da associação de desinências da primeira conjugação com outros itens.

Na mesma linha, destacamos o posicionamento de Traugott e Trousdale (2013, p. 17, tradução nossa¹¹⁸), os quais defendem que “a produtividade de uma construção é gradiente”. Para os autores, a produtividade pertence a esquemas (parciais) e diz respeito a extensibilidade, isto é, até que ponto um esquema instancia outras construções menos esquemáticas e até que ponto ele é restrito (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Isso é demonstrado, na morfologia da língua inglesa, por meio da criação de novos nomes a partir da combinação de um adjetivo e *-th*, padrão considerado improdutivo, uma vez que poucos nomes são criados a partir de [ADJ + th] (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Em oposição, [ADJ + ness] é produtivo, pois esse esquema instancia uma gama de formas, algumas mais convencionalizadas do que outras, como *truthiness* e *sing-along-able-ness* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Por conseguinte, trabalhos que tenham como objetivo a análise da produtividade devem tentar ultrapassar a ideia de que uma palavra é produtiva apenas quando ela possui uma longa lista de ocorrências. Sendo assim, uma perspectiva mais adequada para a compreensão da produtividade leva em conta diversos fatores, como as frequências *type* e a capacidade de um esquematizar instanciar novas formas. Nesta dissertação, portanto, para considerar a produtividade (ou não) dos compostos aqui analisados, busca-se como critérios as frequências de ocorrência desses elementos, bem como a sua capacidade instanciadora.

¹¹⁷ “[...] high-frequency items tend to be stored as whole autonomous units, while low-frequency items are stored with strong connections to other items.” (BYBEE, 1985, p. 133).

¹¹⁸ “[...] the productivity of a construction is gradient” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 17).

6. COMPOSIÇÃO MORFOLÓGICA NOS SÉCULOS XVI E XVII: OS DADOS NO CORPUS

Neste capítulo apresentamos, primeiramente, algumas observações sobre a integração dos elementos de composição à direita dos compostos e dos sufixos, em que argumentamos a favor da existência de *chunkings*.

Em seguida, propomos uma descrição e análise dos compostos morfológicos recolhidos no *corpus* deste trabalho, os quais foram organizados a partir do elemento de composição à direita, uma vez que, em sua maioria, os dados aqui analisados têm como núcleo o elemento final, em semelhança ao padrão composicional greco-latino.

A análise aqui empreendida tem como base o modelo da Morfologia Construcional, assim, observa-se tanto o polo formal como o polo semântico das construções. Para isso, trabalhamos com ideia de esquemas, em concordância com Gonçalves e Pires (2016, p. 56), que afirmam que “[...] a chamada composição neoclássica também pode ser modelada por esquemas construcionais semelhantes aos da derivação e composição”. Dessa forma, Gonçalves e Pires (2016) propõem um esquema geral para a composição neoclássica (exemplo 11), em que os elementos não recebem etiqueta lexical, são genericamente referenciados como X e Y, em maiúsculas, já que não são afixos, e, por não constarem do léxico, não são indexados (ou seja, não recebem os símbolos i e j, subscritos) (GONÇALVES, PIRES, 2016)

(12) Esquema geral da composição neoclássica: [X Y]_s

Além disso, ponderamos sobre questões relativas à produtividade, em que são consideradas a capacidade instanciadora e a frequência *type* dos elementos de composição aqui estudados.

No mais, levantamos uma reflexão acerca da relação entre as formas que denominam agentes e as formas que denominam estudos e ciências, negando a ideia de uma unidirecionalidade na qual o termo que designa a ciência seria derivado do que designa o agente.

Por fim, traçamos algumas observações acerca das fronteiras entre a composição e a sufixação, aludindo ao processo de gramaticalização.

6.1 INTEGRAÇÃO DE FORMATIVOS E DO SUFIXO -IA

Nos dados analisados neste trabalho, destacamos a ocorrência do sufixo *-ia* —sufixo - *ία* no grego clássico – associado a formativos da margem direita, conforme os exemplos no Quadro 13:

Quadro 13 – Formativos associados ao sufixo -ia

Formativo	Averbação
-grafia	“[...] areas ou plantas dos edefícios chamada <u>ichnografia</u> . E assi para a fronte, ou forma [...]” [DPA. 56]
-logia	“Deixo a <u>astrologia</u> judiciária, tão celebrada no nascimento dos príncipes, em que os genetlíacos, sobre o fundamento de uma só hora ou instante da vida [...]” [HF.48]
-mancia	“[...] assentaram quatro artes de adivinhar os futuros, que tomaram nomes dos seus próprios sujeitos: a <u>geomancia</u> , que ensina a adivinhar pelas coisas da terra; a <u>hidromancia</u> , pelas da água [...]” [HF. 48]

Fonte: Elaboração própria

Esse sufixo, na língua portuguesa, tem como noções intensidade, quantidade, lugar e foi utilizado na formação de profissões, como *advocacia* (CUNHA, 2010). Todavia, nesta dissertação, defendemos que o sufixo *-ia* acoplado a elemento de composição forma uma unidade. Para isso, argumentamos que ocorreu um processo *chunking* dos elementos formativos com o sufixo. Esse processo trata-se de uma propriedade onipresente da memória humana, sendo a repetição a principal experiência que o aciona (BYBEE, 2016).

Nesse sentido, destacamos que a analisabilidade semântica — em que o usuário da língua reconheceria os morfemas individuais e a estrutura morfossintática de uma palavra — é perdida. Desse modo, nos dados aqui analisados, não é perceptível uma decomposição semântica na qual os significados do elemento formativo e do sufixo estejam presentes. Assim, *geomancia*, por exemplo, possivelmente, não seria parafraseada como “a qualidade de quem adivinha o futuro pela terra” ou como “a profissão de quem adivinha o futuro pela terra”, mas sim como “adivinhação do futuro pela terra”.

Esse processo de *chunking* dos elementos compositivos e sufixos, possivelmente, já estava em curso nas línguas clássicas. No latim, por exemplo, *āērōmantīa* — decalque do grego ἀερομαντεία — é a “adivinhação de acordo com o estado do céu” (GAFFIOT, 2016, p. 119, tradução nossa¹¹⁹) e não a “qualidade de quem adivinha o futuro pelo céu”.

Portanto, neste trabalho, nos elementos *-grafia*, *-logia* e *-mancia*, por exemplo, defendemos que há uma unidade formada pelos elementos formativos e pelo sufixo *-ia*. Apesar disso, essas unidades ainda têm estrutura interna, isto é, “o fato de uma expressão composta de várias palavras ser armazenada e processada como um chunk não significa que ela não tenha estrutura interna” (BYBEE, 2016, p. 67).

6.2 PADRÕES MAIS FREQUENTES

6.2.1 X-grafo e X-grafia

- Os dados no corpus

No corpus consultado neste trabalho, foram identificadas as seguintes construções com *-graf-* (Quadro14):

Quadro 14 – Compostos com *-graf-*

	<i>N° DE OCORRÊNCIAS</i>
ichnografia	1
orthographia	1
cosmografia	1
geografia	2
sciographia	1
hidrografia	1
Geographos	2
Cosmographos	1

Fonte: elaboração própria

¹¹⁹ “divination d’après l’état du ciel (GAFFIOT, 2016, p. 119).

Conforme os dados apresentados no Quadro 14, há apenas oito construções formadas com -graf-, que geraram dez ocorrências, sendo todas de origem grega e passadas ao português por empréstimos latinos.

O elemento *-graf(o)-* é,

etimologicamente elemento de composição derivado do grego *-graph(o)-*, de *gráphein*, ‘escrever, descrever, desenhar’, que se documenta em compostos já formados no próprio grego, como *geografia* (gr. *geōgraphía*) [...] e em vários outros vocábulos introduzidos na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX (CUNHA, 2010, p. 322).

Nos dados selecionados para esta dissertação, com o elemento *-grafo*, há apenas as formas plurais *Geographos* e *Cosmographos*, que se referem a agentes especialistas.¹²⁰

Do mesmo modo, *-grafia* também é, de acordo com Houaiss e Villar (2019), grego, sendo formado a partir do elemento grego autônomo *graphé* com o sufixo *-ia*. O elemento *-grafia* estava presente na língua latina em helenismos como *geographia*. (HOUAISS; VILLAR, 2019). Nesta dissertação, analisamos as construções *ichnografia*, *orthographia*, *orthographia* e *geografia*.

- Construções x-grafia nos séculos XVI e XVII

Na língua portuguesa, na sincronia enfocada neste trabalho, ocorrem os compostos *ichnografia*, *orthographia*, *geografia* e *sciographia*. Todavia, essas formas entraram em língua portuguesa por empréstimos, ou seja, não há formação de novas construções a partir de *X-grafia* em língua portuguesa nos séculos XVI e XVII. Desse modo, não tratamos *X-grafia* como produtivo.

Apresentamos os significados dessas construções no Quadro 15:

¹²⁰ Definição usada no lugar de “agente profissional”, em conformidade com o trabalho de Rondinini (2009), baseado no trabalho de Gonçalves e Costa (1997).

Quadro 15- significado das formas com -grafia

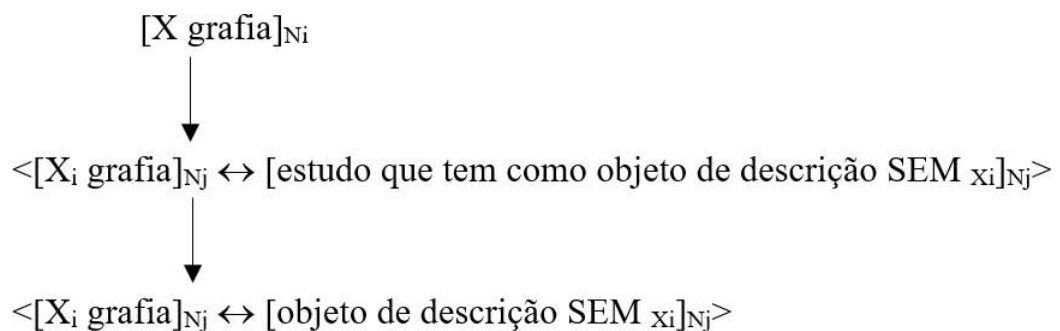
COMPOSTO	INFORMAÇÃO SEMÂNTICA
Ichnografia	Desenho horizontal de um edifício
Orthographia	Desenho de um edifício
Sciographia	Desenho longitudinal de um edifício
Cosmografia	Estudo que descreve o mundo
Hidrografia	Estudo que descreve as águas
Geografia	1. Estudo que descreve as terras 2. território

Fonte: Elaboração própria

Do ponto de vista formal, todas as ocorrências de compostos com *-grafia* mantêm a ordem de composição no modelo greco-latino (determinante + determinado) e são formados por dois radicais presos.

Em vista do exposto, apresentamos as construções X-grafia no português dos séculos XVI e XVII (Figura 5):

Figura 5 - Esquema das construções X-grafia



Fonte: Elaboração própria

Na primeira linha da representação, há um padrão genérico construcional de composição morfológica, com X sendo elemento preso. Na segunda linha, há uma especificação, no polo semântico, em que há ‘estudo que tem como objeto a descrição SEM’, como *cosmografia*, que se trata de um ‘estudo que tem como objeto de descrição o universo’.

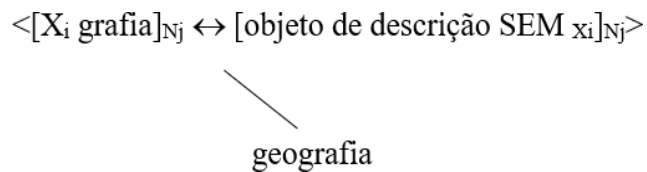
O esquema da terceira linha instancia a construção *geografia*, usada no contexto abaixo

(exemplo 13):

- (13) “Tão pouco se proporcionava a geografia dos títulos com a medida dos Impérios!”[HF. 64]

Nesse esquema, mantém-se o polo formal. Todavia, no polo semântico, há o significado genérico ‘objeto de descrição X’, conforme representado a seguir (Figura 6):

Figura 6 – Esquema construcional X-grafia



Fonte: elaboração própria

6.2.2 X-logo, X-logia e X-log(ico)

- Os dados no *corpus*

No corpus consultado neste trabalho, foram identificadas as seguintes construções como radical *-log-* (Quadro 16):

Quadro 16 - compostos com *-log-*

	<i>N° DE OCORRÊNCIAS</i>	<i>variação gráfica/fonético-fonológica</i>
astrologos	1	
astrologia	7	
cronologia	3	<i>chronologia</i>
cronologico	1	
cronológica	1	
etymologia	5	

genealogia	2	
genealogicos	1	
theologos	8	
teologia	34	<i>theolesia, theologia</i>

Fonte: Elaboração própria

Tendo em vista os dados apresentados no Quadro 16, percebemos que há dez construções formadas com *-log-*, as quais geraram 63 ocorrências. Nos dados levantados neste trabalho, todas as ocorrências são de origem grega e passadas ao português pelo latim.

Etimologicamente, Cunha (2010) estabelece que *-log(o)-* é “elemento de composição derivado do grego *lógos* ‘palavra, estudo, tratado’, que se documenta em compostos formados no próprio grego, como [...] *astrólogo* (gr. *astrologos*)”. Em nossos dados, há, com esse elemento, as construções *astrólogo* e *theologo*, referentes a agentes especialistas.

O elemento de composição *-logia*, também cunhado no grego, é, conforme Houaiss e Villar (2019), composto de *-logo* + sufixo *-ia*. Nos dados dessa dissertação, há as construções *astrologia*, *cronologia*, *etymologia*, *genealogia* e *teologia*, constituindo a maioria dos dados com o segmento *-log-*.

Nos dados com os quais trabalhamos, salientamos também a ocorrência de três construções com o sufixo *-ico* adjungido ao segmento *-log-*: *cronológico*, *genealógicos* e *teológicas*. Esse sufixo é reflexo do latino *-icus* e do grego *-ikós*, documentados em vocábulos no latim (cívico) e no grego (gramático) (CUNHA, 2010).

- Construções X-logia nos séculos XVI e XVII

Na língua portuguesa, já no século XIV havia eram atestadas as formas *astrologia* e *teologia*. Apesar disso, a inserção de novas construções com o elemento *-logia* só ganha força após o século XV, período em que houve uma tendência à (re)introdução de elementos greco-latinos nas línguas românicas. Com isso, para além dos elementos *astrologia* e *teologia*, há a ocorrência de novos empréstimos como *cronologia*, *etymologia*, *genealogia* e *mitologia*. Nesse período, contudo, não é possível falar em produtividade de *X-logia*, pois não há a criação de novos compostos com *-logia* em língua portuguesa nos séculos XVI e XVII.

Acerca dessas construções, trazemos algumas informações relativas aos seus significados (Quadro 17):

Quadro 17 - Significado das formas com -logia

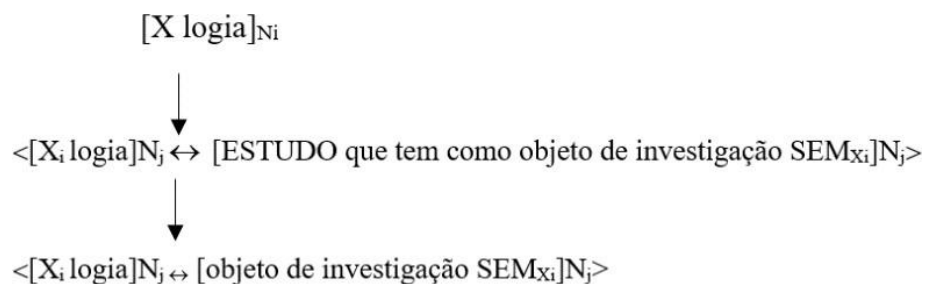
COMPOSTO	INFORMAÇÃO SEMÂNTICA
astrologia	Ciência dos astros
cronologia	Ciência das medidas de tempo
etymologia	Estudo da evolução das palavras
genealogia	Linhagem, estirpe
teologia	Ciência que se ocupa de Deus

Fonte: Elaboração própria

É possível visualizar que, semanticamente, as ocorrências de compostos com o elemento *-logia* guardam relação com o sentido de “palavra, estudo, tratado”. Do ponto de vista formal, todas as ocorrências de compostos com *-logia* mantêm a ordem de composição no modelo greco-latino (determinante + determinado) e são formados por duas formas presas.

Tendo em vista essas considerações semânticas e formais, propomos o seguinte esquema para as construções X-logia nos séculos XV e XVII (Figura 7):

Figura 7 – Esquema das construções X-logia



Fonte: elaboração própria

Na primeira linha da representação, há um padrão genérico construcional de composição morfológica, com X sendo elemento preso, logo, sem etiqueta lexical. Na segunda linha, há uma especificação, no polo semântico, em que temos a ideia de um ‘estudo que tem como objeto de

investigação SEM’, como *astrologia*, que se trata de um ‘estudo que tem como objeto de investigação astros’.

Na terceira linha, há um esquema que instancia uma construção como *genealogia*. Nesse esquema, mantém-se o polo formal tal qual na segunda linha, porém, semanticamente, *-logia* não corresponde mais ao estudo, mas sim ao objeto, isso ocorre em *genealogia* e *etymologia*, conforme representação abaixo (Figura 8):

Figura 8 – Esquema construcional X-logia



Fonte: Elaboração própria

6.2.3 X-mancia e X-mante

- Os dados no *corpus*

Neste trabalho, verificamos a ocorrência das seguintes construções com os elementos *-mante* e *-mancia* (Quadro 18):

Quadro 18- Compostos com *-mancia* ou *-mante*

	<i>N° DE OCORRÊNCIAS</i>	<i>variação gráfica/fonético-fonológica</i>
aeromancia	1	
hidromancia	1	
Nigromancia	1	
piromancia	1	
Chiromancia	2	quiromancia
quiromantes	1	

Fonte: Elaboração própria

O elemento *-mante*, segundo Houaiss e Villar (2019), é do grego ‘*mántis, eōs*’ e significa ‘adivinho, profeta, profetisa’. No *corpus* aqui analisados, há apenas a construção *quiromantes* com esse formativo.

Assim como *-mante*, *-mancia* é elemento de composição derivado do latim *-mantia*, do grego *-mantéia* “adivinhação” e se documenta em vocábulos eruditos, quase todos já formados no grego (CUNHA, 2010). Há, no *corpus* selecionado neste trabalho, 5 construções cujo formativo à direita é *-mancia*: *aeromancia*, *hidromancia*, *nigromancia*, *piromancia* e *chiromancia*, as quais geraram 6 ocorrências.

- Construções com *X-mancia* nos séculos XVI e XVII

O formativo *-mancia* tem origem na palavra grega *μαντεία* (*manteía*), ‘modo de adivinhação’ e, na língua grega, figura em 25 compostos (PHARIES, 2002). Os compostos *aeromancia*, *hidromancia*, *nigromancia*, *piromancia* e *chiromancia* são transmitidos às línguas românicas por empréstimos do latim, não há novas formações no português. O padrão *X-mancia* não é, pois, produtivo nos séculos XVI e XVII.

Com isso, trazemos algumas informações relativas aos significados dessas construções (Quadro 19):

Quadro 19 - significado das formas com *-mancia*

COMPOSTO	INFORMAÇÃO SEMÂNTICA
aeromancia	Adivinhação pelo ar
hidromancia	Adivinhação pela água
Nigromancia	Adivinhação pelos mortos
piromancia	Adivinhação pelo fogo
Chiromancia	Adivinhação pelas mãos

Elaboração própria

Semanticamente, os compostos com o elemento *-mancia*, expostos no quadro, relacionam-se à ‘adivinhação’. Formalmente, esses mantêm a ordem de composição no modelo greco-latino (determinante + determinado) e são formados por elementos presos.

Diante do exposto, apresentamos o estado das construções *X-mancia* no português dos séculos XVI e XVII (Figura 9).

Figura 9 – Esquema construcional X-mancia

$$\langle [X_i \text{ mancia}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{adivinha\c{c}o de SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$$

Fonte: elabora\c{c}o pr\u00f3pria

6.2.4 Rela\c{c}o entre agente e ci\u00eancia

Nos dados que analisamos neste trabalho, chama aten\c{c}o a rela\c{c}o entre termos que indicam agentes e os que designam nomes de ci\u00eancia, estudo ou atividade, conforme Quadro 20. Nos compostos que caracterizam agentes, h\u00e1 os formativos *-logo*, *-grafo*, e *-mante*, para al\u00e9m da ocorr\u00eancia de *-logico*. Nos compostos que denominam ci\u00eancias, estudos ou atividades h\u00e1 *-logia*, *-grafia* e *-mancia*, em que h\u00e1, conforme se\c{c}o 5.1, *chunking* do elemento \u00e0 direita do composto e do sufixo *-ia* (Quadro 20).

Quadro 20– Agentes e ci\u00eancias

RADICAIS					
-log-		-graf-		-mant-	
Agente	Ci\u00eancia	Agente	Ci\u00eancia	Agente	Ci\u00eancia
Astrologo	Astrologia	Cosmographo	cosmografia	quiromante	quiromancia
cronol\u00f3gico	Cronologia	Geographo	geografia	?	hidromancia
?	etymologia	?	ichnografia	?	aeromancia
geneal\u00f3gicos	genealogia	?	orthographia	?	Nigromancia
Theologo	Theologia	?	sciographia	?	piromancia
		?	orthographia		

Fonte: Elabora\c{c}o pr\u00f3pria

No grego cl\u00e1ssico, conforme Pharies (2002), para quem \u00e9 poss\u00edvel depreender semanticamente um sufixo *-ia* de formativos como *-λογία*, *-ia* era usado para derivar substantivos a partir de adjetivos e substantivos. Neste trabalho, ent\u00e3o, a partir dos dados no Quadro 20, pretendemos refletir se a terminologia da ci\u00eancia toma como base (ou n\u00e3o) o agente. Em trabalhos de perspectiva gerativista, como o de Villalva (2000) — em que os elementos compositivos e os sufixos s\u00e3o tomados independentemente — s\u00e3o feitas algumas reflex\u00f5es

sobre essa questão. A autora se contrapõe à obra de Pardal (1973), para quem “acrobacia e democracia seriam palavras derivadas, respectivamente, dos nomes *acrobata* e *edemocrata*, dado que o sufixo *-ia* é tônico” (VILLALVA, 2000, p. 78). Acerca disso, Villalva (2000, p. 78), afirma que

as formas *anemia*, *hemorragia*, *histeria*, *melancolia*, *nostalgia* e *simpatia* deveriam ter como base formas nominais (cf. **anema/o**, **hemorragia/o**, **histera/o**, **melancola/o**, **nostalgia/o** e **simpatia/o**), mas estas formas não estão atestadas em Português (nem em Latim), pelo que não é possível determinar a sua categoria sintáctica.

Villalva (2000, p. 80) defende, pois, que a “a hipótese mais adequada consiste em considerar que estes nomes em *-ia* são formados a partir de bases cuja categoria morfológica é radical, e cuja categoria sintáctica é [+N].”

Em Rondinini (2009, p. 22), o qual toma *-ologia* e *-ografia* como unidades, percebe - se que a “[...] existência de um termo com *-ologia* e *-ografia* que denomine uma ciência não pressupõe a existência obrigatória de um agente em *-ólogo* e *-ógrafo* e o inverso também se mostra verdadeiro”.

Diante do exposto, propomos, nesta pesquisa, ainda com base na MC, mostrar, por meio de esquemas, a correlação entre essas palavras. À vista disso, reportamo-nos ao conceito de relação paradigmática, especificamente aos casos em que não há uma palavra base. Isso é sustentado por Booij (2013, p. 32), o qual defende que a correlação entre dois conjuntos de palavras de mesmo grau de complexidade morfológica também pode ser observada nos casos em que não há palavra base compartilhada pelos pares de palavras. Esse tipo de relação paradigmática é mostrado por Booij (2013, p. 33), por meio dos pares *X-ism* e *X-ist*, nos seguintes esquemas:

$$(14) \langle [x\text{-ism}]_{N_i} \leftrightarrow SEM_i \rangle \approx \langle [x\text{-ist}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{person with property } Y \text{ related to } SEM_i]_j \rangle$$

Sendo assim, Booij (2013, p. 33, tradução nossa¹²¹) compreende que “mesmo que não tenham palavra base correspondente, o significado de um membro de um par pode ser definido em termos do significado do outro membro”. Ou seja, os pares *X-ism* e *X-ist* são

¹²¹ “Even though they have no corresponding base word, the meaning of one member of a pair can be defined in terms of that of the other member.” (BOOIJ, 2013, p. 33).

semanticamente relacionados, embora não tenham uma palavra base comum.

No tocante à direcionalidade, o esquema proposto por Booij (2013) X-ism e X-ist é interessante, pois permite a formação de palavras em duas direções. Nas palavras do autor:

Embora semanticamente a palavra em *-ism* seja o ponto de partida para a palavra em *-ist*, isso não significa que a ordem de derivação necessariamente reflita essa assimetria semântica. Por exemplo, a palavra *abolitionist* pode ter sido cunhada antes de *abolitionism*. (BOOIJ, 2013, p. 33, tradução nossa¹²²).

Com isso, para o par *astrologia e astrologo*, por exemplo, sugerimos os seguintes esquemas:

$$(15) \langle [x\text{-logia}]_{N_i} \leftrightarrow SEM_i \rangle \approx \langle [x\text{-logo}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{aquele com especialidade relacionada a } SEM_i]_j \rangle$$

Assim, ainda que esses pares não compartilhem uma palavra base, são semanticamente relacionados. Portanto, *astrólogo* poderia ser parafraseado como “aquele com especialidade em astrologia”.

Defendemos, pois, que não há uma unidirecionalidade, em que, por exemplo, *astrólogo* seria base de *astrologia*. Trata-se, pois, de um processo que pode ocorrer em ambos os sentidos. Essa relação é percebida também nos pares *-grafia e -grafo* e *-mancia e -mante*.

Para além disso, destacamos que, na formação de agentivos, há a ocorrência do sufixo *-ico*, afixo correspondente ao sufixo latino *-icus* e ao sufixo grego *-ικός* (PHARIES, 2002). Encontram-se, em nossos dados, dois agentes com esse sufixo: *genealógico, cronológico*.

Tanto *genealógico* quanto *cronológico* não parecem ser adjetivos relacionados às formas em *-logia*, mas sim agentes. O sufixo *-ico* acoplado ao elemento de composição está, então, em distribuição complementar com *-logo*, forma que, canonicamente, traz como acepção, “especialista em determinada matéria” (PHARIES, 2002).

Portanto, *genealógico e cronológico* podem ser representadas pelo esquema $\langle [[X]_{N_i} \text{ico}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{Agente envolvido em } SEM_i]_{N_j} \rangle$ e, em nossos dados, relativos aos séculos XVI e XVII, $[X]$ é sempre base nominal e o produto é também um nome (agente).

6.3 PADRÕES MENOS FREQUENTES

¹²² “Even though semantically the word in *-ism* is the starting point for the word in *-ist*, this does not mean that actual order of derivation necessarily reflect this semantic asymmetry. For instance, the word *abolitionist* may have been coined before *abolitionism*.” (BOOIJ, 2013, p. 33).

6.3.1 X-bata

No *corpus* estudado neste trabalho, há as seguintes construções com *-bata* (Quadro 21):

Quadro 21 - Compostos com *-bata*

	N ° DE OCORRÊNCIAS
steriobatas	1
stylobatas	1

Fonte: Elaboração própria

Por conseguinte, há apenas duas construções: *steriobatas* e *stylobatas*, as quais ocorrem uma vez cada. Ambas as construções são empréstimos, sendo *X-bata* não produtivo nesta sincronia, uma vez que não são criados, em língua portuguesa, novos nomes a partir desse esquema.

O elemento de composição *-bata* remonta à língua grega, na qual o verbo *baínō* ‘andar’ e o sufixo *-tēs* formam a unidade *-bates*, que, diferentemente do verbo, não é livre nessa língua e significa ‘o que anda’ ou ‘o que fica, se assenta’ (HOUAISS; VILLAR, 2019).

Apresentamos os significados de *steriobatas* e *stylobatas* no Quadro 22:

Quadro 22 - Significado das formas com *-bata*

COMPOSTO	INFORMAÇÃO SEMÂNTICA
<i>steriobatas</i>	sustentação de edifício
<i>stylobatas</i>	sustentação de pilar

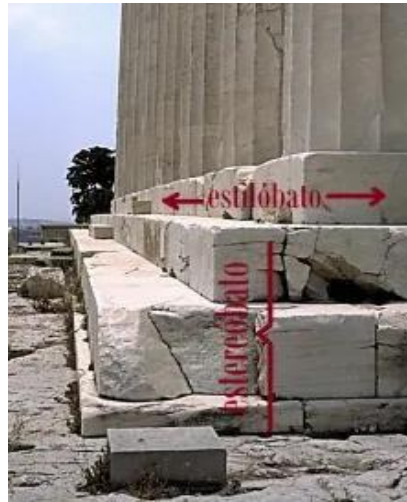
Fonte: Elaboração própria

Em outros termos, *estereóbato* são “degraus imediatamente abaixo do estilóbato em um templo grego” (GLOSARIO ARQUITECTONICO, n.p, tradução nossa¹²³), e *estilobata* é a “plataforma sobre a qual repousa o templo grego, ou o degrau superior do crepidoma ou crepis sobre o qual são rebaixadas as bases das colunas jônica e coríntia, ou o fuste da coluna dórica” (GLOSARIO ARQUITECTONICO, n.p, tradução nossa¹²⁴), conforme Figura 10:

¹²³ “Escalones inmediatamente inferiores al estilóbato en un templo griego” (GLOSARIO ARQUITECTONICO, n.p).

¹²⁴ “Plataforma en la que descansa el templo griego, o escalón superior de la crepidoma o crepis sobre el que apean las basas de las columnas jónicas y corintias, o el fuste de la columna dórica.” (GLOSARIO ARQUITECTONICO,

Figura 10 – Estilobata e esteriobata



Fonte: Glosario Arquitectonico

Por conseguinte, o elemento *-bata* é, semanticamente, ligado ao sentido de ‘base’. Formalmente, os compostos com *-bata* selecionam dois elementos presos e têm determinante precedendo determinado, isto é, seguem o modelo de composição clássica.

Desse modo, as formações *estereóbato* e *estilóbato* podem ser representadas pelo esquema $\langle [X_i \text{ bata}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{base de SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$, em que X, por se tratar de forma presa não recebe etiqueta lexical; e o produto, nessa sincronia, é necessariamente nome.

6.3.2 X-cultor

Nos dados que embasam este trabalho, registra-se apenas *agricultor* — referente a um agente — com o elemento de composição *-cultor*, do verbo latino *colo* ‘cultivar, habitar’. Esse composto é latino e passado para o português por empréstimo. Destacamos que X-cultor não é produtivo, em língua portuguesa, na sincronia estudada. Isso, porque o esquema $[X \text{ cultor}]$ não instancia novas formas.

Formalmente, o composto *agricultor* é formado por elementos presos e mantém a ordem clássica de composição, em que o determinante precede o determinado. Semanticamente, *-cultor* relaciona-se a ‘cultivo’.

Portanto, *agricultor* pode ser modelada pelo esquema $\langle [X_i \text{ cultor}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{cultivador de}$

$SEM_{X_i}]_{N_j}>$, no qual X é forma presa, sem etiqueta lexical. Na sincronia aqui estudada, o produto é sempre um nome agente.

6.3.3 X-cida e X-cídio

No *corpus* estudado, não há uma ocorrência expressiva de compostos com *-cid-*. Nesse sentido, apenas *homicida*, com duas ocorrências, *fratricida*, com uma ocorrência e *homicídio*, com quatro ocorrências, estão presentes.

Ademais, destacamos que *homicida*, *fratricida* e *homicídio* são formações latinas. Essa compreensão é corroborada pelo *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (2010), de Antônio Geraldo da Cunha, no qual *-cida* e *-cídio* são registrados como elementos de composição com origem, respectivamente, no latim *-cida* e *-cidium*, formas derivadas de *caedere* 'matar'. Na língua latina, já era conhecida a composição com os elementos *-cidium* e *-cida*, os quais “[...] estavam sujeitos às restrições semânticas e de seleção de bases típicas dos esquemas construtivos” (LASSERE; MONTERMINI, 2012, p. 200, tradução nossa). Na língua portuguesa, os compostos que se formam com os elementos *-cida* e *-cídio* são, até o século XVII, empréstimos latinos.

As formações em *-cídio* poderiam ser modeladas por esquemas, como: $<[X_i \text{ cídio}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{morte de } SEM_{X_i}]_{N_j}>$, em que X é necessariamente uma forma presa, logo, sem etiqueta lexical. No polo semântico, o significado genérico é “morte de X”.

Destacamos a possibilidade de se perceber uma relação paradigmática entre as formas em *-cida* e *-cídio*, isto é, em um par *homicida* e *homicídio*, por exemplo, o significado de *homicida* pode ser definido com base no significado de *homicídio*. Assim sendo, o significado de *homicida* pode ser parafraseado como ‘pessoa que pratica homicídio’. Essa relação paradigmática pode ser definida pelos esquemas a seguir:

$$(16) \quad < [X\text{-cídio}]_{N_i} \leftrightarrow SEM_i > \approx < [X\text{-cida}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{aquele que pratica } SEM_i]_j >$$

6.3.4 X-cídio

No corpus selecionado neste trabalho, apenas estilicídio é registrado com -cídio¹²⁵, do verbo latino *cadere* ‘cair’ (HOUAISS, 2019).

O composto estilicídio é cunhado no latim, decalque de *stillicidium*, que tem como acepção¹²⁶ ‘água que cai gota a gota’ (BADER, 1962, p. 226, tradução nossa¹²⁷). Nessa língua, essa formação apresenta “um primeiro membro sujeito do segundo” (BADER, 1962), isto é, parece haver uma relação sintática, em que *stila* ‘gota’ é argumento externo do segundo membro.

Na língua portuguesa, estilicídio assume a acepção de ‘coriza’. Assim, esse composto parece ter perdido composicionalidade, propriedade que diz respeito “ao grau em que o valor do todo é previsível a partir dos valores de suas partes” (LANGACKER, 1987, p. 448, tradução nossa¹²⁸). Isto posto, o significado de estilicídio não tem uma previsibilidade baseada na soma dos elementos que o formam.

Com isso, essa falta de composicionalidade pode estar relacionada à produtividade dos elementos em -cídio. Nesse sentido, destacamos que em língua portuguesa, X-cídio não é produtivo, uma vez que novas formas não são instanciadas pelo esquema [X cídio].

6.3.5 X-cínio

Neste trabalho, identificamos, com o elemento -cínio, apenas a construção *vaticínios*, com uma ocorrência. O elemento -cínio é elemento de composição relacionado ao verbo latino *canō*, ‘cantar’ (HOUAISS; VILLAR, 2019). Essa forma foi tomada pela língua portuguesa como empréstimo no século XVI.

Na sincronia aqui estudada, não há a criação de novos nomes a partir do elemento -cínio, sendo, portanto, [X-cínio] um padrão improdutivo.

Quanto aos significados das construções, *vaticínios* é ‘canto do profeta’, ou seja, está relacionado à ‘profecia’, em semelhança à acepção de *vāticinium* na língua latina.

As construções X-cínio podem, então, ser apresentadas conforme o esquema: <[X_i cínio]_{Nj}

¹²⁵ Forma homônima a -cídio, de *caedere* ‘matar’.

¹²⁶ *Stillicidium* também pode ser usado no âmbito da arquitetura, significando ‘calha’ (BADER, 1962).

¹²⁷ “[...] eau qui tombe goutte à goutte” (BADER, 1962, p. 226).

¹²⁸ “[...] the degree to which the value of the whole is predictable from the values of its parts.” (LANGACKER, 1987, p. 48)

↔ [canto de SEMX_i]_{N_j}>, em que há uma especificação, no polo semântico, ‘canto de SEM’.

6.3.6 X-cornio

Neste trabalho, há apenas *capricornio* formado com o elemento *-cornio*. Esse elemento é, etimologicamente, do latim *cornus* ‘corno, chifre, ponta’ (CUNHA, 2010).

Em língua latina, o elemento de composição *-cornio* é formado a partir da integração da palavra *cornus* ‘corno, chifre’ com o sufixo *-io* (HOUAISS; VILLAR, 2019), que formam uma unidade sem autonomia — um elemento de composição.

Em língua portuguesa, esse elemento está registrado em vocábulos desde o século XIV, como *capricornio*. Todavia, na sincronia enfocada, não há a criação de nomes a partir de [X cornio], desse modo, constitui-se um esquema improdutivo.

Semanticamente, o elemento de composição *-cornio* ainda guarda relação com o significado de ‘chifre’. Formalmente, o composto com *-cornio* é formado por dois elementos sem autonomia (*capri-* e *-cornio*), os quais mantêm a ordem de composição clássica.

Portanto, a formação *capricornio* pode ser representada pelo *esquema* <[X_i cornio]_{N_j} ↔ [que tem chifres como SEMX_i]_{N_j}>, em que X, por se tratar de forma presa não recebe etiqueta lexical; e o produto, nessa sincronia, é necessariamente nome.

6.3.7 X-cracia

No *corpus* analisado neste trabalho, há apenas as construções *aristocracia* e *democracia* (Quadro 23) com o elemento *-cracia*, o qual é “do grego *-kratía* (*-kráteia*), de *krátos* ‘governo, poder, autoridade’” (CUNHA, 2010, p. 187).

Quadro 23 - Compostos com *-cracia*

	<i>Nº DE OCORRÊNCIAS</i>
aristocracia	1
democracia	1

Fonte: Elaboração própria

A formação de compostos com o elemento de composição *-cracia* remete ao grego, nessa língua, a raiz de κράτος, 'força, poder, governo, autoridade', combina-se com o sufixo *-ía*, formando *-κρατία*, sem autonomia.

Em língua portuguesa, no *corpus* enfocado, referente aos séculos XVI e XVII, há *democracia*, que é empréstimo do francês *démocratie* (HOUAISS; VILLAR, 2019). Para além desse composto, há também *aristocracia*, empréstimo do francês *aristocratie* (CUNHA, 2010). Logo, ambos os compostos têm origem no grego, são passadas ao latim e, posteriormente, ao francês.

Nos séculos XVI e XVII não há, pois, em língua portuguesa, a criação de nomes a partir de [X *cracia*]; desse modo, constitui-se um esquema improdutivo.

Propomos, a seguir, os significados para essas construções (Quadro 24):

Quadro 24 - Significado das formas com *-cracia*

COMPOSTO	INFORMAÇÃO SEMÂNTICA
aristocracia	Governo dos melhores
democracia	Governo do povo

Fonte: Elaboração própria

Em ambos os compostos formados com *-cracia*, esse elemento é relacionado, semanticamente, a 'governo'. Formalmente, ambos os compostos são formados por elementos presos, em que se conserva a ordem de composição clássica.

Em vista disso, evidenciamos as construções X-*cracia*, nos séculos XVI e XVII, pelo esquema $\langle [X_i \text{ cracia}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{governo de SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$; assim, X, em nossos dados, é forma presa, por isso, não recebe etiqueta lexical. Salientamos também que o produto é um nome. No polo semântico, consideramos que um significado genérico para as construções X-*cracia* é 'governo de X'.

6.3.8 X-glífico

No *corpus* tomado como base para este trabalho, a partir do elemento *glífico*, há apenas o composto *hieroglífico*, com seis ocorrências, conforme Quadro 25:

Quadro 25 - compostos com *-glífico*

	N ° DE OCORRÊNCIAS
Hieroglífico	6

Fonte: elaboração própria

O elemento *glífico* é derivado do verbo grego *glúphō* ‘esculpir, cinzelar, gravar, entalhar’ (HOUAISS; VILLAR, 2019), ao qual se combina o sufixo *-ico*. Em grego, apesar de o verbo ser uma forma livre, *-λυφικός*, ‘glífico’, é forma presa e, nessa língua, já formava *ιερογλυφικός*, composto que passou à língua latina, *hieroglyphicus*, e, posteriormente, foi tomado como empréstimo pela língua portuguesa.

É interessante perceber que, em língua portuguesa, na sincronia enfocada, já há registrada forma livre *glífico*, a exemplo de 17:

- (17) e as mesmas suas letras glificas eram alimarias e
aves pintadas [PA. np]

Desse modo, parece ter ocorrido uma lexicalização em que *glífico* passou a funcionar como forma autônoma, um adjetivo.

Apesar disso, a forma *hieroglífico* mantém a ordem greco-latina de composição (determinante + determinado), sendo formado por elemento preso + *glífico*.

Semanticamente, *glífico* guarda proximidade com o significado do grego, assim *glífico* pode ser entendido como ‘gravura’. Em *hieroglífico*, por exemplo, é possível depreender um significado de ‘gravura sagrada’, sendo o primeiro elemento do grego *hierós*, ‘sagrado, santo, divino’.

Por conseguinte, as formações com *glífico* podem ser representadas pelo esquema esquema $\langle [X_i \text{ glífico}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{gravura SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$, assim, tendo em vista que o primeiro elemento dos compostos com *glífico* são formas presas, X, no esquema, não recebe etiqueta lexical. Ressaltamos também que, no polo semântico, propomos o significado ‘gravura X’.

6.3.9 X-lábio

Nos dados presentes no *corpus* eleito para este trabalho, com o o elemento de composição *-lábio*, do grego *-lábos*, do verbo grego *lambánō* 'tomar, agarrar, obter' (HOUAISS, VILLAR, 2019), há apenas a construção *astrolabio*¹²⁹.

No português do século XVII, *astrolabio* é um empréstimo do latim *astrolabium*, que tem origem no grego *astrolábion* (HOUAISS;VILLAR, 2019). Não há, desse modo, novas instâncias com esse elemento em língua portuguesa na sincronia aqui enfocada, o esquema [X lábio] é, pois, improdutivo.

No mais, em *astrolabio*, há a manutenção do padrão clássico de composição, com o determinante precedendo determinado. Quanto à semântica, *-labio* estava relacionado, inicialmente, à 'obtenção de algo' e parece ter se especializado semanticamente em 'obtenção da medida de algo'.

Em vista do exposto, sugerimos esta esquematização: esquema $\langle [X_i \text{ lábio}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{instrumento que tem como objeto medida de SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$. Nesse esquema, X é forma presa, logo, sem etiqueta lexical, e o produto é necessariamente um nome (instrumento).

6.3.10 X-legio

No *corpus* eleito para este trabalho, registram-se as seguintes formas com *-legio* (Quadro26):

Quadro 26 - Compostos com – leg-

	<i>N° DE OCORRÊNCIAS</i>
Sacrilego	1
Sortilegio	1
Sacrilegio	4

Fonte: elaboração própria

Há, por conseguinte, em nossos dados, os elementos de composição *-lego* e *-legio*. Assim,

¹²⁹ *Astrolábio* é tomador (da altura) (COROMINAS; PASCUAL, 1984) dos astros.

com *-lego* — do verbo latino *legō*, o qual possuía diversas acepções¹³⁰¹³⁰ — ocorre apenas *sacrilego* e, com *-legio*, forma em que ocorre o sufixo *-io*, há duas construções: *sortilegio*, com uma ocorrência, e *sacrilegio*, com quatro. Destacamos que as três formações aqui tratadas são empréstimos latinos.

Além disso, na sincronia estudada, X-*legio* e X-*lego* não são produtivos, pois os esquemas [X *legio*] e [X *lego*] não instanciam novas formas.

Os compostos formados com *-legio* e *-lego*, na sincronia aqui estudada, são formados por elementos presos e mantêm a ordem clássica de composição, em que o determinante precede o determinado.

É interessante mencionar que não é processo simples depreender a semântica de *lego*. Isto posto, a forma autônoma, na língua latina, tinha como acepção ‘pegar’; esse verbo, todavia, parece ter passado por mudanças semânticas. O significado de ‘pegar’, possivelmente, foi especificado para ‘roubo’. Esses significados também podem ser visualizados nas formas presas em compostos, as quais passaram ao português.

Propomos, então, uma tentativa de modelar os compostos em *-legio* por esquemas construcionais (Figura 11):

Figura 11 - Esquema construcional X-légio

<[X_i légio]_{N_j} ↔ [recolha de SEM_{X_i}]_{N_j}>



<[roubo de X_i]_{N_j}>

Fonte: Elaboração própria

6.3.11 X-loquio

No *corpus* selecionado para este trabalho, apenas *soliloquio* é formado com o elemento *-loquio*. Esse elemento é, etimologicamente, do latim *loquor* ‘falar, discorrer, discursar, dizer’ (CUNHA, 2010).

Em língua portuguesa, na sincronia aqui estudada, *soliloquio* – única ocorrência em nossos dados – é empréstimo do latim *sōliloquium*. Em vista disso, é possível afirmar que

¹³⁰ ‘ajuntar, reunir, recolher; dobrar, tirar dobrando, enovelar, enrolar; escolher, eleger; tomar, furtar, roubar; espiar, espreitar, surpreender; seguir, percorrer, ver sucessivamente, revistar, resenhar, tocar de leve; ler para si, ler em voz alta (para que ourem ouça); fazer leituras, explicar’ (HOAUISS; VILLAR; 2019).

poucas formações se realizam a partir de X-lóquio, esse esquema é, pois, improdutivo.

Formalmente, mantém-se a ordem clássica de composição, em que o determinante precede o determinado. Semanticamente, *-loquio* apresenta significado de ‘fala’, semelhante à acepção latina.

As formações em com *-loquio*, na sincronia aqui enfocada, pode ser modelada no esquema: esquema $\langle [X_i \text{ lóquio}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{fala SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$. Nesse esquema, X, à esquerda, aparece sem etiquetagem lexical, por se tratar de forma presa. No polo semântico, destacamos a atribuição do significado genérico “fala X”.

6.3.12 X-metria e X-metrico

Baseado no corpus selecionado para este trabalho, há as seguintes construções com os elementos *-metria* e *-metrico* (Quadro 26):

Quadro 26 - Compostos com *-metria* ou *-metrico*

	N ° DE OCORRÊNCIAS	variação gráfica/fonético-fonológica
geometria	2	Giometria
Geometricos	1	

Fonte: Elaboração própria

O elemento *-metria* — formado a partir do grego *-metro* ‘medida’ (HOUAISS; VILLAR, 2019) integrado ao sufixo *-ia* — realiza-se, nos dados selecionados para este trabalho, apenas em *geometria*, que possui duas ocorrências. Paralelamente, *-metrico*, em que há uma adjunção do sufixo *-ico*, ocorre uma única vez em *geométrico*.

É interessante observar que substantivo *metro* entra na língua portuguesa no século XVI, por empréstimo “do latim *metrum* e, este, do grego *métron* ‘medida, regra, lei’ (CUNHA, 2010, p. 425). Além disso, a interpretação de *metro* como ‘medida do sistema internacional’ ocorre apenas no século XVIII, quando entra, na língua portuguesa, o empréstimo do francês *mètre*, proposto por Charles de Borda (1733-1799), matemático e físico, membro do grupo que mediu o meridiano terrestre (HOUAISS; VILLAR, 2019). Logo, foram os franceses que “adotaram *omètre* ‘metro’ para unidade fundamental de extensão, e criaram os seus submúltiplos (milímetro, centímetro e decímetro) e os seus múltiplos (decâmetro, hectômetro

e quilômetro)[...]” (CUNHA, 2010, p. 425).

No âmbito da composição, todavia, o elemento que investigamos é uma forma presa - *metria*, a qual ocorre em compostos desde o século XIII, como em 18:

- (18) Esto é que filles çedo
tres meny~os mui sen medo,e farei-lles alçar quedo
as pedras sen gemetria. (CSM231)

Portanto, se, por um lado, a palavra autônoma *metro* tem sua entrada na língua portuguesa somente no século XVI, por outro, alguns compostos cujo formativo à direita é - *metria* já estavam presentes na língua portuguesa desde o período arcaico.

Em nossos dados, referentes aos séculos XVI e XVII, os compostos cujo segundo elemento é -*metria* são consituídos de elementos presos e seguem o padrão clássico de composição, em que o determinante antecede o determinado.

Assim, as construções *X-metria* pode ser depreendida conforme este esquema: <[X_i metria]_{N_j} ↔ [medida de SEM_{X_i}]_{N_j}>, em que X é forma presa, dessa forma, não aparece com etiqueta lexical. No polo semântico, há o significado genérico ‘medida de’.

6.3.13 X-nomia

Neste trabalho, identificamos, no *corpus* consultado, estas construções com -*nom-* (Quadro 27):

Quadro 27 - Compostos com -nom-

	N ° DE OCORRÊNCIAS	variação gráfica/fonético-fonológica
fisiognomia	12	filosomia, fisionomia
fisiognomica	1	

Fonte: Elaboração própria

A partir dos dados apresentados no quadro 28, percebemos que há duas construções formadas com -*nomia* e com -*nomico*, que geraram 13 ocorrências.

O formativo -*nomia*, do grego gnômē ‘faculdade de conhecer, julgamento, espírito, pensamento; bom senso, reflexão, opinião’ (HOUAISS; VILLAR, 2019) está presente, em

nosso corpus, apenas em fisiognomia¹³¹. Esse composto, provavelmente, entrou na língua portuguesa por empréstimo do francês *physionomie* (HOUAISS; VILLAR, 2019). A forma fisiognomica, por sua vez, apesar do sufixo -ico é um substantivo, conforme seção 6.6. vn

No português dos séculos XVI e XVII, o esquema X-nomia não instancia novas formas, por isso, é considerado improdutivo.

Na sincronia aqui estudada, o composto formado a partir de -nomia apresenta a seguinte significação (Quadro 28):

Quadro 28 – significados dos compostos com -nomia

COMPOSTO	INFORMAÇÃO SEMÂNTICA
fisiognomia	Conhecimento da índole por meio de feições

Fonte: Elaboração própria

Formalmente, os compostos com -nomia são formados a partir de duas formas presas, em que o determinante antecede o determinado.

Isto posto, formações em -nomia, como *fisiognomia*, podem ser representadas pelo esquema $\langle [X_i \text{gnomia}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{conhecimento por meio de SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$ em que X é forma presa e sem etiqueta lexical. No polo semântico, o significado genérico é ‘conhecimento por meio de X’. Nesse período, percebemos que o produto é um nome, assim, há a etiqueta lexical N.

6.3.14 X-nomia

Tendo como base o *corpus* selecionado neste trabalho, há os seguintes compostos com -nomia¹³² (Quadro 29):

Quadro 29 – Compostos com -nomia

	N ° DE OCORRÊNCIAS
economia	3

Elaboração própria

¹³¹ Esse composto tem como variação *filosomia*, forma em que parece ter havido interferência do vocábulo *filosofia* (CUNHA, 2010).

¹³² Forma homônima a -nomia, do grego *gnômē* ‘faculdade de conhecer’.

Registra-se, pois, no *corpus* aqui selecionado, apenas a construção *economia* com *-nomia* — “elemento de composição, do grego *-nomía* (de *nómos* ‘lei’), que se documenta em vocábulos eruditos, alguns formados no próprio grego, como *astronomia*” (CUNHA, 2010, p. 451).

Em grego, *nómos*, ‘o que é de lei e de direito’ (HOUAISS; VILLAR, 2019), combina-se ao sufixo *-ía*, formando compostos como *ἀστρονομία* ‘astronomia’, *γαστρονομία* ‘gastronomia’, *οἰκονομία* ‘economia’. Na língua latina, *-nomia* não tem produtividade e os compostos com esse elemento são gregos: *astrōnōmīa* ‘astronomia’, *chīrōnōmīa* ‘arte do gesto’ e *oecōnōmīa*, ‘economia’.

O composto *economia*, presente no *corpus* aqui analisado, passa à língua portuguesa por empréstimo do latim. Na sincronia aqui enfocada, X-nomia é um esquema improdutivo, na medida em que não instancia novas formas.

Os compostos com o elemento *-nomia* são, nos séculos XVI e XVII, são formados por elementos presos, em que o determinante antecede o determinado — padrão greco-latino de composição.

Por fim, formalmente, os compostos com esse elemento, nos séculos XVI e XVII, podem ser modelados no esquema $\langle [X_i \text{ nomia}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{controle de SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$, assim sendo, X constitui forma presa, por isso, não recebe etiqueta lexical. No polo semântico, chamamos atenção para o significado genérico ‘controle de X’¹³³.

6.3.15 X-poli

Neste trabalho, de acordo com o *corpus* em que nos baseamos, há, com o elemento de composição *-poli*, apenas o composto *metropoli*, o qual ocorre duas vezes. Esse elemento é, etimologicamente, do grego *pólis* ‘cidade’ (CUNHA, 2010).

Na língua grega, *polis* funcionava como palavra autônoma e significa ‘cidade’. Nessa língua, formavam-se alguns compostos, como: *νεκρόπολις* ‘cidade dos mortos’ e *μητρόπολις* ‘cidade mãe’.

Diferentemente do grego, na língua latina, *-polis* ocorre apenas em compostos, sendo, em sua maioria, gregos, como *cōmōpōlis* ‘cidade do interior’ e *mētrōpōlis*, e é, pois, uma forma

¹³³ O elemento *-nomia* sofre um deslizamento semântico em relação à forma livre do grego *nómos*, ‘o que é de lei e de direito’, significando, assim, ‘controle’.

presa. Foi a partir da adaptação do latim *metropōlis* (HOUAISS; VILLAR, 2019) que o composto *metropoli* entra na língua portuguesa, de modo a significar ‘cidade principal’. Destacamos, ainda, que o primeiro elemento de *metropoli* é do grego *mētra* ‘matriz, útero’ (HOUAISS; VILLAR, 2019), conexo com o significado ‘mãe’ e esse tomado, metaforicamente, como ‘principal’.

Com isso, na sincronia aqui estudada, o composto com o elemento *-poli* segue o modelo greco-latino (determinante + determinado) e é formado por elementos presos.

Com isso, as construções X-poli, no século XVI, podem ser representadas a partir do esquema $\langle [X_i \text{ poli}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{cidade SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$. Dessa forma, X é forma presa, sem etiqueta lexical, e o produto é necessariamente um nome. No polo semântico, há o significado genérico ‘cidade X’.

6.3.16 X-scopo

No corpus consultado neste trabalho, foram identificadas duas construções com *-scopo*: *metoscopos*¹³⁴ e *horoscopos* — com uma ocorrência cada, os quais são formados a partir do verbo grego *skopēō* ‘olhar atentamente, considerar, observar, examinar’ (CUNHA, 2010).

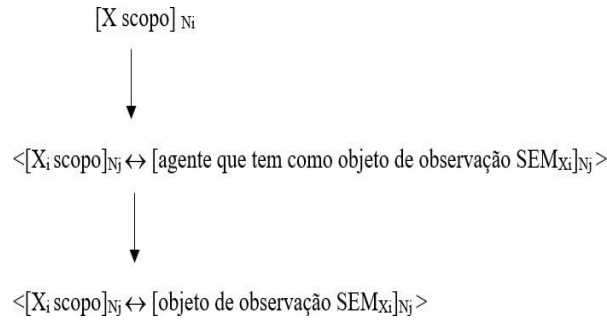
Na língua grega, a forma *σκοπός* era autônoma e designava ‘aquele que observa’, ‘observador’. Nos compostos, essa forma ocorre, principalmente, em agentes, como *άστεροσκόπος* ‘aquele que observa as estrelas’, *ήπατοσκόπος* ‘aquele que examina o fígado’, *βοοσκόπος* ‘aquele que observa o gado’, *θεατρόσκοπος* ‘frequentador do teatro’, *ώροσκόπος* ‘o que observa o ascendente no nascimento’ e *μετωποσκόπο* ‘aquele observa a testa’.

Em língua portuguesa, *-scopos*, em *metoscopos*, assim como na língua clássica, é agentivo, isto é, *metoscopos* é um profissional que observa a testa. Assim, essas construções com *-scopo* podem ser modeladas pelo esquema: $\langle [X_i \text{ scopos}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{agente que tem como objeto de observação SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$.

A construção *horoscopo*, na língua portuguesa, por sua vez, parece ter passado por mudanças semânticas. Em nossos dados, essa forma não tem como acepção um agente, mas sim o significado de ‘ascendente’. Com isso, propõe-se o seguinte esquema (Figura 12):

¹³⁴ Houve a supressão de um segmento. Assim, *metoposcopos* > *metoscopos*.

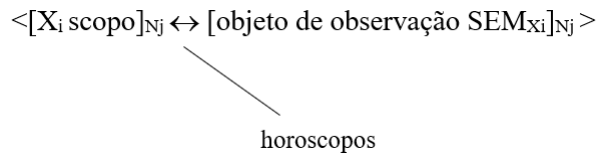
Figura 12 - Esquema construcional X-scopo



Fonte: Elaboração própria

Na segunda linha, há o polo semântico especificado, em temos a ideia de ‘agente que tem como objeto de observação SEM’, esse esquema instanciaria, por exemplo, *metoposcopo*. Na terceira linha, mantém-se o polo formal, porém, no polo semântico *-scopo* corresponde ao objeto, como em *horoscopo* (Figura 13):

Figura 13 - Esquema X-scopo



Fonte: Elaboração própria

6.3.17 X-sofo e X-sofia

Neste trabalho, em conformidade com *corpus* em que nos baseamos, há os seguintes compostos com *-sof-*, conforme Quadro 30:

Quadro 30- Compostos com -sof-

	N ° DE OCORRÊNCIAS	variação gráfica/fonético-fonológica
filósofo	18	filofofos, philosopho
filosofia	24	philosophia

Fonte: Elaboração própria

Há, então, na sincronia estudada, apenas *filosofia* com o elemento de composição *-sofia*. Esse é do grego *sophía*, ‘saber, ciência; sagacidade; habilidade manual’ (HOUAISS; VILLAR, 2019). A partir de *-sofo*, agentivo, do grego *sophós*, ‘hábil’ (HOUAISS; VILLAR, 2019), também há apenas um composto — *filósofo*.

No grego, *σοφία* ‘sofia’ é tanto um substantivo, forma livre na língua, quanto formador de compostos como *φιλοσοφία*. O substantivo *sophia* passa ao latim e também é, nessa língua, uma forma livre — *sophia*.

Os compostos *filósofo* e *filosofia* entram na língua portuguesa já nos séculos XIII e XIV, respectivamente. Até os séculos XVI e XVII, não são criados novos compostos a partir do esquema X-sofia, sendo, pois, um esquema improdutivo.

Na língua portuguesa, *-sofia* é forma presa, a qual forma compostos, que, diferentemente de *astrologia*, por exemplo, tem como ordem determinado + determinante.

Portanto, compostos como *filosofia* podem ser modelados pelo esquema $\langle [X_i \text{ sofia}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{SEM}_{X_i} \text{ relacionado a conhecimento}]_{N_j} \rangle$. Nesse esquema, X é forma presa, sem etiqueta lexical. No polo semântico, o significado genérico é ‘X relacionado ao conhecimento’.

6.4 OUTROS PADRÕES

6.4.1 Gramaticalização

A fragilidade no status morfológico dos elementos enfocados neste trabalho, conforme apontado na seção 4.4, evidencia a possibilidade de processos de gramaticalização. Com isso, nesta seção, refletimos acerca da debilidade das fronteiras entre a composição e a derivação, a partir da gramaticalização, tradicionalmente entendida como “a passagem de uma palavra autônoma para o papel de elemento mais gramatical” (MEILLET, 1982, p. 131, tradução nossa).

O conceito de gramaticalização aplicado a ideia da composição é trazido por Hoenigswald (1963, p. 44, tradução nossa), para o qual esse processo consiste no “[...]esvaziamento de morfemas lexicalmente significativos (membros compostos etc.) e sua transformação em elementos “funcionais”. Esse processo é exemplificado a partir da gramaticalização dos advérbios em *-mente*.

Além disso, destacamos o entendimento do processo de gramaticalização como gradual, isto é, “mesmo a mera transição de um lexema para um formativo gramatical não é um salto,

mas uma mudança gradual para uma nova função” (LEHMANN, 2002, p. 11, tradução nossa).

Com isso, defendemos que a diacronia exerce papel em qualquer processo de gramaticalização (BUENAFUENTES, 2007).

Para Hopper e Traugott (1993), quando uma forma sofre gramaticalização de uma forma lexical para uma forma gramatical, ela tende a perder as propriedades morfológicas e sintáticas que a identificariam como um membro pleno de uma categoria gramatical principal, como substantivo ou verbo. Com isso, estabelece-se dois clines de gramaticalização: cline nome para afixo e cline verbo para afixo.

O primeiro cline, em que o ponto inicial é um nome pleno, especificamente um nome relacional, é apresentado como:

- (19) nome relacional > adposição secundária > adposição primária > afixo aglutinativo¹³⁵ > afixo fusional (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 110, tradução nossa¹³⁶)

O segundo o cline — verbo para afixo — “tem como ponto inicial um verbo lexical que se desenvolve em um auxiliar e eventualmente em um afixo” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 111, tradução nossa¹³⁷). Assim:

- (20) verbo pleno > auxiliar > clítico verbal > afixo verbal (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 111, tradução nossa¹³⁸)

Esse cline é exemplificado pelo verbo *have*, que é um verbo pleno em ‘have a book’, é ‘quase-auxiliar’ em *have a book to read* e se torna clítico em ‘we’ve built a new garage’ (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

No âmbito específico da composição, destacamos a adaptação de Buenafuentes (2007) desses clines para a composição em língua espanhola. Isto posto, a autora concebe o seguinte cline:

¹³⁵ Clítico.

¹³⁶ “relational nome > secondary adposition > primary adposition > agglutinative case affix > fusional case affix” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 110).

¹³⁷ “[...] has a lexical verb as its starting point which develops in to an auxiliary and eventually an affix” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 111).

¹³⁸ “full verb > auxiliary > verbal clitic > verbal affix” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 111).

- (21) verbo pleno > elemento compositivo > afixo
(BUENAFUENTES, 2007, p. 365, tradução
nossa¹³⁹).

Portanto, as unidades que compõem compostos cultos podem ser classificadas em diferentes níveis de acordo com o grau de gramaticalização sofrido (BUENAFUENTES, 2007). Então, em um primeiro nível, as unidades “não passaram ainda por nenhum processo de gramaticalização e são usados na formação de compostos cultos” (BUENAFUENTES, 2007, p. 31, tradução nossa¹⁴⁰), em língua espanhola, esse é o processo que ocorre com ‘esporo’ em ‘esporozóario’ (BUENAFUENTES, 2007). Ao passo que, em um segundo nível, os elementos perdem sua entidade como palavra e só são empregados na composição, como o elemento *hema-* em *hematermo* (BUENAFUENTES, 2007). Em um terceiro nível, o processo de gramaticalização é total e as unidades se comportam como afixos, como, no espanhol contemporâneo, o prefixo *tele-*. (BUENAFUENTES, 2007).

Esse posicionamento do funcionalismo clássico, na qual itens lexicais tornam-se mais gramaticais, compatibiliza-se com a visão da Linguística Funcional Centrada no Uso, a qual opera com o conceito de construcionalização, em que há a “criação de um par *forma_{nova}-significado_{novo}*” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, tradução nossa¹⁴¹), em que se formam “novos nós *type*, que têm nova sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede de uma população de falantes.” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, tradução nossa¹⁴²). Isto posto, “a construcionalização gramatical, no contexto da LFCU, portanto, tem estreita relação com a gramaticalização, esta vinculada ao Funcionalismo clássico” (OLIVEIRA; SAMBRANA, 2022, p. 324).

Em vista do exposto, neste trabalho, procuramos refletir sobre uma possível gramaticalização de alguns elementos, por exemplo do verbo latino *ferre* ‘trazer, conter’, que perde suas características lexicais, tornando-se um formativo *-(i)fero*.

6.4.1 *-(i)fero*

A partir do corpus consultado neste trabalho, identificamos as seguintes construções com *-fero* (Quadro 31):

¹³⁹ “palabra grecolatina > elemento compositivo > afixo” (BUENAFUENTES, 2007, p. 365).

¹⁴⁰ “[...] no han sufrido todavía ningún proceso de gramaticalización y que se emplean en la formación de compuestos cultos (BUENAFUENTES, 2007, p. 31).

¹⁴¹ “the creation of a formnew-meaningnew pairing” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22).

¹⁴² “[...] type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22).

Quadro 31 - Compostos com *-fero*

	N ° DE OCORRÊNCIAS
fructíferos	1
mortífero	4
salutífero	4
odorífero	2

Fonte: Elaboração própria

Há, dessa forma, quatro construções, as quais geraram 11 ocorrências, com *-fero*, o qual é “do latim *-fer*, raiz de *ferre* ‘trazer, conter’” (CUNHA, 2010, p. 290).

A formação de compostos com o elemento *-fero* alude à língua clássica, em que era elemento de compostos, reflexo do verbo *fero* (PHARIES, 2002). Nessa língua, esse elemento aparece em mais de 150 compostos (PHARIES, 2002), sendo alguns desses compostos passados ao português. Além disso, no latim, à raiz de *fero* estão ligadas numerosas formações nominais que expressam a ideia de carregar, de trazer, ou a ideia de fertilidade (ERNOUT; MEILLET, 2001).

Destacamos que, nessa língua, *-fero*, possivelmente, já passava por um processo de gramaticalização. Esse elemento já não era utilizado como forma livre e formava uma série de adjetivos, a partir de bases nominais, como: *āmcænifēr* ‘encantador’, *armifēr* ‘guerreiro’ *pōmifer* ‘abundante em frutas’, *buccifēr* quem tem boca grande, *pūmifēr* ‘espumoso’. Lembramos que a mudança de categoria lexical é características de diversos sufixos do português, como *-ud(o)*. Para além disso, a vogal *-i-*, possivelmente, é cristalizada ao *-fer*, isto é, há um sufixo *-ifero*.

Em língua portuguesa, no período arcaico, já eram atestadas as formas *mortíferas* e *frutíferas*, como no exemplo 22 e 23:

- (22) E esta messagẽ levou o bispo Germano de Capua, en que o papa mandou dizer ao emperadorque ben sabya como todo o mundo estava apoçoentado daquella mortifera peçonha e escomũgada heresy de Arryo e que o rogava, por amor do Senhor [Jhesu] Cristo [CrónicaGeral de Espanha 41d]

- (23) Porque ally cayam torres forradas d'oliveis pimtados, & crastas ladrilhadas de marmores, & lladrilhos vydrados em que avia diversos lavores, tantas arvores frutiferas & odorosas [Crónica do Conde D. Pedro de Meneses, 16]

Na sincronia aqui enfocada, além dessas formas, há também *salutífero* e *odorífero*, todas constituindo empréstimos latinos.

Nesse sentido, *-ífero*, provavelmente, funciona como sufixo na língua portuguesa, tendo ocorrido, ainda na língua clássica, um processo de gramaticalização, em que o verbo *ferre* passou a elemento composicional *-fero* e, posteriormente, ao afixo *-ífero*. Esse posicionamento é consonante com Soledade (2004, p. 245), a qual, analisando dados do português arcaico, considera que o sufixo *-ífero* “vem de uma forma verbal, apontando para um processo de gramaticalização”.

6.4.2 (i)fic-

No corpus delimitado para este trabalho, identificamos as seguintes construções com *-fic-* (Quadro 32):

Quadro 32 - construções com *-fic-*

	<i>Nº DE OCORRÊNCIAS</i>
artífice	13
Pontífice	36
sacrifício	39
artifício	35
edifício	48
pacífico	31

Fonte: Elaboração própria

Há, portanto, seis construções com *-fic-*, as quais geraram 202 ocorrências. Nessas construções, há os elementos *-fice*, *-ficio* e *-fico*, todos etimologicamente latinos. Nessa língua, as perífrases constituídas com o verbo *facere* foram criadas, por escritores antigos, para traduzir palavras gregas. (GAVOILLE, 2004)

Em relação ao *-fice*, essa unidade remonta ao verbo latino *faciō* (HOUAISS; VILLAR, 2019), em nossos dados, esse elemento ocorre em *artífice* e *pontífice*, ambas empréstimo latinos. A esse elemento também se adjunge o sufixo *-io* — do latim *-ium*—gerando *-ficio*, o qual forma substantivos. Com essa unidade, há *sacrifício*, *artifício* e *edifício*, também empréstimos latinos. Nos dados selecionados para esta pesquisa, ocorre também uma construção com a forma *-fico*: *pacífico*, a qual é também empréstimo latino. O elemento *-fico* remonta ao latim *-ficus*, reflexo da base verbal *-ficō* (PHARIES, 2002).

Na língua latina, os elementos *-fice* e *-fico*, ao contrário do verbo *faciō*, já eram formas presas e aproximavam-se de sufixos, formando série de palavras¹⁴³. Assim, a partir de *-fice* formam-se agentes: *ædífex* ‘construtor’, *argentífex* ‘trabalhador da prata’, *aurífex* ‘ourives’, *carnífex* ‘carrasco’, *mellífex* ‘apicultor’, *pānífex* ‘padeiro’, *pontífex* ‘pontífice’. Com o *-fico*, formam-se adjetivos: *sērēníficus* ‘sereno’, *somníficus* ‘que dá sono’, *spēcíficus* ‘específico’, *terríficus* ‘terrível’, *vāstíficus*, ‘devastador’.

Com isso, *-fice* tem a semântica próxima a de sufixos, exprime, pois, significado de agente, e *-fico* parece funcionar como adjetivalizador, características que distanciam esses elementos da composição. Além disso, parece já haver a cristalização da vogal *-i-* ao *-fic-*, formando *-ific-*. Isto posto, o verbo pleno *faciō* perde suas características lexicais já mesmo no latim, apontando para um processo de gramaticalização, em que esse verbo passa a elemento compositivo e, posteriormente, a afixo.

Nesse sentido, Fruyt (2005) associa a produtividade dos elementos relacionados ao verbo *facio* ao processo de gramaticalização. Segundo a autora, são produtivas formações cujo verbo que contém o radical em questão é produtivo (FRUYT, 2005). Assim sendo, a altíssima frequência de *facio* favorece a produtividade dos compostos em *-fex* e em *ficus*¹⁴⁴ (FRUYT, 2005). Por conseguinte, “a natureza de quase-auxiliar do verbo *facio*, ele próprio ligado à altíssima frequência desta palavra, está correlacionado com a sufixalização do radical latino (sob todas as suas formas: *-fic-*, *fec-*) quando no segundo termo no composto” (FRUYT, 2005, p. 41, tradução nossa¹⁴⁵).

¹⁴³ Segundo Gavaille (2005) há, na língua latina, uma série de compostos em *fex*: *aurifex*, *carnifex*, *cornifex*, *opifex*, *pontifex* etc.

¹⁴⁴ Assim como dos verbos em *-ficare*.

¹⁴⁵ La nature de quasi-auxiliaire du verbe *facio*, elle-même liée à la très haute fréquence de ce mot, est corrélée

No *corpus* com o qual trabalhamos, todas as construções são latinas e têm comportamento próximo ao da língua clássica. Sendo assim, os elementos *-fice* e *-fico* podem ser entendidos como sufixos, afastando-se da composição.

6.4.3 X-fixo

Uma formação que consideramos necessário destacar neste trabalho é *crucifixo*, a qual ocorre seis vezes no corpus aqui selecionado. Essa é formada a partir do verbo latino *fīgo* 'enfiar' donde 'fixar, transpassar' (sentido físico e moral) (HOUAISS, 2019).

Nessa língua clássica, não há uma gama de formas com *fixo*, e, possivelmente, *crucifixus* trata-se de uma forma nominal de um justaposto verbal *crucifigō*, que significava 'colocar na cruz'. Nesse sentido, Bader (1962, p. 374, tradução nossa¹⁴⁶) aponta que “muitas vezes os derivados nominais provam que a locução verbal se tornou um justaposto: assim *crucifigō* « crucifier » (crucifīxor, etc.)”. Assim, os elementos *crux* e *fīgo* eram palavras autônomas em latim, sendo, pelo uso, sentidas como unidade.

Em língua portuguesa, o composto *crucifixo* tem uma perda de composicionalidade, isto é, os elementos *cruz-* (< *crux-*) e *-fixo* somados não tem como acepção os significados 'imagem de Cristo crucificado', tampouco 'objeto com a imagem de Cristo'.

6.5 DO SUFIXO -ICO

O sufixo *-ico*, presente em alguns dos compostos analisados nesta dissertação, tem suas origens no indo-europeu *-(i)qos* (PHARIES, 2002). Esse afixo corresponde ao sufixo latino *-icus* e ao sufixo grego *-ικός*. Apesar de, na própria língua latina, alguns derivados com o sufixo *-icus* terem sido formados, como *publicus*, *civicus*, essa língua absorveu centenas de helenismos em *-ικός* (PHARIES, 2002). Desse modo, “a esmagadora maioria das palavras espanholas em *ico* são helenismos transmitidos pelo latim” (PHARIES, 2002, p. 310, tradução nossa¹⁴⁷), cenário que acreditamos ser similar ao da língua portuguesa.

Nos dados levantados nesta dissertação, percebe-se que o sufixo *-ico* ocorre adjungido a

avec la suffixalisation du radical latin *far-* (sous toutes ses formes: *-fic-*, *fec-*) lorsqu'il est en second terme de composé.

¹⁴⁶ Souvent des dérivés nominaux prouvent que la locution verbale est bien devenu un juxtaposé : ainsi *crucifigō* « crucifier » (crucifīxor, etc.)” (BADER, 1962, p. 374).

¹⁴⁷ La abrumadora mayoría de las palabras españolas en *ico* son helenismos transmitidos por el latín. (PHARIES, 2002, p. 310).

três elementos de composição: *-logico*, *-metrico* e *-nomica* (Quadro 33). Desse modo, nesta seção, traçamos algumas reflexões acerca do papel desse sufixo nos elementos aqui estudados.

Quadro 33 - Construções com -ico

Instanciações	CLASSE
<i>cronológica</i>	Adjetivo
<i>cronológico</i>	Substantivo
Genealógicos	Substantivo
<i>Geometricos</i>	Adjetivo
<i>fisiognomica</i>	Substantivo

Elaboração própria

Primeiramente, consideramos que os adjetivos expostos no Quadro 33 são adjetivos relacionais. Essa categoria é exemplificada por Lasserre e Montermini (2015), que analisam derivados terminados em *-logique* na língua francesa. Isto posto, esses podem ser relacionados: 1) canonicamente a um nome de disciplina em X-logie; 2) a um nome de especialista em X-logie; e 3) diretamente à base. (LASSERRE; MONTERMINI, 2015). Relações exemplificadas a seguir:

(24) La Fédération Française de Cardiologie apporte son soutien à la recherche cardiologique. (LASSERRE; MONTERMINI, 2015)

A Federação Francesa de Cardiologia apoia a pesquisa cardiológica

(25) [...] je ne comprends pas le jargon ophtalmologique et que je ne sais pas lire une ordonnance d'ophtalmologue. (LASSERRE; MONTERMINI, 2015)

Não entendo o jargão oftalmológico e não consigo ler uma receita feita por um oftalmologista.

(26) On est tellement habitués aux tempêtes

métaphoriques (financières, médiatiques) qu'on est dépourvus face à une tempête météorologique. (LASSERRE; MONTERMINI, 2015) Estamos tão acostumados com tempestades metafóricas (financeiras, midiáticas) que somos incapazes de enfrentar uma tempestade meteorológica.

Em vista disso, os autores defendem que, em 24, *cardiologique* é cunhado a partir de *cardiologie*. Em 25, todavia, *ophtalmologique* parece ter uma relação ambígua, pois “[...] ophtalmologique pode ser interpretado como o jargão usado na disciplina de oftalmologia e o jargão usado por oftalmologistas” (LASSERRE; MONTERMINI, 2015, p. 67, tradução nossa¹⁴⁸¹). Em 26, a forma *météorologique* parece estar relacionada diretamente à base (meteoro).

Nos dados aqui enfocados, *cronológica* e *geométricas* são adjetivos relacionais, em que *cronológica* está relacionado à *cronologia* e *geométrica* à *geometria*. Desse modo, trata-se de instanciações de esquemas construcionais que têm como *inputs* substantivos e *outputs* adjetivos relacionais, conforme 27:

$$(27) \langle [X_{Ni} \text{ ico}]_A \leftrightarrow [\text{QUALIDADE RELATIVA A SEMsi}]_A \rangle$$

Em relação aos substantivos, há três ocorrências: *cronológico*, *genealógicos* e *fisiognomica*. O sufixo *-ico* em *cronológico*, *genealógicos* é agentivo, conforme exposto na seção 6.3.16. Em *fisiognomica*, todavia, não há agentividade, trata-se do nome da ciência, em sinonímia com *fisionomia*.

¹⁴⁸ “[...] ophtalmologique can be interpreted as the jargon used in the discipline of ophthalmology and the jargon used by ophthalmologists.” (LASSERRE; MONTERMINI, 2015, p. 67).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que foi empreendida nesta dissertação perpassou a composição morfológica em língua portuguesa nos séculos XVI e XVII. Esse período foi eleito, em especial, devido às suas características particulares, uma vez que, no período renascentista, há uma (re)aproximação da língua portuguesa das línguas clássicas, consolidando-se uma época de acentuada pressão cultural, o que permitiu o empréstimo de cultismos, entre eles, as unidades as quais analisamos.

Metodologicamente, foi feita a recolha de dados empíricos em textos publicados nos séculos XVI e XVII, de diferentes gêneros, disponibilizados pelo *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*, o qual disponibiliza, gratuitamente, para fins acadêmicos textos de autores nascidos entre 1380 e 1978. Com isso, a partir de 20 obras, foram selecionados 26 elementos, os quais foram descritos e analisados, perpassando aspectos relacionados à produtividade e refletindo acerca dos limites entre a composição e a afixação.

Destacamos que as análises aqui empreendidas são embasadas, teoricamente, na Morfologia Construcional, que opera a partir de esquemas — abstrações que os falantes fazem das construções, que apresentam uma contraparte formal e uma semântica. Esse modelo dá importantes contribuições para estudos que abordam formações fronteiriças, isto é, cujas características são tanto de derivação quanto de composição, entendendo-se que não há limites rígidos entre os processos. Para além disso, na MC, há uma superação da teoria lexicalista gerativista — em que o léxico comportaria, por exemplo, palavras e expressões idiomáticas idiossincráticas.

Nesta pesquisa, percebemos que, em comparação ao período arcaico da língua portuguesa, houve um aumento na entrada de compostos morfológicos, embora a maioria constitua-se empréstimos, cuja ordem de composição clássica é mantida. Apesar disso, esses compostos integram-se aos dispositivos morfológicos da língua portuguesa e alguns são dotados de analisabilidade pelos falantes.

Nesse sentido, trabalhamos com alguns esquemas, como $[X\text{-logia}]_N$. A partir disso, dados como *astrologia* e *teologia*, por exemplo, podem ser modelos por: $\langle [X_i \text{logia}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{estudo que tem como objeto de investigação SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$, em que os polos formal e semântico são associados. Com o uso das construções X-logia no século XVI, há uma atualização da contraparte semântica, desse modo, *etymologia* e *genealogia*, são representadas por $\langle [X_i \text{logia}]_{N_j} \leftrightarrow [\text{objeto de investigação SEM}_{X_i}]_{N_j} \rangle$. Apesar da atualização da contraparte semântica,

não podemos falar que houve construcionalização, uma vez que não houve mudanças no polo formal.

Além disso, neste trabalho, buscou-se analisar a produtividade na formação de compostos morfológicos nos séculos XVI e XVII. Desse modo, constatamos que, em sua maioria, os elementos aqui enfocados são improdutivos, uma vez que não há a instanciação de novas formas — há apenas construções formadas ainda nas línguas clássicas.

Ademais, refletimos acerca dos limites entre a composição e a sufixação, discussão atravessada pelo processo de gramaticalização. Na sincronia aqui estudada, os elementos que formam compostos, em sua maioria, já se apresentam em início de um processo de gramaticalização, tendo em vista que, já não são mais formas livres, portanto, só ocorrem formando composição, além de, majoritariamente, terem tendências a se cristalizarem em uma única posição (inicial ou final)¹⁴⁹.

Apesar disso, não sustentamos uma gramaticalização¹⁵⁰ dos elementos de composição como afixos, pois a maioria não está disponível para a criação de novas formas. Além disso, não contamos com compostos formados na língua tampouco percebemos a ocorrência de compostos morfológicos com bases vernaculares. Portanto, para a defesa de que houve um processo de gramaticalização dos elementos de composição, é necessária a coleta de um número maior de dados, por meio dos quais se possa perceber o comportamento desses elementos em relação às formas vernaculares.

Portanto, nesta pesquisa, buscamos contribuir para a diminuição da lacuna de trabalhos que descrevem e analisam a composição, principalmente, da composição morfológica em perspectiva histórica. No mais, consideramos que a Morfologia Construcional e algumas perspectivas funcionalistas trazem importantes pressupostos teóricos para a discussão desse fenômeno.

¹⁴⁹ Nesta pesquisa, não há exemplos de elementos que sejam confixos, isto é, unidades sem lugar predeterminado na estrutura da palavra (GONÇALVES; SOUZA, 2020). Isso, possivelmente, ocorre devido ao fato não só de os dados selecionados serem empréstimos de línguas clássicas, mas também por não contarmos com um corpus numeroso de elementos de composição.

¹⁵⁰ No caso de *-(i)fficio*, *-(i)ficie* e *-(i)fero* há a possibilidade de já haver uma gramaticalização desses elementos como sufixos, isso, especialmente, motivados por mudanças já iniciadas na língua latina.

REFERÊNCIAS

a) Bibliografia citada e/ou consultada

ANDERSON, Stephen. **Morphous Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ARONOFF, Mark. **Word formation in generative grammar**. Cambridge: Mit Press, 1976.

BADER, Françoise. Fondements syntaxiques de la composition nominale. In: MOUSSY Clude (Textes réunis). **La composition et la préverbatation en latin**. Paris: Presses de L`Université Paris-Sorbonne, 2005, p. 11-27.

BADER, Françoise. **La formation des composés nominaux du latin**. *Annales Littéraires de L`Universisté de Besançon*. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1998.

BASILIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. **Revista Linguística, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 6, 2010.

BASÍLIO, Margarida. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BERGS, Alexander. **Social networks and historical sociolinguistics. Studies in Morphosyntactic variation in the Paston letters**. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2005.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Holt, Rinehart and Winston, 1973. [1. edição: 1933].

BLUTEAU, R Raphael. **Vocabulario portuguez & latino, aulico, anatomico, architectonico**. Coimbra : Collegio das Artes da Companhia de Jesus : Lisboa : Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728.

BOOIJ, Geert. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, Geert. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University, 2013.

BOOIJ, Geert. **The Grammar of Words**. Oxford: OUP Oxford, 2005.

BORGES, Yasmim; SANTOS, Antonia Vieira dos . Breve estudo sobre as palavras compostas de configuração Nome-Nome na Crónica de D. João I (séc. XV). In: FIGUEIREDO, Cristina; GAYER, Juliana L.; SOUSA, Lílian T. de; PINTO, Carlos Felipe. (Org.). **LÍNGUA EM MOVIMENTO: História e Funcionamento das Línguas Naturais**. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2020, v. 1, p. 373-387.

BORGES, Yasmim. **Compostos [NN]N no português clássico (sécs. XVII e XVIII)**. Universidade Federal da Bahia, 2021.

BUENAFUENTES DE LA MATA, Cristina. **Procesos de gramaticalización y lexicalización en la formación de compuestos en español**. Bellaterra: Universidad Autónoma de Barcelona, 2007. Disponível em: <<http://www.tdx.cat/handle/10803/4879>>.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, Joan. **Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CÂNDIDO, Bruno; GONÇALVES, Carlos; ALMEIDA, Maria. . De chacretes, ronaldetes e outros etes: uma análise morfológica e semântica das construções X-ete no português do Brasil. **Gragoatá**, v. 21, n. 40, 1 jul. 2016.

CHASE, George. The Form of Nominal Compounds in Latin. **Harvard Studies in Classical Philology**, 1900, Vol. 11 (1900), pp. 61-72. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/310363>

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: Massachusetts, 1965.

CHOMSKY, Noam. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R.A.; ROSENBAUM, P.S (eds). **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham: Ginn&Co, 1970.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. New York, Berlin: Mouton de Gruyter, 2002 [1957].

COOPER, Frederic. **Word formation in the Roman Sermo Plebeius**. New York: Georg Olms Verlag, 1975.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FAY, Edwin. **Greek and Latin Word Studies. The Classical Quarterly**, 1º Edição. p. 13-30. disponível em <http://www.jstor.org/stable/636029>. . Data de acesso 26/6/2023.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2018.

FRUYT, Michèle. Le statut des composés nominaux dans le lexique latin. In: MOUSSY, Clude (Textes réunis). **La composition et la préverbativité en latin**. Paris: Presses de L'Université Paris-Sorbonne, 2005, p. 29-53.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos; ALMEIDA, Maria. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. **ALFA: REVISTA DE LINGÜÍSTICA (UNESP. ONLINE)**, v. 58, p. 165-193, 2014.

GONÇALVES, Carlos; ALMEIDA, Maria. Ligando o morfômetro: análise morfossemântica das construções com -metro no português do Brasil. In: Almeida, A. A. D; Santos, E. S.. (Org.). **Linguística Cognitiva: redes de conhecimentos d'aquém e d'além-mar**. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2018, v. 1, p. 259-281.

GONÇALVES, Carlos; CARVALHO, Maria. Morfologia Construcional aplicada à flexão. In: GONÇALVES, C. A. V. **Morfologia construcional: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 131-145

GONÇALVES, Carlos; PIRES, José. O. Morfologia construcional aplicada à mudança morfológica : da composição à derivação. In: GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia Construcional: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 49-69.

GONÇALVES, Carlos; SOUZA, Tiago. A confixação como processo de formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. **Revista do GEL**, v. 17, n. 2, p. 122-147, 2020

GONÇALVES, Carlos; TAVARES DA SILVA; João. Sobre o estatuto de -nte: evidência de um continuum flexão-derivação para a mudança morfológica do latim ao português. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-83, jan./abr. 2020.

GONÇALVES, Carlos; VIALI, Lucina. Abordagem construcional da reduplicação de base verbal em português. **Acta Semiótica et Linguística**, João Pessoa, v. 22, p. 115-138, 2017.

GONÇALVES, Carlos. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. **ReVEL**, edição especial n. 5, 2011. [www.revel.inf.br].

GONÇALVES, Carlos. **Morfologia Construcional: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.

HALLE, Morris. Prolegomena to a theory of word formation. **Linguistic Inquiry**, vol. 4, n° 1, p. 3-16, 1973.

IACOBINI, Claudio. Composizione con elementi neoclassici. In Grossmann, M. & Rainer, F. (eds). **La formazione delle parole in italiano**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. 69-95.

JACKENDOFF, Ray. Morphological and semantic regularities in the lexicon. **Language**, vol. 51, n° 3, p. 639-671, 1975.

KABATEK, Johannes. ¿Es posible una lingüística histórica basada en un corpus representativo? **Ibero 2013**; 2013 (77), p. 8–28.

KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. et al. (eds.). **Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.

LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind**. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987.

LASSERRE, Marine; MONTERMINI, Fabio. **Neoclassical compounds as relational adjectives**. Mediterranean Morphology Meetings, 2015.

LASSERRE, Marine; MONTERMINI, Fabio. Une approche distributionnelle pour l'analyse des composés néoclassiques. **Verbum XXXIV**, 2012, p. 195-212.

LOPES, Mailson. **Estudo histórico-comparativo da prefixação no galego-português e no castelhano arcaicos (séculos XIII a XVI): aspectos morfolexicais, semânticos e etimológicos**. Tese (Doutorado em Língua e Cultura e em Linguística do Português) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador; Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2018.

LÜDELING, Anke. **Neoclassical word-formation**. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.

MAIA, Clarinda. A herança latina na língua portuguesa. In. APEC. Raízes Greco-Latinas da cultura portuguesa. **Actas do I Congresso da APEC**. Coimbra: APEC, 1999.

MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. Rosae: **linguística histórica, história das línguas e outras histórias [online]**. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 533-542. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books.

MAROUZEAU, Jules. **Traité de Stylistique Latine**. 1946. Paris: Société d'édition "Les Belles lettres", 1946.

MARQUILHAS, Rita. Filologia oitocentista e Crítica Textual. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL FILOLOGIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO**. Lisboa, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da Linguística Histórica: “ouvir o inaudível”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa. **Caminhos da linguística histórica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEILLET, Antoine.; VENDRYES, Joseph. **Traité de grammaire comparée des langues classiques**. 2^e éd., Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1953 [1924].

PANOCOVÁ, Renáta; HACKEN, Pius. **The Interaction of Borrowing and Word Formation**. Edinburgh: Edinburgh University Press. 2020.

PEREIRA, Pâmella. As construções não-X no português arcaico. In: SOLEDADE, J. (Org.); GONCALVES, C. A. (Org.); SIMÕES NETO, N. A. (Org.). **Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2022.

PIRES, João. **Uma abordagem construcional dos splinters não nativos no português do Brasil**. 2018. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PLAG, Ingo. **Word-Formation in English**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

RIBEIRO, Sílvia; RIO-TORTO, Graça. **Gramática derivacional do português**. 2^a edição. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016.

RIO-TORTO, Graça. **Prefixação na língua portuguesa contemporânea**. São Paulo: Cortez Editora, 2019.

RIO-TORTO, Graça. Desafios da Morfologia: história e (re)conhecimento. In: VIARO, Mário Eduardo (Org.). **Morfologia Histórica**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

RONDININI, Roberto. Análise das Formações com -logo e -grafo segundo a morfologia derivacional. **REVISTA VIRTUAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, v. 7 (12), p. 1-29, 2009.

SALMONS, Joseph. **Sound Change**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021.

SANTOS, Antonia; SIMÕES NETO, Nival. O esquema construcional [[X]-[mor]]N na história da língua portuguesa. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 18, p. 125-140, 2020

SANTOS, Antonia Vieira dos. **Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, AN e NprepN no português arcaico (sécs. XIII-XVI)**. Universidade Federal da Bahia, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix. Tradução do original francês Cours de linguistique Générale, 2006 [1916].

SIMÕES NETO, Nival. **O esquema X-ari- do latim às línguas românicas: um estudo comparativo, cognitivo e construcional**. 2020. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SIMÕES NETO, Natival **Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico**. Universidade Federal da Bahia, 2016.

SIMOES NETO, Natival; SOLEDADE, Juliana. Um enfoque da Morfologia Construcional sobre as construções X-ário no português arcaico. **Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural**, v. 5, p. 143-171, 2015.

SOLEDADE, Juliana. De pecadores a sabedores: agentes de -dor no Livro das Aves. In: ALMEIDA, A. A. D.; LOPES, M. dos S. (org.). **Livro do livro das aves: estudos semânticos e morfológicos**. Salvador: Edufba, 2021.

SOLEDADE, Juliana. Esquemas construcionais no português arcaico: um estudo sobre X-ada1, X-ada2, X-ado, X-do, X-da. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 41-56, 2020.

SOLEDADE, Juliana; GONCALVES, Carlos.; SIMÕES NETO, Natival. Morfologia Construcional outra introdução. In: SOLEDADE, J. (Org.) ; GONCALVES, C. A. (Org.); SIMÕES NETO, N. A. (Org.) . **Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2022.

SOLEDADE, Juliana. A sufixação e a formação do léxico do português arcaico. In: **XIX Encontro Nacional da ANPOLL**, 2004, Maceió. Boletim Informativo nº 32, 2004. v. 1. p. 234.

SOLEDADE, Juliana. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi -EIR-]Nj no português arcaico. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 83-111, 2013.

SOLEDADE, Juliana. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: Almeida, Aurelina Ariadne Domingues; Santana, Elisângela. (Org.). **Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além mar**, Salvador: Edufba, v. 1, p. 345-378, 2018.

VIARO, Mário. **Morfologia histórica**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

VILLALVA, Alina. Borrowed Compounds, Borrowed Compounding – Portuguese Data. In: PANOCOVÁ, Renáta; HACKEN, Pius. **The Interaction of Borrowing and Word Formation**. Edinburgh: Edinburgh University Press. Print publication year: 2020, p. 49 66.

VILLALVA, Alina. Formação de palavras: composição. In: MATEUS, M. H. M et al. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho Lisboa, 2003.

VILLALVA, Alina. **Estrutura morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2010.

VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013, p.137-179.

b) Bibliografia referente a dicionários/glossários

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José. **Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico (Ce-F) - 2-Gredos (1984)**. Barcelona: Gredos, 1984.

CUNHA, Antônio. **Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. revista e atualizada de acordo com a nova ortografia.** Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 2006.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire Latin Français.** Paris: Hachette, 2016.

GLOSARIO ARQUITECTONICO. disponível em <https://www.glosarioarquitectonico.com/glossary/estereobato/#:~:text=Escalones%20inmediate%20inferiores%20al%20estil%C3%B3bato,e1%20estere%C3%B3bato%20y%20el%20estil%C3%B3bato>. Acesso em: 28 de jun. de 2018.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MONTANARI, Franco. **The Brill dictionary of ancient greek.** Leiden; Boston: Brill, 2005.

PHARIES, David. **Diccionario etimológico de los sufijos españoles y de otros elementos finales.** Madrid: Gredos, 2002.

APÊNDICE

ELEMENTOS FORMATIVOS			
1. -bata			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -			
ÉTIMO: do verbo grego <i>bainō</i> 'andar'			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A001	<i>steriobatas</i>	Substantivo	sustentação de edifício
AVERBAÇÃO: “[...] e assi as <u>steriobatas</u> ou <u>stylobatas</u> , que se põe por chapim e proceridade das columnas, como as acroterias que se sobem sobre os frontespicios, com tudo o muito mais que d'esta sciencia aqui deixo de screver.” [PA. 43]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A002	<i>stylobatas</i>	Substantivo	sustentação de pilar
AVERBAÇÃO: “[...] e assi as <u>steriobatas</u> ou <u>stylobatas</u> , que se põe por chapim e proceridade das columnas, como as acroterias que se sobem sobre os frontespicios, com tudo o muito mais que d'esta sciencia aqui deixo de screver.” [PA. 43]			
2. -cida			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -			
ÉTIMO: do latim <i>-cida</i> 'que mata'			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A003	<i>fratricida</i>	Substantivo	que mata o irmão
AVERBAÇÃO: Castigou Deos ao <u>fratricida</u> Caim com huma maldição gravissima, & o separou pera sempre dos filhos de Seth, que a Escripura sagrada chama filhos de Deos, pera com este honroso nome os differençar da geração reprovada. [ML. 16]			

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B001	<i>homicida</i>	Substantivo	que mata um ser humano
<p>AVERBAÇÃO: Bem se vê, como responde tudo isto ao titulo deste capitulo; só huma cousa ha aqui, que a não entendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o <u>homicida</u>, tôrre de facinorosos e merecimento de descuidados, quantos se levantarão contra minha verdade? [CANI.154]</p>			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B002	<i>homicida</i>	Substantivo	que mata um ser humano
<p>AVERBAÇÃO: “Bem se vê, como responde tudo isto ao titulo deste capitulo; só huma cousa ha aqui, que a não entendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o <u>homicida</u>, que matou á espingarda, ou ás estocadas hum homem; e que matem Boticarios, e Medicos cada dia milhares delles, sem vermos porisso nunca hum na forca: antes são taõ privilegiados, que depois de vos darem com as costas no adro, e com vosso pay na cova” [AF. 74]</p>			
3. -cidio			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -			
Étimo: ‘do lat. <i>-cidium</i> ‘ação de quem mata’			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B003	<i>homicidios</i>	Substantivo	Assassinato
<p>AVERBAÇÃO: “De modo que segundo esta sentença e revelação do mesmo Christo, todos os <u>homicidios</u>, todos os adultérios [...]” [SPDA. 131]</p>			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B004	<i>homicidios</i>	Substantivo	Assassinato
<p>AVERBAÇÃO 1: Bem se vê, como responde tudo isto ao titulo deste capitulo; só huma cousa ha aqui, que a não entendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o <u>homicida</u>, que matou á espingarda, ou ás estocadas hum homem; e que matem Boticarios, e Medicos cada dia milhares delles, sem vermos porisso nunca hum na forca: antes são taõ privilegiados, que depois de vos darem com as costas no adro, e com vosso pay na cova [AF. 174]</p>			

AVERBAÇÃO 2: e a guerra for injusta, todos ficam irregulares, até os seculares, e os que não cometerem homicídio, porque basta, que o corpo do exército o cometesse. [AF. 174]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B005	<i>homicídios</i>	Substantivo	Assassinato

AVERBAÇÃO 1: Diga-o Cómodo Emperador, que todos os crimes de homicídios e insultos desiguais remiu a preço de ouro, vendendo por ele publicamente não só a pena dos delitos, mas os próprios lugares dos julgadores. [CANI. 142]

AVERBAÇÃO 2: A sensualidade com o ouro se cria, pois a força dele corrompe a pudicícia, como os antigos engenhosamente significaram na fábula de Danae, a quem Júpiter enganou convertido em chuva de ouro; dele nasceram os estupros de Cómodo, os incestos de Calígula, as luxúrias de Heliogábalo, os adultérios de Júlio César, pois só a perla com que conquistou a Servília, mãe de Bruto, lhe custou seiscentos sestércios. Por ouro tem a ira feito abomináveis estragos e homicídios [CANI. 144]

4. -cídio

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:

ÉTIMO: de *-cidere*, de *cadere* no sentido de 'cair'

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B006	<i>estilicídio</i>	Substantivo	coriza

AVERBAÇÃO: "O tabaco não é possível tirar-me dele de repente, sem grande dano (assim o dizem os médicos) pelo mau costume de vinte e oito, ou vinte e nove anos, e ser-me remédio do contínuo estilicídio; farei por tirar a demasia: tenho assentado comigo tomá-lo poucas vezes no dia." [CE. 76]

5. -cínio

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -

ÉTIMO: do verbo latino *cano* 'cantar'

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B007	<i>latrocinios</i>	Substantivo	roubo

AVERBAÇÃO 1: "[...] bastava vermos, que ha em V.A. poder, e saber para tudo: e são duas couzas muito essenciaes para emendar latrocinios; o saber para os apanhar, e o poder para os emendar." [AF. 52]

AVERBAÇÃO 2 : “He a guerra hum de tres açoutes, com que Deos castiga peccados neste mundo, já o disse: e porisso traz consigo grandes trabalhos, assim para quem a faz, como para quem a padece; e hum dos mayores he o dos latrocinios, e pilhagens, que de parte a parte, e ainda entre si as partes exercitam [...]” [AF. 153]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B008	<i>latrocinios</i>	Substantivo	roubo

AVERBAÇÃO: “Formou-se entre todos um papel de culpas capitais, conpirações, infidelidades e latrocínios.” [TP. 164]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B009	<i>vaticinios</i>	Substantivo	predição

AVERBAÇÃO: Os vossos discursos são vaticínios ; as vossas proposições são revelações; os vossos dictames são prophecias; os vossos futuros não têm contingência ; o que succede depois é tudo o que dissestes antes; tendes inteligências na secretaria do Espírito Santo [SPDA. 190]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B010	<i>vaticinios</i>	Substantivo	predição

AVERBAÇÃO 1: Não lhe faltaram pelo discurso da vida aquelas fabulosas lisonjas de muitos que, retrocedendo aos vaticínios, chamam as estrelas ao testemunho da sua adulação, fazendo-as cúmplices do engano, que sacrificam sobre as severas aras do interesse do seu ídolo. [TP. 3]

AVERBAÇÃO 2: pois sua avó era filha de D. Fernando Álvares de Toledo, conde de Oropeza, e sua mãe filha do conde de Benavente, que em idade e pessoa também podia preferir-se a qualquer outra princesa com dote igual às mais ricas e às próximas esperanças dos estados paternos. Tendo só um irmão e enfermo, cuja herdeira a consideravam todos os juízos e vaticínios, que se correspondia igualmente nesta eleição a Casa de Oropeza aquela que já fez para entregar sua herdeira a um segundo de Bragança [TP. 3]

6. -cornio

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -

ÉTIMO: do latim *cornus* 'corno, chifre'

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A004	<i>Capricornio</i>	Substantivo	décimo signo do Zodíaco
AVERBAÇÃO: “[...] Planeta de Mercurio ficou no signo da Virgem, Venus no de Libra, Marte no do Escorpião, Jupiter em Sagitario, Saturno em <u>Capricornio</u> & o signo de Aries teve seu posto no mais alto do ceo [...]” [ML. 27]			
7. -cracia			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -			
ÉTIMO: do grego <i>krátos, eos, ous</i> 'força, poder, governo, autoridade'			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B011	<i>aristocracia</i>	Substantivo	'governo dos melhores'
AVERBAÇÃO: “[...] com a <u>aristocracia</u> , a corôa com o diadema [...]” [CJCB. 138]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B012	<i>democracia</i>	Substantivo	Governo do povo
AVERBAÇÃO: “[...] e quantos há que equivocam a <u>democracia</u> com a aristocracia, a corôa com o diadema, e imaginam que a púrpura é obrigada a ser sempre vermelha, tudo por falta de dicionários que poderiam consultar sem pejo e sem custo!” [CJCB.138]			
8. -cultor			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -			
ÉTIMO: do verbo latino <i>colo</i> 'cultivar'			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO

B013	<i>agricultor</i>	Substantivo	lavrador
AVERBAÇÃO: “[...] governando e dispondo igualmente os seus vassallos e as suas plantas, com que êle é tão bom Monarca como <u>agricultor</u> .” [CJCB. 19]			
VARIACÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:			
10. -fero			
VARIACÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:			
ÉTIMO: do latim <i>-fer</i> , raiz de <i>ferre</i> ‘trazer, conter’			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A005	<i>fructiferos</i>	Adjetivo	que produz frutos
AVERBAÇÃO: “[...] & entre Douro & Minho, se achavão veigas tão alegres, com a frescura de agoas mananciaes, & multidão de <u>fructiferos</u> arvoredos [...]” [ML. 234]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A006	<i>mortifero</i>	Adjetivo	que causa morte
AVERBAÇÃO: “[...] na ~qlla mesma hora dara fim a sua vida: por~q nam ha , nã sefabe nenhũ remedio na terra, ~q polla apagar nem deter por algũ espaço o impitu deste <u>mortifero</u> veneno.” [HPSC. 29]			
	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B014	<i>mortifero</i>	Adjetivo	que causa morte
AVERBAÇÃO: Grande poder, duríssimo mandado, que haja de negar o meu entendimento e haver que será seguro e sadio pera mim o que sei que foi veneno, e veneno <u>mortífero</u> [VFBM, 49]			
AVERBAÇÃO: semente do inferno, cujo veneno pera os mal acautelados é <u>mortífero</u> [VFBM, 49]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B015	<i>mortifero</i>	Adjetivo	que causa morte

AVERBAÇÃO: e um veneno mortífero para a vida humana; e se muitos a perderam indo em seus alcances polo centro da terra, e outros, buscando as estranhas em que êle se cria [CANI, 145]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B016	<i>salutífero</i>	Adjetivo	Que traz saúde

AVERBAÇÃO: Direi mais que os portugueses tão alheios ou contrários foram desta observação que sempre manejaram por pessoas da Igreja os negócios da Cúria até que, repreendidos de alguns custosos sucessos, tarde revogaram esta resolução; porque a sangria que no princípio da manhã é salutífera, sucede ser mortal na declinação do dia. [TP. 92]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B017	<i>salutífero</i>	Adjetivo	Saudável

AVERBAÇÃO: O fer ella tam salutifera & liure de infermidades , procede dos ventos ~qgeralmete curfam nella : osquaesfam | Nordeltes & Sues , & algûasvezes Leftes & Lesfueftes . [HPSC. 8]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A008	<i>salutífero</i>	Adjetivo	Que traz saúde

AVERBAÇÃO: Hum certo genero de aruores ha tambem pelo mato dẽtro na capitania de Paranaubuco a que chamam Co pahíbas deq fe tira balsamo muy salutífero & proueitofo em extremo pera infirmidades de muitas maneiras [HPSC. 18]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A009	<i>salutífero</i>	Adjetivo	saudável

AVERBAÇÃO 1: Foi tambem celeberrimo antigamente por causa dos ginetes, que se criavão em seus campos, onde os ares são tão salutiferos & proveitosos, que diz Plinio & outros muitos Auctores, que as egoas sem ajuntamento de macho concebião só do vento. [ML. 96]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
------	----------	--------------------	---------------------

A010	<i>odorifero</i>	Adjetivo	Que exala odor
AVERBAÇÃO 1: muito mais odoriferos & alcança o cheiro a todos os circunstantes . Destes ha muy poucos na terra, & não se acham fenam pelo fertam dentro muito longe. [HPSC. 23]			
AVERBAÇÃO 2: & depois diffo fica tã odorifero como todos sabemos [HPSC. 30]			
11. -ficio			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:			
ÉTIMO: do verbo lat. <i>faciō, is, fēcī, fāctum, ěre</i> 'fazer'			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B018	<i>sacrificio</i>	Substantivo	Oferenda
AVERBAÇÃO 1: não quis tocar nelas, nem que servissem à Rainha, fazendo <u>sacrificio</u> dele e delas in sinu pauperum, no seio dos pobres [VFBM. 72]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A011	<i>sacrificio</i>	Substantivo	Oferenda
AVERBAÇÃO 1: & aos outros levantavão estatuas, & dedicavão <u>sacrificios</u> , dizendo, que não merecia menos honra, quem se disvelava por por engrandecer as cousas de sua Patria: pois só essa era entre os antigos avida por famosa, cujas obras andavão divulgadas em Historia publica. [ML. 4]			
AVERBAÇÃO 2: sayo com sua familia no proprio monte, & a primeira cousa que fez, foy (segundo tem Josepho) aplacar a ira do Senhor com <u>sacrificios</u> [ML. 43]			
AVERBAÇÃO 3: este <u>sacrificio</u> , como diz João Annio, debaixo de hum carrasco [ML. 43]			
AVERBAÇÃO 4: “& lhe offerecessem <u>sacrificios</u> : das quais trata Beroso Chaldeu, em seu livro quinto das Deflorações Caldaicas” [ML. 53]			

AVERBAÇÃO 5: “& nella (como tem Genebrardo) hum templo em que offerecia sacrificios a Deos de pão & vinho” [ML. 64]

AVERBAÇÃO 6: “& alguns povos que governasse, & lhe ensinou (como diz Beroso, de quem he tudo o que vou contando) a cultivar a terra, & o modo de sacrificios” [ML. 72]

AVERBAÇÃO 7: lhe fizerão hum templo, & dedicarão (como diz Beroso) particulares sacrificios; no principio dos quais offereção sempre vinho & farinha, por lembrança de ser elle inventor destas duas cousas tão necessarias á vida humana. [ML. 72]

AVERBAÇÃO 8: & aos dezoito annos do Imperio de Brigo succedeo aquella celebrada historia da immolação, & sacrificio [ML. 96]

AVERBAÇÃO 9: deu volta pera Ethiopia, onde muitos annos depois o tiverão por Deos, & como tal lhe offerecerão sacrificios. [ML. 96]

AVERBAÇÃO 10: Tages, que nesta conjunção reynava em Italia, accrecentou muito o culto & sacrificio de Jano [ML. 96]

AVERBAÇÃO 11: a quem Deos quis dar successivamente o cargo de lhe offerecer sacrificios [ML. 96]

AVERBAÇÃO 12: com que entrou a usurpar a liberdade da terra, foy com ficção & hypocrisia, fingindo novas ceremonias de sacrificios desusadas [ML. 96]

AVERBAÇÃO 13: fez grandes sacrificios, & libações aos Deoses, convidando os mais antigos, & principais da terra pera estas festas, com que os affeiçoou de tal modo [ML. 135]

AVERBAÇÃO 14: goardavão nos lugares ao redor té o seguinte dia, em que lhes era licito visitar o templo, & offerecer sacrificio: & o Bispo de Girona [ML. 135]

AVERBAÇÃO 15: Foy tanto o contentamento da gente Lusytana em se ver com aquellas superstições, & novos ritos de adorar os Idolos, & offercerlhes sacrificios [ML. 135]

AVERBAÇÃO 16: & affogado no mar, o tiverão seus vassallos por huma das Deidades maritimas, offercendolhe como a tal, sacrificios, & dedicandolhe templos. [ML. 151]

AVERBAÇÃO 17: E com grande alegria se tornava a offercer sacrificios a seus Deoses [ML. 151]

AVERBAÇÃO 18: & trato illicito dos Judeos com os Gentios, & dos sacrificios & ritos da Idolatria [ML. 240]

AVERBAÇÃO 19: que acudião com os sacrificios costumados: goardando sempre o antigo costume, que Osiris & Hercules Libyco lhes ensinarão. [ML. 249]

AVERBAÇÃO 20: atribuindolhe a merce de severem em parte, que caya debaixo de sua jurdição, lhe offercerão grandes sacrificios ao modo gentilico: á fama dos quais acudio muita gente [ML. 251]

AVERBAÇÃO 21: eneração com sacrificios, & oblações a seu modo: porque do modo, que em nosso tempo accreenta muito a devação de qualquer Igreja [ML. 253]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B019	<i>sacrificio</i>	Substantivo	Oferenda

AVERBAÇÃO 1: Pode-se aludir neste recato ao que lançou a toalha ou pintou, por mostrar assi a dor do sacrificio de Ifigénie [CFFMM. 15]

AVERBAÇÃO 2: Faça sacrificio a Deus e às gentes de os não referir, que já S. Cipriano "infamava todas as idades quem memorava os maleficios passados": as passadas com a memória e as presentes com o exemplo. [CFFMM. 218]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B020	<i>sacrifício</i>	Substantivo	Oferenda
<p>AVERBAÇÃO 1: “Por isto a razão derrubou os ídolos, que a cegueira idolatrava e arrastou até as estátuas, que a vanglória desvanecia; pois tôdas aquelas ostentações, que foram gala do deleite, converteu já o escarmento em mortaldas do desengano, com que o gôsto se pôs à obediência e a vontade ao <u>sacrifício</u>.” [CE. 3]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 2: “[...] a, minha senhora, encomende-me V. S. muito a Deus, que eu em meus pobres <u>sacrifícios</u> (que por meus nada valem) também, se não como devo, ao menos como posso, peço a Sua Divina Majestade pague a V. S. o muito que me sofre.” [CE. 28]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 3: “A senhora D. N. me recomendo muito em meus pobres <u>sacrifícios</u>; desejo merecer-lhe a memória que tem de mim. Guarde Deus a V. M. e lhe dê tão boas quaresmas, como peço a Sua Divina Majestade.” [CE. 70]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 4: “Uns padecem no corpo, outros no espírito, outros em tudo; dita e felicidade de alma é que em cada tormento saibamos dispôr e fazer um <u>sacrifício</u>, porque nestes, quando o gosto morre, tanto o merecimento vive e à perfeição se chega.” [CE. 82]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 5: “[...] ofereça-lhe os seus fastios, tontices, raivas interiores e as mais penas, que servem de sacrificio a quem sabe fazer delas merecimento [...]”[CE. 94]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 6: “Nosso Senhor foi muito amigo de sal; não queria o sacrificio sem êle.” [CE. 106]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 7: “Os companheiros se recomendam a V. Paternidade, e desejam merecer em seus <u>sacrifícios</u> a V. Paternidade a memória que dêles tem [...]”[CE. 115]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 8: “[...] se as minhas orações tiveram eficácia, já tiveram aparecido os meus agradecimentos. V. R. converta em açúcar do Céu as suas amarguras, faça dos trabalhos <u>sacrifício</u>, da cruz vontade, da paciência uso, da caridade gôsto [...]”[CE. 132]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 9: “Eu, tal qual sou, em meus pobres <u>sacrifícios</u>, encomendo e peço a Sua Divina Majestade que guarde a V. S. e lhe tôdas as felicidades de espírito [...]” [CE. 145]</p>			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B021	<i>sacrifício</i>	Substantivo	Oferenda

AVERBAÇÃO 1: Êle e eu não cessamos de encomendar a Deus em nossos sacrifícios os bons sucessos de V. Ex.a , que, se fôrem como eu os desejo, não os queira V. Ex.a melhores [CAV. 163]

AVERBAÇÃO 2: e nós, os religiosos desta missão de V. M. , não cessaremos de assim o pedir continuamente a Deus, oferecendo por esta tenção e pela vida e felicidade de V. M. todos os nossos sacrifícios [CAV. 461]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B022	<i>sacrifício</i>	Substantivo	Oferenda

AVERBAÇÃO : seja parte do sacrifício a repartição das vestiduras; leve embora a túnica aquele a quem cabe em sorte; e faça-se tudo diante de vossos olhos, antes que os fecheis. [HF. 141]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B023	<i>sacrifício</i>	Substantivo	Oferenda

AVERBAÇÃO 1: Porque o seu sacrifício agradou mais a Deus do que o de Caïn [SPDA. 156]

AVERBAÇÃO 2: Isaac e Abrahão eram mais antigos que Jacob: e a promessa do Messias foi feita a Abrahão, quando acabava de embainhar a espada d'aquella grande façanha do sacrifício de Isaac [SPDA. 181]

AVERBAÇÃO 3: As entranhas dos sacrificados eram as que consultavam os antigos: primeiro faziam o sacrifício , então consultavam as entranhas [SPDA. 195]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A012	<i>artificio</i>	Substantivo	engenho

AVERBAÇÃO: Por que quem negará, que na pureza de sua língua, na arte da composição, naquella estylo tam comico, no decoro das pessoas, na inuenção, na grauidade, na graça, no artificio, nõ possa triunfar de todos? [TAF. 2-4]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B024	<i>artificio</i>	Substantivo	engenho

AVERBAÇÃO: Vespora de Reys presentou Antonio pessoa Campo ao Principe, que Deos guarde, hum cavallo feito por elle cõ tal artificio [GMG. 26]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B025	<i>artificio</i>	Substantivo	engenho

AVERBAÇÃO 1: estima pela invenção e pelo artificio, e não pelo preço; a pompa, riqueza e galhardia dos cabos mostra bem que vão às batalhas como a bodas, e que se vestem mais para triunfar que para vencer. [HF. 112]

AVERBAÇÃO 2: Que templo, que capela, que altar, que santuário, que neste mesmo tempo se não renovasse, desfazendo-se e arruinando-se (com lástima) obras antigas e de grande arte e preço, só para se lavrarem outras de novo, mais ricas, mais preciosas e de mais polido artificio? [HF. 112]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A013	<i>artificio</i>	Substantivo	engenho

AVERBAÇÃO: É mar dos engenhos e dos engenhosos; é peço, e rio, e fonte; é ceo de todos artifícios e boas artes [PA. 2]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B026	<i>artificio</i>	Substantivo	Obra de arte

AVERBAÇÃO: na oferta que levou a Delfos (era a oferta um bordão de pau mal lavrado e tosco, mas de tal artificio que encerrava e cobria outro, de ouro puríssimo, dentro de si) [VFBM. 68]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A014	<i>artificio</i>	Substantivo	objeto

AVERBAÇÃO: E em dezassete dias que aly mais estiuerão, cometerão a tranqueyra com tantas inuenço~es & artifícios de guerra [Pe. XXVII]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A015	<i>artificio</i>	Substantivo	Isqueiro

AVERBAÇÃO: acometeo por cinco vezes à escalla vista com trezentas escadas, ajuntando a isto muytas inuensões de artifícios de fogo [Pe. XXXII]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B027	<i>artificio</i>	Substantivo	Isqueiro

AVERBAÇÃO: Para 13 dêste mês está decretada a exposição ou exaltação da estátua de Luiz XIV, para cujo dia se aparelha um grande fogo de artificio [CJCB. 95]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B028	<i>artificio</i>	Substantivo	Isqueiro

AVERBAÇÃO: Os que puderão fubir por estas montarão aci-ma, mas muitos forão lançados a baixo; os das cur-tas concorrião alli, & tambem muitos dos que ha-uião de atirar de mão pofta, incitados de coragem, deixarão o feu lugar; tudo nelles era emulação a fubir, & nos defenfores a derribar, & lançar artifícios de fogo [MP. Np]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A016	<i>artificio</i>	Substantivo	Recurso

AVERBAÇÃO: enchendo com suas agoas as cavas das cidades, & fortalezas do Egypto, pera com este artificio se fazerem mais inexpugnáveis [ML. 167]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B029	<i>artificio</i>	Substantivo	Recurso

AVERBAÇÃO: Por isto, contra a enfermidade, aflição e adversidades se usam milhares de artifícios, defensivos e remédios. [CE. 139]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B030	<i>artificio</i>	Substantivo	recursos

AVERBAÇÃO: que fechado a sete chaves se resguarda com mil artifícios, desencova com outros mayores o thesouro, com que se melhora de fortuna [AF. 60]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A017	<i>artificio</i>	Substantivo	capacidade de criar
AVERBAÇÃO 1: nem outra fermofura de vocabulos de ~qos eloquentes oradores costumão vfar , pera com <u>artificio</u> de palauras engrandecerem fuas obras [HPSC. 5]			
AVERBAÇÃO 2: criadas da natureza, fenam feitas per <u>artificio</u> de industria humana. [HPSC. 17]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B031	<i>artificio</i>	Substantivo	Arte
AVERBAÇÃO: Não se espante V. M. de que viva de <u>artifícios</u> um pobre casado com mulher matrona, que governa toda a casa, até o marido. [CFMM. 129]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B032	<i>artificio</i>	Substantivo	Fingimento
AVERBAÇÃO 1: e he por <u>artificio</u> taõ soberba, que não pára, até não sobrepujar a quem lhe deu o alento; nem descança, até não destruir a seus bemfeitores, roubando-lhes a substancia, e arruinando-lhes o ser em satisfação do leve serviço, que lhes faz do ornato de suas folhas [AF. 97]			
AVERBAÇÃO 2: Até aqui ingraticidãõ! E tais são homens humildes por natureza, soberbos por <u>artificio</u> , que recebendo de seus senhores o ser, e beneficios sem conto, escassamente lhe fazem hum leve serviço mais de folhagem, que de substancia [AF. 97]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B033	<i>artificio</i>	Substantivo	armadilha
AVERBAÇÃO 1: Porém os portugueses soberbos na inteira obstinação do seu propósito interpretaram facilmente o temor e o <u>artificio</u> . [TP. 55]			
AVERBAÇÃO 2: O conde-duque se fundava nele, qual se entre as flores de vistosa eloquência talvez se não dissimulasse o veneno do <u>artificio</u> . [TP. 59]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO

B034	<i>artifício</i>	Substantivo	Astúcia
AVERBAÇÃO 1: D. João, com algum <u>artifício</u> os ouvia, qualificando o queixume com o zelo e amor da Pátria [TP. 74]			
AVERBAÇÃO 2: Fosse sorte ou <u>artifício</u> , Luís Pereira ficou em Lisboa e Tristão de Mendonça, por Inglaterra, em companhia do Almada, passou à corte do Alteza a tempo que os Estados estavam resolutos a enviar embaixador a El-Rei de Portugal [TP. 94]			
AVERBAÇÃO 3: Foram sem <u>artifício</u> nomeados para procuradores de Lisboa, como é antigo uso dos portugueses, D. Antão de Almada pelo círculo da nobreza [TP. 155]			
AVERBAÇÃO 4: Quem observasse a variedade das seguintes acções a este discurso a julgaria de profundo <u>artifício</u> [TP. 168]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B035	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção
AVERBAÇÃO 1: “E pera começarem logo, a passo igual, lição e <u>edifício</u> , consignou-lhes em suas rendas duzentos mil reis em cada um ano [...]” [VFBM. 97]			
AVERBAÇÃO 2: “Oferecia de mais ~ua porção que tiraria de suas rendas e serviria pera enquanto durassem as obras do <u>edifício</u> .” [VFBM. 119]			
AVERBAÇÃO 3: “Neste <u>edifício</u> entendia o Padre Fr. Jerónimo Borges, no espiritual entendiam seus companheiros, com muito exemplo e consolação da terra.” [VFBM. 123]			
AVERBAÇÃO 4: “[...] sendo dantes apaulado e de muitas águas, enxugou com o <u>edifício</u> quanto bastou pera ficar sadio e ficarem fontes e poços pera comodidade.” [VFBM. 129]			
AVERBAÇÃO 5: “Há muitos <u>edifícios</u> nobres, se bem são de arquitectura ordinária.” [VFBM. 132]			
AVERBAÇÃO 6: “No <u>edifício</u> tem grandeza, e, nos ofícios divinos, grande solenidade e concurso de todos os estados de gente, grande devação e bom espírito.” [VFBM. 132]			
AVERBAÇÃO 7: “É lugar de bom <u>edifício</u> , bem assentado e bastecido de todo género de mantimentos e, no seu tamanho, nenhum dos grandes de Alemanha se lhe aventaja na comodidade de casas nobres e de bom aposento.” [VFBM. 157]			
AVERBAÇÃO 8: “O <u>edifício</u> , não custoso, mas bem entendido em toda a repartição e disposição de dormitórios, claustros, oficinas e casas delicadas pera os exercícios em que se ocupavam. A parte principal de bom governo de portas a dentro é não haver hora de ociosidade.” [VFBM. 157]			

AVERBAÇÃO 9: “O outro conto se reparta desta maneira: quatrocentos mil réis pera o edifício do Colégio e trezentos mil pera Viana[...].” [VFBM. 177]

AVERBAÇÃO 10: “[...] e Vossa Reverência faça iguais nas mais esmolas pera seus edifícios.” [VFBM. 179]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B036	edifícios	Substantivo	Construção

AVERBAÇÃO 1: Excelência, e os mais Príncipes seus irmãos habitaram; cujos caídos muros e edifícios, desamparados paços e incultos jardins [CANI. 1]

AVERBAÇÃO 2: porém a isto não dão lugar os livros de cavalarias com êsses excessos e outros encantamentos, fazendo casas e tórres de cristal, edifícios, lagos e colunas impossíveis [CANI. 15]

AVERBAÇÃO 3: A coluna que sustentava êste edifício era um pescoço de cristal jaspeado de umas veias roxas e azuis muito delgadas, que me representaram naquela hora a côr do Céu sereno [CANI. 102]

AVERBAÇÃO 4: A coluna que sustentava êste edifício era um pescoço de cristal jaspeado de umas veias roxas e azuis muito delgadas, que me representaram naquela hora a côr do Céu sereno [CANI. 102]

AVERBAÇÃO 5: a beleza dos edifícios, a fortaleza dos exércitos, a bizarria dos trajos, a galantaria das côrtes; com êle se alcançam nelas as honras [CANI. 152]

AVERBAÇÃO 6: os nomes de um edifício bem fabricado e de uma fortaleza bem guarnecida [CANI. 188]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A018	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção

AVERBAÇÃO 1: se deu a fazer edifícios, entre os quais foy aquella famosa cidade Ninive [ML. 64]

AVERBAÇÃO 2: E tanto a engrandeceo com edifícios, que delle (como quer Beroso) se chamarão em espanha as fortalezas & cidades Brigas [ML. 72]

AVERBAÇÃO 3: Porque tanto louvor merece quem orna huma Republica com virtudes, como aquelle que com edifícios & moradores a funda & estabelece. [ML. 72]

AVERBAÇÃO 4: mettidos nas mores tribulações, que antes tiverão, crescendo cada hora mais o trabalho dos edifícios [ML. 217]

AVERBAÇÃO 5: & grandes edificios della fundados por Semiramis [ML. 224]

AVERBAÇÃO 6: quem derão grande lustre com novos edificios, cercandoo de fortes muros, & pondoo em concerto [ML. 252]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A019	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção

AVERBAÇÃO 1: cada vez se vão fazendo mais cultosas & de melhores edificios: porque em principio nam auia outras naterra se nam de taipa & térreas [HPSC. 15]

AVERBAÇÃO 2: muitos edificios & templos muy sumptuosos [HPSC. 15]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A020	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção

AVERBAÇÃO 1: A architectura também é empresa da pintura e proprio seu ornamento pola proporção e correspondencias das partes dos edificios e dos seus membros [PA. 43]

AVERBAÇÃO 2: a obra nos edificios que fazer quer, para que os taes officiaes hajão de acabar sobre o seu desenho e sobre o que elle der por conselho e juizo e traça [PA. 43]

AVERBAÇÃO 3: como se costuma em muitas fabricas de Italia, que o edifício, que começa logo perto da terra, fazem de obra rustica e bastarda e de columnas toscanas ornada, que são as mais robustas; [PA. 43]

AVERBAÇÃO 4: e depois do primeiro sobrado para cima mudam outra ordem e põe a obra dorica ou jonica, que é mais delicada, mostrando que quanto mais o edifício se alevanta ao ceo [PA. 43]

AVERBAÇÃO 5: É bem verdade que não temos outras policias dos edificios, nem de pinturas como cá tendes, mas todavia já se começam e vão pouco perdendo a superfluidade barbara, que os Godos e Mauritanos semearam por as Spanhas. [PA. np]

AVERBAÇÃO 6: A pintura nos mostra os trajos peregrinos ou antigos, a variedade das gentes e nações stranhas, dos edificios, das alimarias e monstros, que em scripto seriam proluxos de ouvir [PA. np]

AVERBAÇÃO 7: produzir cá novas formas e feçuras, como no edeficar e ocupar os espaços com pintados edificios e casas, como no cultivar os campos e lavrar em pinturas e riscos a terra [PA. np]

AVERBAÇÃO 8: Assi em todos os seus pintados edificios e fabricas, como em todas as obras de ouro ou metaes, como em todos os seus vasos e ornamentos [PA. np]

AVERBAÇÃO 9: Parece-vos que cheiraes o fumo, que fugis da flama, que temeis as ruinas dos <u>edifícios</u> ; estaes para dar a mão aos que caem [PA. np]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B037	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção
AVERBAÇÃO 1: alívio, que me mandava com suas cartas; porque, sem dúvida, agora que até eu me vou faltando a mi mesmo, agora necessita de mais fortes arrimos êste <u>edifício</u> [CFFMM. 5]			
AVERBAÇÃO 2: da bondade dos bons e dos prudentes, para com seus conselhos e razões apontoar êste fraco <u>edifício</u> de fracas e velhas taipas, que se está vindo [CFFMM. 62]			
AVERBAÇÃO 3: sendo o que sente por tudo e acarreta as achegas para aquele tôrpe <u>edifício</u> da desesperação. [CFFMM. 74]			
AVERBAÇÃO 4: E certo que pelo alicerce não se pode ter em pouca conta o <u>edifício</u> . [CFFMM. 188]			
AVERBAÇÃO 5: Podem os de V. M. ser coroa dêste literário <u>edifício</u> , que se levanta contra a mortalidade; e de todos eles o presente ser coroa. [CFFMM. 238]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B038	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção
AVERBAÇÃO: e como as corruptelas se não emendam e as relaxações escandalizam, os sujeitos que puderam entrar para ser colunas dêste <u>edifício</u> se afastam para outros. [CE. 115]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B039	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção
AVERBAÇÃO: andar sempre buscando matéria os que podem servir para êstes <u>edifícios</u> do seu entendimento. [CJCB. 15]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B040	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção
AVERBAÇÃO 1: Quem determina se levantar um soberbo <u>edifício</u> , antes o edifica em seu campo próprio, posto que estéril, que no alheio, suposto que abundante. [TP. 16]			

AVERBAÇÃO 2: Foi argumento a este fim aquele costume de lançar sobre ouro a primeira pedra do <u>edifício</u> . [TP. 29]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B041	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção
AVERBAÇÃO 1: Quando o arquitecto quer fabricar de novo sobre o <u>edifício</u> velho e arruinado, também começa derrubando, desfazendo, arrasando e arrancando até os fundamentos [HF. 79]			
AVERBAÇÃO 2: e depois, sobre novo alicerce, levanta nova traça e novo <u>edifício</u> . [HF. 79]			
AVERBAÇÃO 3: nunca tamanhos salários, nunca tamanhos dotes, nunca tamanhos soldos, nunca tamanhas mercês, nunca tantas fábricas, nunca tantos e tão magníficos <u>edifícios</u> , nunca tantas, tão reais e tão sumptuosas festas. [HF. 112]			
AVERBAÇÃO 4: e particularmente determinado à história dos Ninivitas, todos os outros, mais ou menos, concorreram para a fábrica deste novo <u>edifício</u> . [HF. 144]			
AVERBAÇÃO 5: e esta será a própria matéria de todo este livro, a que por isso chamamos Antepimeiro, e é como alicerce de todo o <u>edifício</u> . [HF. 149]			
AVERBAÇÃO 6: Mui bem medimos a nossa estatura e conhecemos quão pequena, quão desigual, quão inferior é, comparada com aqueles cedros do Líbano e com aquelas torres altíssimas, que tanto ornato, grandeza e majestade acrescentaram ao <u>edifício</u> da Igreja [HF. 156]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B042	<i>edifício</i>	Substantivo	Construção
AVERBAÇÃO: todos seus cuidados não-de ser banquetes, festas, bodas, fabricas e <u>edifícios</u> , como se os alicerces da terra estivessem muito seguro [SPDA. 88]			
12. -fice			
VARIÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -			
ÉTIMO: do verbo latino <i>facio, is, fēci, factum, facere</i>			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B043	<i>Pontifice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa

AVERBAÇÃO 1: O Padre João de Matos, Reitor que foy da compa-nhia em Evora, agora assistente da mesma Companhia em Roma escreveu que o summo Pontifice esperava cõ grande alvoroço pello Bispo Embaixador de Portugal [GMG. 5]

AVERBAÇÃO 2: O Bispo de Lamego, que foy por Embaixador ao Summo Pontifice, dizem que ficava junto a Marcelha, para dalli passar a Roma. [GMG. 7]

AVERBAÇÃO 3: E O Bispo de Lamego, que foi por Embaixador ao S~umo Pontifice, está ja em Roma, e foi recebido cõ grandissimo aplauso. [GMG. 19]

AVERBAÇÃO 4: e Senhor da Igreja, mais que o Summo Pontifice Romano. [GMG. 23]

AVERBAÇÃO 5: Neste lugar o Governador (como estava jã prevenido por ord~e do Sumo Pontifice pera o receber) lhe pedio [GMG. 45]

AVERBAÇÃO 6: O S~umo Pontifice tem levantado trinta mil hom~es, e o Principe de Parma está já com hum poderoso exercito [GMG. 44]

AVERBAÇÃO 7: Criou o S~umo Põtifice 12. Cardeais [GMG. 47]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B044	<i>Pontífice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa

AVERBAÇÃO 1: por isso o Sumo Pontífice, que a regia, consintia que os cardeais e príncipes dela possuíssem muitos contos de renda [VFBM. 111]

AVERBAÇÃO 2: Não deixou o Santo Pontífice passar tão boa ocasião e despachou suas bulas a todos os príncipes e prelados da Cristandade pera que os príncipes por seus embaxadores [VFBM. 142]

AVERBAÇÃO 3: Não custava pouco ao Arcebispo ver estas calamidades. Recreou-se seu espírito na vista de Avinhão, cidade limpa e sã de semelhante peste, como terra que é do Sumo Pontífice. [VFBM. 154]

AVERBAÇÃO 4: por mais diligências que o Sumo Pontífice com todo fervor fazia que, a parecer de todos, se julgava que passariam muitos meses primeiro que tevesse princípio [VFBM. 161]

AVERBAÇÃO 5: Tinham os Sumos Pontífices com santo zelo acudido em Roma a este mal e usado de vários meios, que todos venciam o número grande de volumes e a danada curiosidade de seus autores. [VFBM. 174]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B045	<i>Pontífice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa

AVERBAÇÃO 1: lançado de braços grande espaço à mesa do Sumo Pontífice com uma cadeia de ferro ao pescoço [CANI. 84]

AVERBAÇÃO 2: Embaixador dos Venezianos ao Papa Nicolau terceiro, que jãmais foi ouvido, nem pôde alcançar entrada do Sumo Pontífice [CANI. 87]

AVERBAÇÃO 3: e pola indústria e sagacidade que mostrava, o elegeram em companhia de outros para ir com uma embaixada a Roma ao Sumo Pontífice [CANI. 137]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A021	<i>Pontificia</i>	Substantivo	Autoridade religiosa

AVERBAÇÃO: GOVERNAVA neste tempo o Summo Sacerdocio em Judea o Pontífice Phines [ML. 254]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A022	<i>Pontífice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa

AVERBAÇÃO 1: e finalmente pela muita honra que lhe faz a Madre Igreja, com os santos pontífices, cardeaes e grandes principes e prelados. [PA. np]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B046	<i>Pontífice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa

AVERBAÇÃO 1 e eu não acabarei nunca de suspirar a memória de Pontífice Pio Quinto, havendo lido em sua vida [CFFMM. 102]

AVERBAÇÃO 2: Outro não tal homem como êste santo Pontífice assentara a razão da bondade em o próprio fundamento donde Pio Quinto assentou a razão da dúvida [CFFMM. 102]

AVERBAÇÃO 3: intermissão se seguissem os sagrados Pontífices Romanos, que são hoje no mundo os verdadeiros catedráticos de leis celestiais e verdadeiras [CFFMM. 224]

AVERBAÇÃO 4: Dos quais Pontífices deduzindo-se o poder aos bispos, prelados e sacerdotes da Igreja, é bem claro que a nenhum outro magistrado da República [CFFMM. 224]

AVERBAÇÃO 5: no mesmo tempo de Moisés corria já a cura das leis por conta do Pontífice; porque (segundo ele) já então tinha a República Hebraea duas Cúrias, donde se determinavam os negócios da lei. [CFFMM. 224]

AVERBAÇÃO 6: Das quais a inferior consultava à superior; cujo Pontífice consultava a Deus a dúvida do povo [CFFMM. 224]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B047	<i>Pontífice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa

AVERBAÇÃO: Êste | [20]é o caso em que o Pontífice, pelo comum interêsse da Críandade, fará eficazmente seus ofícios, e, constituindo-se árbitro das pretensões de cada um, fará ceder as armas aos discursos, e dever-se-á a vitória menos às forças que à razão [CJCB. 46]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B048	<i>Pontífice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa

AVERBAÇÃO 1: O Embaixador de Castella auia declarado a S. Mag. Christianíssima da parte de seu Rey, ã elle fe não entermeterà nos negocios cõ o Sũmo Pontífice [MP, np]

AVERBAÇÃO 2: Porẽ como França entende que tudo ifto he fimulado, parte com receos, & parte cõ enganõs, tirando sẽpre Castella a fins muito prejudiciaes, fe achãõ o Pontífice, & elRey de França jultamẽte [MP, np]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B049	<i>Pontifice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa
AVERBAÇÃO 1: Hum ferrador vizinho do Cardeal Paloto desapareceu de Roma; e indo depois o Cardeal a Napoles com certa diligencia do Summo <u>Pontifice</u> [AF. 74]			
AVERBAÇÃO 2: e em Portugal o declaraõ as Bullas dos Summos <u>Pontifices</u> de sua fundação [AF. 132]			
AVERBAÇÃO 3: e as licenças, que só os Summos <u>Pontifices</u> pôdem tirar: mas como a pertençaõ principal era nulla, não ha que espantar, de que os meyos para ella fossem nulidades [AF. 146]			
AVERBAÇÃO 4: mas muitas vezes não convêm interpor o Summo <u>Pontifice</u> sua autoridade [AF. 174]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B050	<i>Pontifice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa
AVERBAÇÃO 1: logo que o <u>Pontífice</u> se declarasse em favor do Reino. [TP. 97]			
AVERBAÇÃO 2: Viram-se diferentes efeitos porque nem o <u>Pontífice</u> se mostrou tão queixoso dos castelhanos [TP. 99]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B051	<i>Pontifice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa
AVERBAÇÃO 1: É o que Deus não fia dos <u>Pontifices</u> , o que não fia dos Concilios , o que não fia de toda a Igreja [SPDA. 160]			
AVERBAÇÃO 2: Assim o entenderam sempre Padres, <u>Pontifices</u> , e interpretes [SPDA. 166]			

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B052	<i>Pontífice</i>	Substantivo	Autoridade religiosa
AVERBAÇÃO 1: Por ventura em toda a sua vida quando Pedro ouvia dizer que em Jérsalem residia o Summo <u>Pontífice</u> STDA. 212]			
AVERBAÇÃO 2: que sobre a grande proporção que tem a arte e officio de pescador com o de <u>pontífice</u> : sobre a prudencia de governar o leme, e sustentar e levar segura a barca STDA. 213]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B053	<i>artífice</i>	Substantivo	artesão
AVERBAÇÃO: “[...] o faz e fez sempre o Supremo Criador e <u>Artífice</u> do mundo [...]” [HF. 79]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B054	<i>artífice</i>	Substantivo	artesão
AVERBAÇÃO: chamam os <u>artífices</u> ouro bruto, quanto com mais razão merece êste nome o que o avarento tem escondido e fechado. [CANI. 136]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A023	<i>artífice</i>	Substantivo	artesão
AVERBAÇÃO: & compassada architectura do Universo na mente do supremo <u>Artífice</u> , em que as cousas tiverão ab eterno ser eminente [ML. 27]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A024	<i>artífice</i>	Substantivo	artesão
AVERBAÇÃO: inda que era grande zombador de todos os <u>artífices</u> e ingeniosos [PA. np]			

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B055	<i>artífice</i>	Substantivo	artesão
AVERBAÇÃO: O nosso Deus é grande <u>artífice</u> de salvar almas [CFFMM. 167]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A025	<i>artífice</i>	Substantivo	Escritor
AVERBAÇÃO: Aquelle <u>Artifice</u> , que escreveo a Iliada de Homero com tanta miudeza, que a recolheo em huma noz [AF. 65]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B056	<i>artífice</i>	Substantivo	Artesão
AVERBAÇÃO 1: como a cera que é mais disposta que o aço para receber as formas que lhe aplicam, correspondendo felizmente aos desígnios do <u>artífice</u> [TP. 7]			
AVERBAÇÃO 2: o qual não desagradado do mais proporcionado, respondia por sua intervenção tão formalmente que os interessados conheceram bem o acerto da sua eleição por ser constante entre os <u>artífices</u> que os metais soberanos [TP. 76]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B057	<i>artífice</i>	Substantivo	Artesão
AVERBAÇÃO 1: uma volta ou passeio inteiro, em que se visse e lograsse a consonancia e symetria de sua admiravel architectura; sendo certo que toda foi creada para louvor e gloria do supremo <u>Artifice</u> [SPDA. 64]			
AVERBAÇÃO 2: E Dedalo , aquelle famoso <u>artifice</u> que, preso em uma torre, inventou e formou as azas com que fugiu d'ella voando, vendo que Perdiz, seu discipulo inventara o compasso e da imitação de uma espinha a serra, temendo que o havia de exceder no talento, o despenhou primeiro da mesma torre. [SPDA. 138]			
13. -fico			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -			
ÉTIMO: do v.lat. facio, is, fēci, factum, facēre			

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B058	<i>pacífico</i>	Adjetivo	que tem paz
AVERBAÇÃO 1: “[...] ficarão com êles mui devassados todos os mares e portos do Sul, de que sempre fomos absolutos e <u>pacíficos</u> senhores.” [CAV. 136]			
AVERBAÇÃO 2: “Contudo, Senhor, é tanta a força da verdade e da razão, que o partido de Cristo se tem já muito melhorado, e todos os moradores estão quietos e <u>pacíficos</u> [...]”[CAV. 466]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A026	<i>pacífico</i>	Adjetivo	que tem paz
AVERBAÇÃO 1: A bom tempo vens, o negócio está <u>pacífico</u> , tu te devias ir que nós abastamos. [TAF. 1-144]			
AVERBAÇÃO 2: Ha dias que ando desejofo de achar com quẽ peleje, he grãde enfadamento fer hũ homem tam <u>pacífico</u> . [TAF. 2-51]			
AVERBAÇÃO 3: Calidonio, como sêpre foy manfo, <u>pacífico</u> , de pouco trafego, alí julga agora o filho. [TAF. 2-93]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B059	<i>pacífico</i>	Adjetivo	que tem paz
AVERBAÇÃO: Os Templos se guardam; os Deuses se servem; o Senado está <u>Pacífico</u> [CANI. 65]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A027	<i>pacífico</i>	Adjetivo	que tem paz
AVERBAÇÃO 1: que os Aborigenes tiverão em si, ficando com isto <u>pacíficos</u> , & amigos com os Espanhois, [ML. 199]			

AVERBAÇÃO 2: porque Dardano vendo tudo pacífico, matou á treição (segundo aponta Floriano) o irmão mais velho, & fugindo aos montes [ML. 211]

AVERBAÇÃO 3: mas convertendo o amor dos Reys passados na liberdade presente, se exercitavão no pacífico exercicio de suas criações [ML. 234]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A028	<i>pacífico</i>	Adjetivo	que tem paz

AVERBAÇÃO 1: Assi que elles nas estatuas e feguras pacíficas e quietas [PA. 24]

AVERBAÇÃO 2: Mas ao Principio e ao Padre derão a imagem e antiguidade de um quietissimo e fermoso velho. Ao Filho e Verbo a imagem de um benignissimo e pacífico Salvador [PA. 29]

AVERBAÇÃO 3: Uma só fegura ou statua de um colosso ou de um rey a cavallo empresa é de um bem pago pintor, e assi mesmo alguma statua de bronzo, armada ou pacífica, fundida ou vazada, ou de prata, ou de ouro.[PA. 42]

AVERBAÇÃO 4: se dão empresas aos pintores com que os fazem ricos e abastados, quanto mais razão nos reinos obidientissimos e pacíficos [PA. np]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B060	<i>pacífico</i>	Adjetivo	que tem paz

AVERBAÇÃO 1: Para o campo de Compienie se aparelham tôdas as personagens de ambos os sexos com que esta pacífica guerra terá mais de brilhante que de medonha. [CJCB. 22]

AVERBAÇÃO 2: No correio seguinte espero que esta nova me venha com melhor semblante e que V. M. esteja de pacífica posse de um bem que só no céu se talha por um vínculo que na terra se não rompe. [CJCB. 41]

AVERBAÇÃO 3: e nestes sentimentos pacíficos o põe Madame de Maintenon. [CJCB. 114]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
------	----------	--------------------	---------------------

B061	<i>pacífico</i>	Adjetivo	que tem paz
AVERBAÇÃO 1: Theodosio, no qual se ajuntaraõ ambas as razoens, que se cõmunicaraõ a seu neto ElRey D. Joaõ IV. o qual fundado nellas tomou posse <u>pacifica</u> do Reyno [AF. 145]			
AVERBAÇÃO 2: Pedir esmola com potencia, e pedir soccorro nas estradas publicas com carapuça de rebuço e armas á destra, he querella levar por força, e com unhas <u>pacificas</u> [AF. 162]			
AVERBAÇÃO 3: Outro houve taõ <u>pacífico</u> , que fazia exhibir aos passageiros o dinheiro, que levavaõ: e logo lhes perguntava, para onde hiaõ? [AF. 162]			
AVERBAÇÃO 4: Taõ <u>pacificas</u> com isto tinha este ladraõ as unhas. [AF. 162]			
AVERBAÇÃO 5: Por mais <u>pacificas</u> tenho as unhas dos que passeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras; podemo-los comparar com as rameiras. [AF. 162]			
AVERBAÇÃO 6: e por esta arte taõ quieta, e <u>pacifica</u> , sem se abalar de sua casa, veyo a medrar mais, que os que levaõ grossos cabedais ao Brasil [AF. 163]			
AVERBAÇÃO 7: Neste passo me pergunta o curioso leitor: aonde estaõ aqui as unhas <u>pacificas</u> ? [AF. 164]			
AVERBAÇÃO 8: E em chegando a este auge, logrará prospero seu Ceptro em paz, livre dos damnos, e unhas, que chamamos <u>pacificas</u> . [AF. 168]			
AVERBAÇÃO 9: injuria de não aceitar o contrato <u>pacífico</u> ; e poderá pedir, e tomar o que parecer necessário [AF. 177]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B062	<i>pacífico</i>	Adjetivo	que tem paz
AVERBAÇÃO 1: Foi teatro de militares e <u>pacificas</u> maravilhas. [TP. 53]			
AVERBAÇÃO 2: Em Inglaterra, uma paz <u>pacífica</u> , firme e perpétua. [TP. 96]			

AVERBAÇÃO 3: O fogo de intestina discórdia que abrasava as outras nações de antigos e pacíficos reinados, mais propriamente podia prender nas vontades e humores de um novo senhorio [TP. 105]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B063	<i>pacífico</i>	Adjetivo	que tem paz

AVERBAÇÃO 1: O mesmo que se vê na política das campanhas, se admira na pacífica das cidades. [HF. 112]

14. -fixo

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -

ÉTIMO:

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B064	<i>crucifixo</i>	Substantivo	Objeto com imagem de Cristo

AVERBAÇÃO 1: “[...] sobre ela um devoto crucifixo, a quem tal mesa ficava servindo mais de Calvário que de altar.” [VFBM.57]

AVERBAÇÃO 2: “[...] “e pondo os olhos em um Crucifixo, ser tanto o ímpeto do espírito que, sem se poder reprimir, por mais força que fazia, arrebetava em suspiros, em gemidos e exclamações, que se ouviam longe, acompanhando-as com rios de lágrimas.” [VFBM.137]

AVERBAÇÃO 3: Aqui teve o Domingo de Ramos e assistiu ao ofício e viu alg~uas memórias antigas do glorioso S. Vicente Ferrer, santo da mesma ordem; e visitou o devoto Crucifixo [VFBM.149]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B065	<i>crucifixo</i>	Substantivo	Objeto com imagem de Cristo

AVERBAÇÃO 1: Senhor fizera o crucifixo da Sé o milagre, que a todos he notorio: disse que podia a caso a imagem do Senhor despregar o braço; e assim como acabou de dizer estas palavras cahio huma parede junto da qual estauão todos os da cõversação, e sò a elle matou. [GMG. 1]

AVERBAÇÃO 2: Foi nella o Illustrissimo Senhor Dom Rodrigo da Cunha Arcebispo Metropolitano, com h~ua reliquia do santo Lenho, e diante aquelle sagrado Crucifixo, que (para dar animo aos zelosos da patria) despregou hum braço á porta do glorioso Padre S. Antonio. [GMG. 2]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B066	<i>crucifixo</i>	Substantivo	Objeto com imagem de Cristo

AVERBAÇÃO: Armas do Preste João da Índia: um crucifixo negro com dous azorragues em campo de ouro. Deixo outros muitos, como os bastões de Aragão, as cadeias [CANI. 46]

16. -glífico

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -

ÉTIMO: do verbo grego *glúphō* ‘esculpir, cinzelar, gravar, entalhar’

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B067	Hieroglífico	Substantivo	Ideograma

AVERBAÇÃO 1: “[...] e se houvesse hieroglífico com que se podessem pintar, haviam de ser todos com azas, não só correndo e fugindo, mas voando e desaparecendo.” [SPDA. 112]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B068	Hieroglífico	Substantivo	Ideograma

AVERBAÇÃO 1: E eu vi também um hieroglífico da fermosura, que declara engenhosamente êste pensamento: a figura do qual era uma mulher com a cabeça metida entre as nuvens, o corpo despido [CANI. 108]

AVERBAÇÃO 2: vejamos em que se parecem e os poderes em que os antigos igualaram o amor e a cobiça, que de ambos deixaram hieroglíficos e figuras.[CANI. 124]

AVERBAÇÃO 3: e o símbolo e hieroglífico da preguiça foi o cágado, por o vagar e pêsso com que se move [CANI. 145]

AVERBAÇÃO 4: e assim pintaram alguns o hieroglífico da retórica com h~ua mão aberta, outra, cerrada. [CANI. 158]

AVERBAÇÃO 5: o sal conserva os corpos sem corrupção e os sustenta inteiros sem deixar apartar os membros da sua compostura, por as quais propriedades o fizeram os antigos símbolo da amizade (como diz Piério Valeriano nos seus hieroglíficos)~ [CANI. 187]

17. -grafia

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -graphia

ÉTIMO: do gr. *graphê, ês* 'escrita, escrito, convenção, documento, descrição'+ o suf. formador de subst. abstratos -ia

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A029	<i>ichnografia</i>	Substantivo	planta que mostra a projeção horizontal das paredes de um edifício

AVERBAÇÃO: “E inda que para o deminuir e recursados e contornos das feçuras seja a prespectiva mui forçada, todavia é o mais para a verdade dos chãos, e razão dos pavimentos e areas ou plantas dos edeficios chamada ichnografia. E assi para a fronte, ou forma [...]” [PA. 39]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A030	<i>orthographia</i>	Substantivo	desenho de uma fortificação, objeto ou edifício

AVERBAÇÃO: “E assi para a fronte, ou forma da face chamada orthographia que inda que não deminui a vista, tambem deminui no ser [...]”|| ortografia [PA. 39]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B069	<i>cosmografia</i>	Substantivo	'descrição do mundo, do universo'

AVERBAÇÃO: “A primeira ocasião que os Padres tiveram para não poderem entender em seu tempo o sentido literal e histórico daqueles textos proféticos, era a falta que então havia no Mundo da verdadeira e exacta cosmografia [...]” [HF. 196]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B070	<i>geografia</i>	Substantivo	Território

AVERBAÇÃO 1: “Tão pouco se proporcionava a geografia dos títulos com a medida dos Impérios!” [HF. 64]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B071	<i>geografia</i>	Substantivo	descrição das terras

AVERBAÇÃO 1: “É excelente exemplo o das outras ciências e artes, ainda naturais, as quais em seus princípios e rudimentos foram imperfeitas, e com os anos, experiência e exercício se vêm hoje subidas a tão eminente perfeição, como a náutica, a bélica, a música, a arquitectura, a geografia [...]” [HF. 184]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A031	<i>sciographia</i>	Substantivo	desenho que representa o corte longitudinal de um edifício

AVERBAÇÃO: “[...] igoal e proporcionadamente com a parte inferior e sobretudo mais para a sciographia: para o recursado das ilhargas dos edefícios que a nós vem, ou que de nós fogem [...]” [PA. 39]

18. -*grapho*

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -

ÉTIMO: deriv. do gr. -graph(o)-, de *gráphein* “escrever, descrever, desenhar”

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B072	<i>Geographos</i>	Substantivo	Indivíduo especializado em descrever terras

AVERBAÇÃO 1: “[...] que deixasse de ficar em huma parte della muy celebrada entre os Auctores, que descrevem Provincia, prin- principalmente dos geographos, que na divisão de Espanha nomeão sempre a Provincia Betica por cousa principalissima, a qual, segundo apontão os Auctores, he a que hoje chamamos Andaluzia [...]” [HF. 64]

AVERBAÇÃO 2: “Reyno de Valença, acceitarão por Senhor hum Capitão prudentissimo, chamado Testa, de nação Africano, como sente Garivay, & Florião do Campo, atribuindolhe entre outras cousas a fundação de certa cidade, chamada Contesta, de quem se diz que tiverão nome os povos chamados dos Geographos Contestanos.” [HF. 184]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A032	<i>Cosmographos</i>	Substantivo	Indivíduo especializado em descrever o universo

AVERBAÇÃO: “[...] Tinha o Reyno de França elRey Luco, de quem sente João Annio, que tiverão nome em França huns povos chamados Lucenses, de quem os Cosmographos fazem muita conta na descripção daquella provincia. [...]” [ML. 64]

19. -lábio

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:-

ÉTIMO: do grego *astrolábos* ou *astrolábion*

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B073	<i>astrolábio</i>	Substantivo	Instrumento para determinar altura dos astros

AVERBAÇÃO: “[...] como foi, na náutica, o astrolábio, a agulha e o admirável segredo da pedra de cevar [...]” [AF 184]

20. -lego

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -

ÉTIMO: do latim *lego, is, lēgi, lectum, legēre*

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
------	----------	--------------------	---------------------

B074	<i>Sacrilego</i>	Substantivo	Que pratica um sacrilégio
AVERBAÇÃO: “[...] e que ponha todo o seu cuidado em cuidar na imensa bondade e misericórdia de Deus, no muito que sofre a pecadores amancebados, blasfemos, <u>sacrilegos</u> , ladrões e mal acostumados, e a bondade com que lhe espera penitência [...]” [CE. 176]			
21. -legio			
VARIACÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:			
ÉTIMO: do latim <i>lego, is, lēgi, lectum, legēre</i>			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B075	<i>Sortilegio</i>	Substantivo	magia
AVERBAÇÃO: “A este fim excogitaram tantos género de <u>sortilégios</u> , como se na contingência da sorte se houvesse de achar a certeza [...]” [HF. 48]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A033	<i>Sacrilegio</i>	Substantivo	Roubo de coisa sagrada
AVERBAÇÃO 1: Pera o que he de saber, que os antigos (como largamente conta Strabo em sua Geographia) tinham por hum <u>sacrilegio</u> grandissimo ousar alguém ver o Sol [ML. 151]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B076	<i>Sacrilegio</i>	Substantivo	Roubo de coisa sagrada
AVERBAÇÃO 2: Só isto fez Baltasar nos instantes que lhe restaram de vida; e premiado assim o profeta, cumpriu-se a profecia e foi morto o rei, digno, só por esta acção (se não foram as suas culpas <u>sacrilégios</u>), de quem Deus lhe perdoara a vida.[HF. 55]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B077	<i>Sacrilegio</i>	Substantivo	Roubo de coisa sagrada
AVERBAÇÃO 3: todos os furtos, todos os <u>sacrilegios</u> e mais peccados que os vassallos commettem na vida e reinado de um rei, e as ovelhas e subditos na vida e governo de um prelado [SPDA. 131]			

AVERBAÇÃO 3: Naamão buscava a saúde, e a sua confiança foi julgada por hostilidade; Aman pedia perdão, e seu arrependimento foi julgado por sacrilégio [SPDA. 160]

22. -logia

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:

ÉTIMO: do gr. *-logía* composto de *-logo* + suf. *-ia*

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A034	<i>astrologia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto de estudo os astros

AVERBAÇÃO 1: “[...] cousas que não digo lhe convem esta disciplina; e assi mesmo mais se erguendo do chão deve de entender não pouca parte de astrologia e dos movimentos e circulos da sphaera celestrial [...]” [PA. 8]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A035	<i>astrologia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto de estudo os astros

AVERBAÇÃO 2: “Daqui naceo hum temor tão nos homens, que receando verse hum dia em semelhante perigo, & acabar com a vida de todos a sciencia & modo de invocar a Deos que então se usava, escreverão, como diz Josepho, em grandes columnas de pedra, as regras de Mathematica, Astrologia [...]” [ML. 27]

AVERBAÇÃO 3: “Outro se faz por consideração dos planetas, advirtindo as conjunções de seus cursos & qualidades, & lançando dellas juizos ao que pretendem saber, o que he particular dos Astrologos, & se chama Astrologia.” [ML. 96]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B078	<i>astrologia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto de estudo os astros

AVERBAÇÃO 4: “[...] nomes dos principais instrumentos com que se exercitam as artes mais nobres, como a pintura, escultura, architectura, aritmética, astrologia e música [...]” [CANI.188]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B079	<i>astrologia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto de estudo os astros

AVERBAÇÃO 5: “Na astrologia e judiciária é tão inteligente que compôs o prognóstico dêste ano, com notável disposição, estilo e propriedade.” [CAV. 83]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B080	<i>astrologia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto de estudo os astros

AVERBAÇÃO 6: “Deixo a astrologia judiciária, tão celebrada no nascimento dos príncipes, em que os genetlacos, sobre o fundamento de uma só hora ou instante da vida [...]” [HF. 48]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B081	<i>astrologia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto de estudo os astros

AVERBAÇÃO 7: “[...] Floresceu a philosophia, floresceu a mathematica , floresceu a theologia, floresceu a astrologia, floresceu a medicina, floresceu a musica , floresceu a oratoria, floresceu a poetica , floresceu a historia , floresceu a architectura, floresceu a pintura, floresceu a estatuaria [...]” [SPDA. 102]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B082	Chronologia	Substantivo	Data

AVERBAÇÃO 1: “[...] E constando, segundo a mais verdadeira e exacta chronologia, que o mysterio da Encarnação do Verbo, em que Deus se manifestou aos homens, foi quatro mil annos depois da criação, segue-se que do anno do nascimento de Christo a outros quatro mil, ha-de ser o fim do mundo.” [SPDA. 66]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B083	cronologia	Substantivo	Data

AVERBAÇÃO 2: “Estes setenta annos, como consta da exacta cronologia que se pode ver largamente provada em Perério e nos comentadores das profecias de Daniel, se acabaram de cumprir no primeiro anno do Império de Dario.” [HF. 164]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B084	cronologia	Substantivo	Ciência que tem como objeto de estudo o tempo
<p>AVERBAÇÃO 3: “É excelente exemplo o das outras ciências e artes, ainda naturais, as quais em seus princípios e rudimentos foram imperfeitas, e com os anos, experiência e exercício se vêem hoje subidas a tão eminente perfeição, como a náutica, a bélica, a música, a arquitectura, a geografia, a hidrografia e todas as outras matemáticas e, muito em particular, a <u>cronologia</u>, de que neste mesmo capítulo falaremos.” [HF. 185]</p>			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A034	<i>etymologia</i>	Substantivo	Étimo
<p>AVERBAÇÃO: “O que dá bem a entender a <u>etymologia</u> de seu nome, que se compoem destas tres dições, Iub, el, eda, que significão, Astrologo, de maravilhosa, deleitação: a qual interpretação approvão S. Hieronymo, dizendo, que Iobel quer dizer Magico, ou sapiente de Deos: & eda, gosto & deleitação suprema [...]” [ML. 72]</p>			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B085	Etimologia	Substantivo	Étimo
<p>AVERBAÇÃO 1: Digo que recado é nome que entre nós tem a <u>etimologia</u> e significação muito duvidosa, polo modo em que usamos dêle: porque, se houvéramos de derivar êste nome do verbo italiano recare, que é trazer [CANI. 79]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 2: venho a presumir que a fingiram com o rosto de mulher e as penas de ave como a harpia, que na <u>etimologia</u> própria do seu nome manifesta o roubo e condição do cobiçoso: e assim como a harpia dana e descompõe todos os manjares a que chega [CANI. 133]</p>			
<p>AVERBAÇÃO 3: Falar vulgarmente (respondeu Leonardo) é qual os melhores falem e todos entendam: sem vocábulos estrangeiros, nem esquisitos, nem inovados, nem antigos e desusados, senão comuns e correntes, sem respeitar origens, derivações, nem <u>etimologias</u>; que a linguagem mais pende do uso que da razão e por isso se chama língua materna, porque nas mulheres [CANI. 175]</p>			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO

B086	Etimologia	Substantivo	Étimo
AVERBAÇÃO: lícito ~ua nova <u>etimologia</u> , que, se bem se adverte, não parecerá nova. [CFFM. 239]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B087	<i>genealogia</i>	Substantivo	Linhagem
AVERBAÇÃO 1: Assim parece que o quis ensinar o Santo Espírito sôbre a <u>genealogia</u> de Nosso Senhor: deixou equivocação ou contrariedade aparente entre os Evangelistas, em que tanto têm trabalhado os opositores. [CJCB. 126]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B088	<i>genealogia</i>	Substantivo	Linhagem
AVERBAÇÃO 2: E o engano esteve no successor de Metilde, que foy Roberto seu sobrinho filho de sua irmã Alis. E este he o Roberto, de quem França queria tomar a nossa <u>genealogia</u> [AF. 120]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B089	<i>Teologia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus
AVERBAÇÃO 1: Era o prior Fr. Jorze Vogado, mestre em <u>Teologia</u> , que anos fora confessor e pregador d'el-Rei D. Manuel, docto e experimentado prelado. [VFBM, 18]			
AVERBAÇÃO 2: Foi logo prosseguindo na <u>Teologia</u> Escolástica e Moral. [VFBM, 22]			
AVERBAÇÃO 3: porque das poucas horas que tinha pera os livros de <u>Teologia</u> tomava parte pera os de devação, ~uas vezes empregando-as com o devotíssimo Bernardo, outras com S. Boaventura, Taulero e Gerson [VFBM, 23]			
AVERBAÇÃO 4: onde achava com que cevar sua alma de pasto celestial destoutra <u>Teologia</u> que, por mais alta e mais soberana [VFBM, 23]			
AVERBAÇÃO 5: tem o nome de Mística, <u>Teologia</u> que não consiste em muito especular, senão em muito amar. [VFBM, 23]			

AVERBAÇÃO 6: Quando começava a estudar a sagrada Teologia sucedeu celebrar-se capítulo provincial em Guimarães, no ano de mil e quinhentos e trinta e dois. [VFBM, 25]

AVERBAÇÃO 7: teve Fr. Bertolameu conclusões de Teologia. [VFBM, 25]

AVERBAÇÃO 8: foi chamado a Lisboa pelo Provincial Fr. Jerónimo de Padilha e de novo foi por ele mandado à Batalha, de conselho dos padres da Província, por leitor de Teologia. [VFBM, 27]

AVERBAÇÃO 9: Assi, achamos que foi leitor de Artes e Teologia mais de vinte anos contínuos, sem levantar mão. [VFBM, 27]

AVERBAÇÃO 10: e de vossa observância e devação e zelo pera defenderdes a santa Fé católica, vos fazemos e criamos Doutor e Mestre em Santa Teologia [VFBM, 28]

AVERBAÇÃO 11: Desejava fazer letrado ao senhor D. António, seu filho (que depois foi Prior do Crato) e pediu nomeadamente a Fr. Bertolameu pera lhe ler Teologia. [VFBM, 29]

AVERBAÇÃO 12: Assi, começou a ler terceiro curso, depois de leitor de Teologia, e Mestre nela, e prior, e com idade crecida, e sobre a obrigação que todavia lhe durava com o filho do Infante [VFBM, 33]

AVERBAÇÃO 13: e, juntamente, haver todos os dias ~ua lição de Teologia Moral, que os religiosos iriam ler na mesma igreja [VFBM, 123]

AVERBAÇÃO 14: que, quando menos, eram julgados por Mestres em Teologia que caminhavam pera o santo Concílio, como cada dia iam passando outros [VFBM, 150]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B090	<i>Teologia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus

AVERBAÇÃO: Assi o douto padre e consumado teólogo Sebastião do Couto, na Lógica do Curso P. Pedro da Fonseca, varão insigne em Teologia e Filosofia [CFFMM. 228]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A035	<i>theolesia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus

AVERBAÇÃO 1: “Compre mais de obrigação ao pintor ter partes de theolesia para saber fundar e contemplar a verdade de suas altas imaginações nas obras [...]” [PA. 8]

AVERBAÇÃO 2: “[...] e tener necessidade que eu saiba todas estas sciencias para bem pintar, respondo que eu me contento com entender para a profissão e arte magnifica da pintura aquella theolesia e giometria e architectura e letras muitas ou poucas que n'este livro eu de meu engenho e natural estudo screvi [...]” [PA. 8]

AVERBAÇÃO 3: “E para este lugar queria eu a môr parte da theolesia ao grande pintor.” [PA. 28]

AVERBAÇÃO 4: “E isto digo pola theolesia, geometria, musica, symetria, filosomia, prespectiva, architectura, e outras mais sciencias que ao pintor desejo e encomendo, e que pedem um homem todo e um livro cada uma.” [PA. 39]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A036	<i>theolesia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus

AVERBAÇÃO 1: “[...] & Géral dignissimo de nossa Congregação ao estudo de Philosophia, & Theologia sagrada, cuja licão pede hum animo desoccupado de todas as cousas de materias diferentes.” [ML. 4]

AVERBAÇÃO 2: “Nem eu lhe nego esta divida, pois em sua Academia alcancei a humanidade & Theologia, que sey, & nella escrevi tambem o mais desta Monarchia.” [ML. 72]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B091	<i>theolesia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus

AVERBAÇÃO 1: “[...] que merece o nobre titulo de ciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demonstra, e alcança, o que exercita: exemplo sejaõ a Sagrada Theologia, a Philosophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras, que nascem destas, as quaes são verdadeiras ciências [...]” [AF. 60]

AVERBAÇÃO 2: “[...] elo primeiro principio he a Theologia mais nobre que todas; porque tem a Deos por objecto.” [AF. 65]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B092	<i>theolesia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus

AVERBAÇÃO 1: “Esta era a teologia famosa dos Caldeus; este o grande mistério dos Egípijs; esta, em Roma, a religião dos áugures; esta, em Judeia a seita dos Pitões e Aríolos; esta, em Pérsia, a ciência e profissão dos magos; esta enfim, do Céu até o Inferno [...]” [HF. 49]

AVERBAÇÃO 2: Esta foi a teologia com que os dois príncipes dos poetas no incêndio e destruição de Tróia introduziram ao Deus Neptuno, batendo com o tridente os muros que ele mesmo tinha fundado. [HF. 134]

AVERBAÇÃO 3: “Assim como a filosofia, de princípios naturais evidentemente conhecidos tira conclusões certas, evidentes e científicas, assim a teologia, de princípios sobrenaturais não evidentes [...]” [HF. 145]

AVERBAÇÃO 4: “[...] de um Ambrósio e de um Agostinho, penetrou tão altamente o espírito interior da Teologia Mística e Ascética que, por aplauso comum do Concílio oitavo toletano, foi preferido a todos os Doutores na doutrina ética e moral, com aquele famoso elogio: In ethicis assertionibus pene cunctis merito praeferendus.” [HF. 173]

AVERBAÇÃO 5: “[...] porque não só alumiu a Divina Providência pouco depois o Mundo todo com aquelas duas tochas claríssimas e santíssimas de teologia - São Tomás e São Boaventura - mas antes e depois deles [...]” [HF. 174]

AVERBAÇÃO 6: “Tal é a sabedoria da Igreja, entrando sempre nela as puríssimas correntes da doutrina de tantos Doutores católicos e sapientíssimos, que cada dia a aumentam com novos e tão excelentes escritos em uma e outra teologia [...]” [HF. 191]

AVERBAÇÃO 7: “[...] orei aqui as palavras de dois maiores Doutores, um de teologia escolástica e outro da positiva - Santo Agostinho e São Jerónimo.” [HF. 194]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B093	<i>theolesia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus

AVERBAÇÃO: “[...] segundo ensina a Teologia, basta-me seguir o dictame da recta razão e consciência, que se conforma com o preceito, e tudo vai perdido, se eu contra êste obro.” [CE. 96]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B094	<i>theolesia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus

AVERBAÇÃO: Não sei que teologias são as da nossa [CAV. 239]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B095	<i>theolesia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus
AVERBAÇÃO: “A <u>teologia</u> tira argumentos para persuadir a dignidade de Deus pela idéia que êsse e outros actos nos dão do outro mundo.” [CJCB. 56]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B096	<i>theolesia</i>	Substantivo	Ciência que tem como objeto Deus
AVERBAÇÃO: & dos Lentes de Prima, & Vespêra de <u>Theologia</u> , & Canones das Vniuerfidades de Coimbra [MP, np]			
23. -lógico			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B097	<i>cronológica</i>	Adjetivo	Relativo à cronologia
AVERBAÇÃO: “[...] Depois desta introdução, começa com a ordem <u>cronológica</u> a descrever o nascimento do reino [...]” [CJCB. 10]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B098	<i>cronológica</i>	Adjetivo	Que pratica a cronologia
AVERBAÇÃO: “[...] Ali, onde chega o presente e começa o futuro, era até agora o Cabo de Não; não havia historiador que dali passasse um ponto com a narração dos sucessos da sua história; não havia <u>cronológico</u> que de ali adiantasse um momento a conta de seus anos e dias [...]” [HF. 159]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B099	<i>genealógicos</i>	Substantivo	Que pratica a genealogia
AVERBAÇÃO: “[...] nunca me fei em fama e certidão de <u>genealógicos</u> ; a matéria é suspeitosa e sempre incerta.” [CJCB. 126]			
24. -logos			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:-			

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A037	<i>astrologos</i>	Substantivo	Que pratica a astrologia
AVERBAÇÃO: “Outro se faz por consideração dos planetas, advirtindo as conjunções de seus cursos & qualidades, & lançando dellas juizos ao que pretendem saber, o que he particular dos <u>Astrologos</u> , & se chama Astrologia.” [ML. 96]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B100	<i>Theologo</i>	Substantivo	Que pratica a teologia
AVERBAÇÃO 1: “Todos os Philosophos, e Doutores <u>Theologos</u> defendem, que merece o nobre titulo de ciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demonstra, e alcança [...]” [AF.55]			
AVERBAÇÃO 2: “Nem se achará Doutor <u>Theologo</u> , que approve o uso de Castella, e que não diga que he injustiça, indigna até de Turcos [...]” [AF.55]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B101	<i>Theologo</i>	Substantivo	Que pratica a teologia
AVERBAÇÃO: Assi o douto padre e consumado <u>teólogo</u> Sebastião do Couto, na Lógica do Curso P. Pedro da Fonseca, varão insigne em Teologia e Filosofia [CFFMM. 228]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B102	<i>Theologo</i>	Substantivo	Que pratica a teologia
AVERBAÇÃO: “O cardeal Cuzano, grande philosopho e <u>theologo</u> , em um tratado particular que compoz d'esta materia , ainda estreita muito mais este prazo.” [SPDA. 66]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B103	<i>Theologo</i>	Substantivo	Que pratica a teologia
AVERBAÇÃO 1: o que se assentou àcêrca dos índios do Maranhão foi com consulta da junta de <u>teólogos</u> , canonistas e legistas, em que se acharam os três lentes de prima [CAV. 466]			
AVERBAÇÃO 2: Entendo que foi dedicado a Pio V; é juntamente <u>teólogo</u> e jurista, e de língua mais antiga que moderna. [CAV. 320]			

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B104	<i>Theologo</i>	Substantivo	Que pratica a teologia
AVERBAÇÃO 1: Assim o notou, além de muitos outros <u>teólogos</u> , o mesmo Canísio [HF. 187]			
AVERBAÇÃO 2: são as condições que propriamente se requerem para a verdadeira, rigorosa e provada profecia, como é sentença comuna dos <u>teólogos</u> e se provará larga e demonstrativamente em seu lugar. [HF. 127]			
25. -lóquios			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:-			
ÉTIMO: do verbo latino <i>loquo, is, ěre/loquor, ěris, locūtus</i>			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B105	<i>solilóquios</i>	Substantivo	Falar sozinho
AVERBAÇÃO: “E como vemos que não quer Deus soltar-nos tão depressa do cárcere dêste corpo, viremos a padecer solidão, isto é, andar fugindo da gente e comunicação, buscar lugares tristes e solitários, <u>solilóquios</u> interiores com Cristo.” [CE. 136]			
26. -mancia			
VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -			
ÉTIMO: do grego <i>-manteía</i> 'adivinhação por meio de algo designado pelo precedente'			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B106	<i>aeromancia</i>	Substantivo	Adivinhação pelo ar
AVERBAÇÃO: “[...] a <u>aeromancia</u> pelas do ar [...]” [HF. 48]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B107	<i>hidromancia</i>	Substantivo	Adivinhação pela água

AVERBAÇÃO: “[...] assentaram quatro artes de adivinhar os futuros, que tomaram nomes dos seus próprios sujeitos: a geomancia, que ensina a advinhar pelas coisas da terra; a hidromancia, pelas da água [...]” [HF. 48]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A038	<i>Nigromancia</i>	Substantivo	Advinhação pelos mortos

AVERBAÇÃO: “E destes modos de agouros huns erão, como aponta Santo Thomaz, por expressa invocação de demonios, que chamão Nigromancia: outros erão por consideração, disposição, ou movimento de alguma cousa, & se chamava agouro: os terceiros erão sortes, que se lançavão pera saber cousas occultas: & cada hum destes tres generos, tinha varias especies de adivinhar seus | no- || nomes particulares, que deixo, por não ser cousa importante á historia.” [ML. 96]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B108	<i>piromancia</i>	Substantivo	Advinhação pelo fogo

AVERBAÇÃO: “Sobre os quatro elementos assentaram quatro artes de adivinhar os futuros, que tomaram nomes dos seus próprios sujeitos: a geomancia, que ensina a advinhar pelas coisas da terra; a hidromancia, pelas da água; a aeromancia pelas do ar, e a piromancia, pelas do fogo.” [HF. 48]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A039	<i>Chiromancia</i>	Substantivo	Advinhação pelas mãos

AVERBAÇÃO: “[...] ha de adivinhar, menos damnosos & perjudiciaes, que os apontados; mas todavia illicitos, como he a chiromancia, que se faz pelas linhas & riscos da mão [...]” [ML. 96]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B109	<i>quiromancia</i>	Substantivo	Advinhação pelas mãos

AVERBAÇÃO: “No mesmo homem descobriram os homens dois livros sempre abertos e patentes, em que lessem ou soletrassem esta ciência. A fisiognomia, nas feições do rosto; a quiromancia nas raias da mão.” [HF. 48]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B110	<i>geomancia</i>	Substantivo	Advinhação pela terra

AVERBAÇÃO: assentaram quatro artes de adivinhar os futuros, que tomaram nomes dos seus próprios sujeitos: a geomancia, que ensina a adivinhar pelas coisas da terra [HF. 48]

27. -mante

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:

ÉTIMO: do grego *mántis, eōs* 'adivinho, profeta, profetisa'

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B111	quiromantes	Substantivo	Que adivinha pelas mãos

AVERBAÇÃO: “Em um mapa tão pequeno, plano e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram quiromantes não só linhas e caracteres distintos, senão montes levantados e divididos, e ali descrita a ordem e sucessão da vida e casos dela, os anos, as doenças, os perigos, casamentos, as guerras, as dignidades e todos os outros futuros prósperos ou adversos: arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos.” [HF. 48]

28. -metria

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:

ÉTIMO: do grego *metro* 'medida'

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A040	geometria	Substantivo	Estudo das grandezas

AVERBAÇÃO 1: “E isto digo pola theolesia, geometria, musica, symetria, filosomia, prespectiva, architectura, e outras mais sciencias que ao pintor desejo e encomendo, e que pedem um homem todo e um livro cada uma.” [PA. 39]

AVERBAÇÃO 2: “[...] e tener necessidade que eu saiba todas estas sciencias para bem pintar, respondo que eu me contento com entender para a profissão e arte magnifica da pintura aquella theolesia e giometria e architectura e letras muitas ou poucas que n'este livro eu de meu engenho e natural estudo screvi [...]” [PA. 8]

29. -métrico

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -

ÉTIMO: Conexo com *-metria*, formador com o suf. *-ico*

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A041	<i>Geometricos</i>	Adjetivo	Relativo à geometria

AVERBAÇÃO: Agustinho approvando o parecer de Celso Epicureo, dizem, que os covados erão Geometricos, cada hum dos quais tem nove dos nossos, que farião huma machina de excessiva grandeza, & bem o mostra Raby Salomõ, & o Abenezra [...] [ML. 43]

30. -nomia

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -

ÉTIMO: do gr. *nómos*, ou 'o que cabe por partição, opinião geral, o que é de lei e de direito'

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B112	economia	Substantivo	Controle de bens

AVERBAÇÃO 1: “Enviados, suas instruções, com outras muitas observações por onde se define e de que se compõe uma exacta e perfeita economia.” [CJCB. 61]

AVERBAÇÃO 2: “Peço a V. Rev.ma para, da minha parte, segure a Sua Majestade que tenho regulado a minha casa com tal economia que, sem faltar aos decoros do carácter, possa viver sem moléstia de credores, e espero em Deus que o hei-de conseguir [...]” [CJCB. 91]

AVERBAÇÃO 3: “Destas nações universais se formaram em tanta cópia os ilustres professores que, com suas admirações e produções, sustentam a economia da paz e da guerra.” [CJCB. 137]

31.-nomia

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:-			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B113	<i>fisionomia</i>	Substantivo	Feição
AVERBAÇÃO 11: “[...] foi recebido e tratado com respeito devido a pessoa de importância, só por sua <u>fisionomia</u> e representação.” [VFBM.151]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A042	<i>filosomia</i>	Substantivo	Arte de conhecer pela feição
AVERBAÇÃO 1: “Mas tornando a suas obrigações, no conhecimento da filosomia ou fisiognomica [...]” [PA. 8]			
AVERBAÇÃO 2: “Tornemos a cubrir um pouco os tristes ossos nossos até que os vamos ornando e vestindo e pondo em sua honra e cubramol-os de superficie e pelle, e cubertos já d'ella veremos que é grandissimamente necessario ao pintor a inteligencia da physiognomonica, ou <u>filosomia</u> [...]” [PA. 19]			
AVERBAÇÃO 3: “[...] nos não ponha as feições e <u>filosomia</u> d'um intemperado e grosseiro, o qual santo, o grave pintor sem pedra na mão e sem lião, ha de fazer de maneira que aquele pareça São Geronimo, e não outrem.” [PA. 19]			
AVERBAÇÃO 4: “Compre-lhe finalmente entender de <u>filosomia</u> para dar a cada pessoa sua propria feçura e propriedade e condição e officio, e não a que sua não é, para que vendo a sua obra só por esta parte, lha possaes louvar e contemplar, e não zombar d'ella, como ás vezes estaes para fazer.” [PA. 19]			
AVERBAÇÃO 5: “[...] irei um pouco de como se podem acomodar na <u>filosomia</u> das feçuras, segundo screve Pomponio Gaurico.” [PA. 19]			
AVERBAÇÃO 6: “E este pouco baste por agora da <u>filosomia</u> , de que os outros podem saber muito mais e ensinal-o. [PA. 19]			
AVERBAÇÃO 7: E diz-se que Apelles pintava com tanto cuidado, que nos retratos e naturaes das pessoas, que elle tirava, conhecião aquelles metoscopos que adivinhavão por a <u>filosomia</u> e sinais, que enfermidades e mortes, ou vida terião.” [PA. 19]			
AVERBAÇÃO 8: “Os rostos todos serão defferentes nas feições e <u>filosomias</u> como faz a natureza [...]”[PA. 26]			

AVERBAÇÃO 9: “[...] o tenho mizclado e enxerido, assi no historear como nas proporções, como nas filosomias e em tudo o mais.” [PA. 38]

AVERBAÇÃO 10: “E isto digo pola theolesia, geometria, musica, symetria, filosomia, prespectiva, arquitectura, e outras mais sciencias que ao pintor desejo e encomendo, e que pedem um homem todo e um livro cada uma.” [PA. 39]

AVERBAÇÃO 11: “[...] uns com vultos conturbados e os outros mais constantes e quedos, diferentes nos vestidos, diferentes nos aspeitos e filosomias e nas idades [...]” [PA, np]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B114	<i>Fisiognomia</i>	Substantivo	Arte de conhecer pela feição

AVERBAÇÃO 12: “A fisiognomia, nas feições do rosto; a quiromancia nas raias da mão.” [HF. 58]

32. -nomica

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A043	<i>fisiognomica</i>	Substantivo	Arte de conhecer pela feição

AVERBAÇÃO: “Mas tornando a suas obrigações, no conhecimento da filosomia ou fisiognomica, é necessario que elle tenha muito conhecimento para saber a propriedade dos vultos, cores, e feições que a cada imagem ou fegura pertencem; como inda mais adiante declararei.” [PA. 8]

33.-poli

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A044	<i>metropoli</i>	Substantivo	Cidade principal

AVERBAÇÃO 1: “[...] el Rey estaua de caminho para o Achem, & não entendia em outra cousa, senão no que conuinha para este effeito, passados noue dias depois que cheguey a esta cidade de Panaajû, metropoli deste reyno Bata [...]” [Pe. 26]

AVERBAÇÃO 2: “[...] o qual saõ sogeitos, & pagaõ pareas cada anno catorze Reys pequenos, os quais por costume antigo eraõ obrigados a irem pessoalmente todos os annos à cidade Odiã metropoli deste imperio Sornau [...]” [Pe. 65]

34. -scopos

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES:

ÉTIMO: derivado do grego *Skop-*, de *Skopeiō* ‘observar, olhar com atenção, mirar’

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A045	<i>metoscopos</i>	Substantivo	Advinho

AVERBAÇÃO: “E diz-se que Apelles pintava com tanto cuidado, que nos retratos e naturaes das pessoas, que elle tirava, conheciã aquelles metoscopos que adevinhavão por a filosomia e sinais, que enfermidades e mortes, ou vida terião.” [PA. 19]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B115	<i>horoscopos</i>	Substantivo	Posição dos planetas

AVERBAÇÃO: “[...] porque de tal Arvore não podia nascer menor ramo, e em nascendo mostrou logo V.A. o que havia de ser; e hum Mathematico insigne mo disse olhando, por lho eu pedir, para os horoscopos do Ceo [...]” [AF. 52]

35. -sofo

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: -sopho~lofos~sofo

ÉTIMO: do grego *sophós*, *é, ón* no sentido de 'sábio, instruído'

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A046	<i>filofofos</i>	Substantivo	Que a ama a sabedoria

AVERBAÇÃO 1: “Sẽpre ãres ã os homens tragã hũ rofto, como diziam os filofofos infenfueys?” [TAF. 2]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A047	<i>Philosopho</i>	Substantivo	Que a ama a sabedoria

AVERBAÇÃO 1: “[...] pois, como diz o Philosopho, assi como as riquezas são justo premio do trabalho do corpo, assi o bem commum o fica sendo dos trabalhos do animo. Valete.” [ML. 4]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B116	<i>Philosopho</i>	Substantivo	Que a ama a sabedoria

AVERBAÇÃO 1: “E se perguntarmos ao Philosopho a razão destas desigualdades, dirá, que são efeitos, e monstruosidades da natureza, que obra conforme as compleiçoens, e qualidades dos sujeitos [...]” [AF. 55]

AVERBAÇÃO 2: “Todos os Philosophos, e Doutores Theologos defendem, que merece o nobre titulo de ciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demonstra, e alcança, o que exercita: exemplo sejaõ a Sagrada Theologia, a Philosophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras [...]” [AF. 55]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B117	<i>filósofo</i>	Substantivo	Que a ama a sabedoria

AVERBAÇÃO 1: “Bem se queixou aquele filósofo quando deixou escrito fora ditoso o mundo se os fados que o governam tivessem tanta conta com seu regimento como com seu castigo.” [TP. 24]

AVERBAÇÃO 2: “Algum filósofo suspeitou que como os homens não podem igualar aos príncipes nos dotes da fortuna, não sofrem que os príncipes os possam exceder nos da natureza.” [TP. 41]

AVERBAÇÃO 3: “E, como afirmam os filósofos, no centro, nenhum elemento é grave. A monarquia de Espanha cuja pintura começou a urdir Fernando, para tecer Carlos seu neto, para que a vestisse o segundo Filipe, já não chegou inteira ao terceiro e veio rota ao quarto.” [TP. 49]

AVERBAÇÃO 4: “Estendeu-se não só aos antigos vassalos, mas se deduziu a filhos e netos cujo engano compreendia homens virtuosos e sábios. Muitos destes filósofos [...]” [TP. 62]

AVERBAÇÃO 5: “[...] enquanto os filósofos não respondem, tenho opinião que o segredo em poucos a essa causa forceja contra os curtos termos que o compreendem, como faz o rio apertado dos montes próximos e robustos [...]” [TP. 79]

AVERBAÇÃO 6: “Esta regra de contemporizar com o serviço de dois senhores não tem achado até agora, nem a prudência dos filósofos nem a indústria dos políticos, nem há para que esperar o ser achado depois de haver negado, que a haja, não menos que a verdade divina.” [TP. 88]

AVERBAÇÃO 7: “A obra parecia imensa e mais imenso o dispêndio. Muitos a este fim correram os lugares das histórias e ditos impertinentes dos filósofos.” [TP. 127]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B118	<i>Philosopho</i>	Substantivo	Que a ama a sabedoria

AVERBAÇÃO 1: “O cardeal Cuzano, grande philosopho e theologo , em um tratado particular que compoz d'esta materia , ainda estreita muito mais este prazo.” [SPDA. 66]

AVERBAÇÃO 2: “Lêde os Philosophos, lêde os Prophetas, lêde os Apostolos , lêde os Santos Padres e vereis como todos empregaram a penna [...]” [SPDA. 102]

AVERBAÇÃO 3: “Dito foi do grande philosopho Heraclito , allegado e celebrado por Socrates : [: Non posse quemquam bis in eumdem fluvium descendere:] que nenhum homem podia entrar duas vezes em um rio; e porque?” [SPDA. 118]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B119	<i>Philosopho</i>	Substantivo	Que a ama a sabedoria

AVERBAÇÃO 1: “Nenhuma coisa houve mais assentada na antiguidade, que ser inhabitavel a zona torrida; e as razões com que os philosophos o provavam, eram ao parecer tão evidentes, que ninguem havia que o negasse.” [STDA. 194]

AVERBAÇÃO 2: “Descobriram, finalmente, os pilotos e marinheiros portuguezes as costas da Africa e da America , e souberam mais e philosopharam melhor sobre um só dia de vista, que todos os sabios e philosophos do mundo em cinco mil annos de especulação.” [STDA. 194]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B120	<i>filósofo</i>	Substantivo	Que a ama a sabedoria

AVERBAÇÃO 1: “Uma nos formou homens, outra, falando como filósofo, nos iguala aos deuses. Sem educação, a razão mal atina com o homem, e com ela o instinto rende a sua homenagem à razão.” [CJCB. 50]

AVERBAÇÃO 2: “[...] O inverno não tem entrado ainda em Paris, os frios são medíocres e o tempo é claro. Por isso dizem aqui alguns dos filósofos novos da doutrina de Descartes que o orbe terrestre se abatera ou os polos deram de si.” [CJCB. 154]

36. -sofia

VARIAÇÃO GRÁFICA OU ALOMORFES: sofia ~sophia

ÉTIMO: do grego *sophía*, as ‘saber, ciência’

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A048	<i>filosofia</i>	substantivo	Amor pela sabedoria

AVERBAÇÃO 1: “[...] em pode ter subido muitos degraus dos muitos que se hão de subir para chegar ao alto templo da pintura e d'ali tomar a filosofia natural [...]” [PA 18]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B121	<i>filosofia</i>	substantivo	Amor pela sabedoria

AVERBAÇÃO 1: “Entrou nele e estudou com tal cuidado que, em Lógica e Filosofia, não tinha igual entre todos seus condicípulos. Foi logo prosseguindo na Teologia Escolástica e Moral.” [VFBM. 22]

AVERBAÇÃO 2: “Assi, fazia muito fruto sua pregação, e do curso tirou discípulos aproveitados na Filosofia humana e na divina [...]” [VFBM. 27]

AVERBAÇÃO 3: “Quem persuadira esta filosofia aos ambiciosos!” [VFBM. 35]

AVERBAÇÃO 4: “Floreciam por este tempo na cidade e Universidade de Coimbra os estudos de Gramática, Retórica e Filosofia [...]” [VFBM. p. 97]

AVERBAÇÃO 5: “[...] e assi ficava ardendo em mais secura, porque a pouca água que tomava era provocadora de mais sede, como se deixa entender em boa filosofia.” [VFBM. 137]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
A049	<i>filosofia</i>	substantivo	Amor pela sabedoria

AVERBAÇÃO: “[...] e alcança, o que exercita: exemplo sejaõ a Sagrada Theologia, a Philosophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras, que nascem destas, as quaes são verdadeiras ciencias, porque não só ensinaõ o que professaõ, mas tambem provaõ por seus principios, e demonstraõ, por consequencias evidentes, o que ensinaõ.” [AF. 60]

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B122	<i>filosofia</i>	substantivo	Amor pela sabedoria
AVERBAÇÃO 1: “Esta é boa <u>filosofia</u> . Assi ela seja bem crida, como é bem verdadeira. Voltam as 22 cartas que ficam já copiadas.” [CFFMM 8]			
AVERBAÇÃO 2: “[...] porque é ~ua <u>filosofia</u> prazenteira e não de cães e selvagens, como a dos Cínicos, nem de pompas e estrados, como a dos Platónicos.” [CFFMM. 28]			
AVERBAÇÃO 3: “É razão distinguir as operações, que por próprio modo os mestres da <u>Filosofia</u> artificiosa nos chamaram teórica e prática.” Cartas Espirituais [CFFMM. 70]			
AVERBAÇÃO 4: “Vem aqui os preceitos da <u>filosofia</u> .” [CFFMM. 74]			
AVERBAÇÃO 5: “Mas eles querem tudo; por que não só fique perdido, mas desonrado. Ora aqui entra a temperança, a constância e a <u>filosofia</u> .” [CFFMM. 105]			
AVERBAÇÃO 6: “Porque na verdade não consiste a <u>filosofia</u> moral ou católica em só trazer os corpos despidos alg~ua pompa, mas em trazer os ânimos ornados de toda a virtude.” [CFFMM. 135~]			
AVERBAÇÃO 7: “A ilustre consolatória do famoso Boécio, está no mundo como por de mais, depois que os homens ~ua nova <u>filosofia</u> , pela qual o afligido por si mesmo se consola, porque se não aflige.” [CFFMM. 167]			
AVERBAÇÃO 8: “Esta minha <u>filosofia</u> não torna a afirmar aquela que há pouco reprimi nos Estoicos.” [CFFM. 206]			
AVERBAÇÃO 9: “A segunda razão seja aquela que ao amor, à cristandade, à <u>filosofia</u> pudera ser primeira.” [CFFMM. 214]			
AVERBAÇÃO 10: “[...] e até Avicena foi não pouco louvado de seu comentador Averroes, por saber misturar o estudo das Leis com o da <u>Filosofia</u> .” [CFFMM. 228]			
AVERBAÇÃO 11: “A <u>Filosofia</u> não com menor progresso nos ilustra; pois, quando não sobejassem para assegurar-nos a glória desta ciência os passados, eram bastantes a engrandecer-nos os livros do douto padre Baltasar Teles e do moderno Francisco Soares, que nas letras, como no nome [...]” [CFFMM. 228]			
AVERBAÇÃO 12: “Assi o douto padre e consumado teólogo Sebastião do Couto, na Lógica do Curso P. Pedro da Fonseca, varão insigne em Teologia e <u>Filosofia</u> , na sua Dialéctica, Comentários e tradução P. Manuel de Goes, P. Gaspar do Amaral, no livro da Natural Filosofia.” [CFFMM. 228]			

CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B123	<i>filosofia</i>	substantivo	Amor pela sabedoria
AVERBAÇÃO: “[...] provando com a <u>Filosofia</u> que um acto não pode compreender duas qualidades incompatíveis; porque a qualidade quente se há-de extinguir primeiro que a fria se introduza.” [TP. 59]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B124	<i>filosofia</i>	substantivo	Amor pela sabedoria
AVERBAÇÃO: “Não vi engenho em muito maior idade que tanto me admirasse. Lê e entende o latim perfeitamente; argumenta nas questões da <u>filosofia</u> e política com grande juízo.” [CAV. 83]			
CÓD.	COMPOSTO	CLASSE DO COMPOSTO	SENTIDO DO COMPOSTO
B125	<i>filosofia</i>	substantivo	Amor pela sabedoria
AVERBAÇÃO 1: “Assim se converte e se multiplica em nova substância tudo o que come a guerra. E, se Castela quer conhecer as causas naturais desta <u>filosofia</u> , sem serem os Portugueses dentes do Cadmo [...]” [HF. 113]			
AVERBAÇÃO 2: “Deste modo crescem e se aumentam todas as ciências, não só as naturais, senão as divinas, e por isso se chamam e são ciências. Assim como a <u>filosofia</u> [...]” [HF. 145]			
AVERBAÇÃO 3: “Sêneca floresceu nos tempos de Nero, que vem a ser, por boas contas, dezasseis séculos antes deste nosso; e se ele conheceu que os que nascessem dali a mil séculos, ainda teriam muito que dizer na mesma <u>filosofia</u> moral em que ele tanto e tão subtilmente disse, que muito é que se atreva a dizer alguma cousa a nossa idade, se ainda lhe restam [...]” [HF. 171]			